

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Mariana Brasil Galvão

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS
PÚBLICAS SOBRE A UNIVERSIDADE**

JUIZ DE FORA

2021

MARIANA BRASIL GALVÃO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS
PÚBLICAS SOBRE A UNIVERSIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof. Dr. Eduardo Magrone – Orientador

JUIZ DE FORA

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Galvão, Mariana Brasil.

Representações sociais de alunos do ensino médio de escolas públicas sobre a universidade / Mariana Brasil Galvão. – 2021.
98 p. : il.

Orientador: Eduardo Magrone

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Democratização. 2. Representações sociais. 3. Ensino superior público. 4. Ensino médio público. I. Magrone, Eduardo, orient. II. Título.

Mariana Brasil Galvão

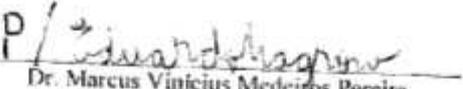
**Representações Sociais de Alunos do Ensino Médio de Escolas Públicas Sobre a
Universidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 05 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA


Dr. Eduardo Magrone – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

P/ 
Dr. Marcus Vinícius Medeiros Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora

P/ 
Dra. Débora Breder Barreto
Universidade Católica de Petrópolis

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento que eu tanto esperei, o de concluir o meu trabalho e agradecer aqueles que de alguma forma contribuíram para que isso fosse possível. Pensando no que escrever, lembrei-me de um trecho de uma música do Lenine que diz: “O que eu sou, Eu sou em par, Não cheguei, Não cheguei sozinho”. E foram muitos os pares que me trouxeram até aqui.

Agradeço primeiramente a minha mãe, por seu imenso trabalho, invisível para muitos, de mãe e dona de casa. Ela foi minha primeira professora, em casa mesmo, para os estudos e para a vida. Sempre esteve ao meu lado, apoiando e incentivando minhas escolhas, mesmo quando todos queriam que eu seguisse outro caminho, aconselhava-me a fazer o que me traria felicidade.

Ao meu pai, que tanto batalhou para nos dar o melhor que podia. Foi e é um pai no sentido mais amplo da palavra. Um grande exemplo para nós!

Aos meus irmãos, pela admiração que por muito tempo demonstraram ter por mim e que muitas vezes me deu força para buscar ser ainda melhor. A minha irmã um agradecimento especial por toda a ajuda desde a seleção para a entrada no mestrado até a conclusão dessa dissertação. Ela, que já passou por esse processo, foi praticamente uma coorientadora e psicóloga durante esse tempo, me ouvindo pacientemente e dando valiosas dicas.

Ao meu marido, meu amor e companheiro, por me fazer acreditar que eu era capaz. Encorajou-me desde a decisão de tentar o processo seletivo até as últimas linhas desse trabalho. Tantas vezes demonstrou querer que eu concluísse essa etapa mais que eu mesma.

Ao meu orientador, Eduardo Magrone, por toda sua paciência e compreensão com o meu tempo, por sua colaboração e apontamentos tão enriquecedores para o meu trabalho.

Aos professores Marcus Vinícius e Débora, que participaram das bancas de qualificação e defesa, pela disponibilidade e valorosas contribuições.

Aos alunos que eu tive ao longo da minha jornada em sala de aula, nossas interações despertaram em mim o interesse pelo tema aqui tratado. Agradeço também aos alunos que aceitaram participar dessa pesquisa e a todos os colegas que ajudaram na busca por esses alunos.

Com certeza essa lista poderia se estender por mais algumas páginas, são muitas as pessoas que participaram desse caminho. A todos vocês meus sinceros agradecimentos!

*Uma nação solidária
Sem preconceitos, tomara
Uma nação como nós*

(Alceu Valença)

RESUMO

A forte relação entre educação e desenvolvimento social, que existe na sociedade, faz com que essa se apresente como uma grande possibilidade de mudança na vida das pessoas, e, por isso, os alunos depositam na escola e na educação a esperança de conseguir um status social mais reconhecido e empregos mais qualificados. Esses alunos têm o direito e devem ter a possibilidade de cursar uma universidade. O objetivo desse trabalho é compreender como os estudantes de escolas públicas veem a universidade pública. Parte-se da ideia inicial de que o público-alvo deseja chegar à universidade, mas acredita que esse espaço é inalcançável para a realidade deles. A partir de entrevistas, que foram realizadas com 11 alunos do ensino médio de escolas públicas do município de Juiz de Fora, foram discutidos dois pontos principais: se esses estudantes veem a universidade pública como uma possibilidade e, caso vejam a universidade como uma possibilidade, como a veem. A investigação realizada foi do tipo qualitativa, com as entrevistas seguindo um roteiro semiestruturado. Devido à pandemia do Covid-19, todas as entrevistas foram realizadas por meio do aplicativo WhatsApp. Cinco entrevistas foram realizadas por chamada de vídeo, três por troca de áudios e outras três por mensagem de texto. A hipótese desse trabalho foi contrariada pelas 11 entrevistas realizadas, nas quais nove estudantes deixaram visível em suas falas que percebem a universidade como uma possibilidade e buscam isso de diferentes formas. Os dois alunos restantes, ainda que não tenham a universidade como o plano principal para após a conclusão do ensino médio, a colocam como uma segunda opção, mostrando que também a veem como uma possibilidade. Todos os estudantes estão buscando desvios na trajetória de suas famílias, pois são filhos de pais que não cursaram a universidade, mas têm esse objetivo. Mesmo aqueles que não têm a universidade como primeira opção, desejam a aprovação em concursos, visando garantir a estabilidade que não veem na vida de seus pais. Para isso, são mobilizados pelos estudantes e seus pais diferentes tipos de estratégias, como mudança de cidade, busca por escolas que reconhecidamente possuam um melhor ensino, pagamento de cursinho preparatório, gastos com transporte público, além do investimento em tempo e abdicação de outras atividades. Os investimentos realizados pelos estudantes e suas famílias, sejam eles quais forem, visam os lucros que esperam obter em médio ou em longo prazo do mercado escolar, por perceberem reais possibilidades desse retorno, devido a um histórico de êxito estudantil ao longo da vida escolar desses estudantes.

Palavras-chave: Representações sociais, ensino médio público, ensino superior público, democratização.

ABSTRACT

In contemporary society, education is strongly connected to social development, as it is a relevant possibility of change in the individuals' lives. Therefore, students hold school and education in high regard, hoping to achieve higher social status and more qualified jobs. Such students have the right to attend to college, and must have that possibility assured. The main objective of the present paper is to understand how public school students perceive the public university. The main understanding is that the target demographic desires to attend the university, but believes that such space is unreachable from their context. 11 high school students from public schools in the municipality of Juiz de Fora were interviewed, with two main discussions: if such students perceive the public universities as achievable, and, if so, how is such perception. A qualitative investigation was performed, with semistructured interviews. Due to the Covid-19 pandemic, all the interviews were by WhatsApp. Five interviews were by video call, three by voice messages and three by text messages. The hypothesis of this paper was debunked by all the 11 interviews, in which nine of the students made clear that they perceive the university as a possibility and aim at such goal in different manners. The other two students put the university education not as a priority, but as a second option. Every student is searching for a change in their families trajectories, since their parents have not attended the university but they seek such goal for themselves. Even those who do not contemplate the university as their first option desire to be approved for public positions, aiming the stability they did not perceive in their parents' lives. Thus, different strategies are employed by both the students and their parents, such as moving to other cities, seeking for schools that are regarded as better, paying for private prep courses, expenses with public transportation, as well as investment both in time as in giving up on regular activities. Whatever the investments by the students or their parents, aim the profits that they wish to obtain in medium to long term in the student market, for they see real possibilities of such payback due to a record of educational success throughout their student life.

Keywords: social representations, public high school, public university, democratization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1. Indicadores Principais da Meta 03	18
Gráfico 2. Alocação dos jovens nas categorias de estudo e trabalho – 15 a 17 anos (em%)	20
Gráfico 3. Alocação dos jovens nas categorias de estudo e trabalho – 18 a 24 anos (em%)	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil
CEFETS	Centros Federais de Educação Tecnológica
EAD	Educação à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPCAR	Escola Preparatória de Cadetes do Ar
FONAPRACE	Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IF	Instituto Federal
IFET	Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Sudeste De Minas Gerais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OPNE	Observatório do PNE
PNAD Contínua	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PNE	Plano Nacional de Educação
PISM	Programa de Ingresso Seletivo Misto
PROAE	Pró-reitoria de Assistência Estudantil
PROUNI	Programa Universidade para Todos
REUNI	Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial
SESu	Secretaria de Educação Superior
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA	16
2.1	A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO BRASILEIRO	18
2.2	A EXPANSÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA	21
2.2.1	As políticas de cotas e de assistência estudantil no Brasil	22
2.2.2	O caso da Universidade Federal de Juiz de Fora	25
2.2.3	O perfil dos alunos das Instituições Federais de Ensino Superior	28
3	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E <i>HABITUS</i> DOS ESTUDANTES	30
3.1	DIALOGANDO COM OS ALUNOS, SUAS TRAJETÓRIAS E PLANOS	35
3.1.1	Douglas	35
3.1.2	Lucas	38
3.1.3	João	43
3.1.4	Fernando	45
3.1.5	Renata	47
3.1.6	Juliana	49
3.1.7	Paulo	51
3.1.8	Tatiana	62
3.1.9	Tiago	65
3.1.10	Roberta	70
3.1.11	Carolina	76
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
	APÊNDICE	90
	ANEXO	92

1 INTRODUÇÃO

A história da universidade brasileira é recente. A primeira universidade pública do Brasil foi a Universidade do Rio de Janeiro, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que completou 100 anos em 2020. Em comparação aos países vizinhos que passaram por um processo de colonização exploratória semelhante à nossa e ao mesmo tempo em que a nossa, já saímos atrás com relação ao ensino superior, pois os espanhóis construíam universidades desde o século XV. A universidade mais antiga da América do Sul, a Universidade Nacional Maior de São Marcos, em Lima, no Peru, tem 470 anos.

Nossa história é marcada por um intenso processo de exclusão, principalmente dos grupos sociais menos favorecidos. O acesso “ao conhecimento científico e aos saberes sistematizados, ainda privilégio das elites”, é uma das muitas barreiras que impedem esses grupos de terem ascensão a um padrão de vida melhor (ARAÚJO, 2012, p. 116).

No Brasil, as universidades concentravam-se nas metrópoles e atendiam, quase que majoritariamente, a pessoas de classes sociais mais elevadas, não tendo, em seu corpo discente, o reflexo da população brasileira, constituída, em grande parte, por pessoas pobres, por negros, espalhados em todo o nosso território que é enorme. Esse foi o padrão que predominou até o início dos anos 2000. Diante desse cenário, somado à universalização da educação básica, se fazia urgente repensar e reestruturar o ensino superior brasileiro.

A forte relação entre educação e desenvolvimento social, que existe na sociedade, faz com que essa se apresente como uma grande possibilidade de mudança na vida das pessoas, e, por isso, os alunos depositam na escola e na educação a esperança de conseguir um status social mais reconhecido e empregos mais qualificados. Esses alunos têm o direito e devem ter a possibilidade de cursar uma universidade.

Apenas 23% dos jovens brasileiros de 18 a 24 anos estão matriculados no ensino superior, sendo 27% desse número em uma instituição pública de ensino (PNAD, 2017). Em um país com as dimensões do nosso, com as desigualdades sociais que se perpetuam e a necessidade de romper com esse quadro, é preciso pensar, fomentar e implementar políticas públicas que não apenas democratizem o acesso ao ensino superior, mas que assegurem a permanência, a promoção e a aprendizagem de uma população alijada desse nível de ensino ao longo da história.

A educação, em todos os seus níveis, é um direito assegurado pela Constituição Federal brasileira. Em um passado recente, como forma de cumprir esse dever, os governos

anteriores vinham “criando políticas que visam em específico auxiliar a inserção educacional do público que até hoje esteve excluído da política educacional, devido, principalmente, à sua condição social e econômica”. Além do acesso, essas políticas também buscavam “aprimorar a percepção crítica e a participação ativa dos cidadãos, para que efetivamente se constituam como tal” (BORGES, 2013, p. 88).

As políticas públicas para a educação são definidas como a totalidade de ações, metas e planos que os governos traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público (SESU, 201-). “Por se dedicarem a ser equalizadoras de recursos e oportunidades, as mais variadas políticas e ações voltadas para o maior acesso à educação podem ser consideradas políticas sociais” (BORGES, 2013, p. 89). Programas de expansão da universidade pública, como a Lei de Cotas e as Políticas de Assistência Estudantil, buscam democratizar o acesso e a permanência no ensino em nível superior.

Porém, como observava Bourdieu (1998), a mera expansão dos sistemas escolares não é suficiente para acabar com a exclusão que os grupos menos favorecidos e historicamente discriminados sofrem no ambiente educacional. Assim, é necessário que a universidade possibilite uma formação que contemple a diversidade, a liberdade de pensamento e expressão, que estimule a produção intelectual e cultural, possibilitando o desenvolvimento de cidadãos críticos, capazes de se inserir na sociedade e operar transformações pessoais e coletivas, caso contrário, a universidade estará apenas servindo à reprodução da conservação social.

O objetivo desse trabalho é compreender como os estudantes de escolas públicas veem a universidade pública. A partir de entrevistas, que foram realizadas com alunos do ensino médio de escolas públicas do município de Juiz de Fora, foram discutidos dois pontos principais: 1) se esses estudantes veem a universidade pública como uma possibilidade e 2) caso vejam a universidade como uma possibilidade, como a veem. Parte-se da ideia inicial de que o público-alvo deseja chegar à universidade, mas acredita que esse espaço é inalcançável para a realidade deles.

Além disso, é importante analisar cuidadosamente cada situação, levando em conta o *habitus* familiar de cada aluno, as suas estratégias de escolarização, para verificar se há uma homogeneização do *habitus* devido à condição comum a todos os participantes, o fato de serem estudantes de escolas públicas, ou como as disposições mobilizadas pelos agentes sociais para a educação se diferenciam.

Essa compreensão e análise são necessárias para auxiliar trabalhos futuros que busquem refletir se as políticas públicas de democratização do ensino superior estão alcançando o público para o qual foram ou, pelo menos, deveriam ter sido implementadas.

Para isso, o capítulo inicial traz uma breve exposição sobre o sistema educacional público brasileiro, com ênfase no ensino médio, por se tratar da etapa em que se encontra o público-alvo desse trabalho. Em seguida, trata da expansão das universidades públicas através de programas e políticas como o Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI) e do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB); da ampliação do acesso por meio das políticas de cotas; e da permanência por meio das políticas de Assistência Estudantil. São discutidos o direito à educação, assegurado na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) para esse nível educacional que são pertinentes às questões aqui tratadas, e é traçada uma trajetória dessas políticas no Brasil, culminando em uma exposição do processo de sua implementação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Além disso, são abordadas as características do perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e sua mudança ao longo dos anos (1995 a 2019) através da análise das publicações dos resultados das cinco pesquisas nacionais realizadas pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil (ANDIFES) e pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE).

No capítulo seguinte, são explorados alguns trabalhos de autores, como Maria Laura Barbosa Franco e Gláucia Torres Franco Novaes, que abordaram as representações sociais de estudantes do ensino médio sobre questões como escola e trabalho; Maria da Graça Jacintho Setton, que tratou das escolhas pelo projeto escolar e sucesso, relacionados aos processos de socialização e individuação; Nadir Zago, que estudou a importância de compreender as desigualdades de acesso e permanência no ensino superior na visão dos estudantes; Ana Maria Freitas Teixeira, que abordou a travessia entre a escola pública e a universidade para jovens de camadas populares; Mônica Sparta e William Gomes, que estudaram a importância atribuída pelos alunos do ensino médio ao ingresso na educação superior; Geraldo Leão, Juarez Tarcísio Dayrell e Juliana Batista dos Reis, que trataram dos projetos de vida e as contribuições da escola para jovens do ensino médio; entre outros. Ainda são discutidos alguns conceitos de Pierre Bourdieu em diálogo com a temática aqui abordada. Junto com a

literatura que embasa esse trabalho são apresentadas as entrevistas realizadas com os estudantes.

Para realizar a investigação proposta neste trabalho, foram feitas entrevistas semiestruturadas com alunos do ensino médio de escolas públicas estaduais localizadas na cidade de Juiz de Fora.

A entrevista nos permite captar dados que contribuem decisivamente para o andamento da pesquisa, como sentimentos, pensamentos, intenções e expressões, além de possibilitar a captação imediata da informação desejada. De acordo com Afonso (2005, p. 97), “a realização de entrevistas constitui uma das técnicas de recolha de dados mais frequentes na investigação naturalista, e consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermédio do telefone”.

A investigação realizada foi do tipo qualitativa. Conforme Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa é descritiva, sendo mais propícia para compreender, descrever e interpretar os fatos que envolvem o estudo. Os autores afirmam que os investigadores que utilizam essa abordagem têm interesse na maneira como pessoas diferentes dão sentido às suas vidas.

Ainda sobre o tipo de investigação escolhido, Creswell afirma que:

A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas (Wolcott, 1994). Isso também significa que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico. Não é possível evitar as interpretações pessoais, na análise de dados qualitativos (Creswell, 2007, p.186-187).

Inicialmente, pretendia-se entrevistar alunos escolhidos de forma aleatória ao visitar escolas localizadas em bairros com diferentes índices de desenvolvimento social, para que as respostas fossem comparadas a partir de aspectos sociais. Os índices de desenvolvimento de cada bairro seriam obtidos a partir do documento “Mapa social: análise da situação do desenvolvimento familiar em Juiz de Fora”. Essa ideia inicial está de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 48) quando afirmaram que “os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre,

deslocando-se, sempre que possível, ao local de estudo”. Porém, com o início da pandemia da Covid-19 e a necessidade de distanciamento social, alguns aspectos metodológicos precisaram ser reestruturados.

[...] como as classes sociais não podem ser definidas [...] apenas pela renda e pelo padrão de consumo, mas, antes de tudo, por um estilo de vida e uma visão de mundo “prática”, que se torna corpo e mero reflexo, mera disposição para o comportamento, que é em grande medida pré-reflexivo ou “inconsciente”, temos que estudá-la empírica e teoricamente para definir seu lugar preciso (SOUZA, 2012, p.26).

Como a ideia de pesquisar os estudantes de escolas públicas a partir de sua classe social foi redefinida por estratégia metodológica devido à pandemia e não foi considerada nas entrevistas realizadas, esse trabalho não pretende aprofundar a definição e o debate sobre classes sociais.

O procedimento para coleta de dados se deu através de interação verbal ou textual, a depender do aluno, de forma remota, entre o entrevistador e o respondente, com uma entrevista semiestruturada, sistematizada previamente por um roteiro que serviu como meio de busca para atingir os objetivos pretendidos.

Todo o contato foi feito por meio de redes sociais e aplicativos de conversas, não tendo havido encontro presencial com nenhum participante. As entrevistas foram realizadas com o auxílio do WhatsApp e ocorreram da forma como o aluno se sentia melhor. A prioridade era a vídeo chamada, pela maior possibilidade de interação entre o pesquisador e o participante, mas muitos alunos não se sentiam a vontade e condicionaram sua participação a outras formas de responder as perguntas.

Foram duas fases diferentes de entrevistas. A primeira fase ocorreu entre julho de 2020 e fevereiro de 2021 e contou com seis alunos participantes. Dentre esses, apenas um aluno aceitou participar por vídeo chamada, dois alunos participaram com as perguntas e respostas sendo enviadas por áudio e três alunos solicitaram as perguntas por texto e as respostas também foram dadas dessa forma. No momento de analisar esses dados recolhidos, verificou-se uma deficiência com relação à possibilidade de discussão das respostas e percepção das representações dos estudantes. Optou-se, então, por uma nova fase de entrevistas, com reformulação do roteiro. Essa segunda fase aconteceu no período entre 31 de julho de 2021 e 03 de agosto de 2021. Foram cinco entrevistas realizadas, sendo quatro por vídeo chamada e uma por troca de áudios.

Todos os estudantes participantes da pesquisa possuem em comum o fato de serem alunos do ensino médio regular de escolas públicas. Porém, durante a busca por alunos que aceitassem participar, priorizou-se, dentro do universo de escolas públicas da cidade de Juiz de Fora, estudantes de diferentes redes. São dois alunos de escolas federais, oito alunos de escolas estaduais comuns e um aluno de escola estadual administrada por militares que, sabidamente, possui suas particularidades. Essa escolha teve a intenção de aumentar as possibilidades de análise da trajetória desses estudantes, de realizar comparações e maiores reflexões.

Os participantes possuem idades entre 15 a 19 anos, sendo seis homens e cinco mulheres, e estão distribuídos entre as três etapas do ensino médio. Os nomes dos entrevistados foram alterados para nomes fictícios, e os nomes das escolas em que estudam e já estudaram foram omitidos, de forma a garantir o anonimato dos participantes.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas e foi realizada uma reflexão com retorno à literatura para compreender, descrever e interpretar os fatos que envolveram o estudo, com foco na inserção da universidade no discurso do público alvo.

Por fim, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais.

2 A EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA

No Brasil, o sistema educacional é dividido em educação básica e ensino superior. Com relação à educação básica, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) preconiza que “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade”, sendo essa organizada em pré-escola, ensino fundamental e ensino médio.

O ensino fundamental é obrigatório para as crianças acima dos seis anos de idade. Essa etapa do ensino tem duração de nove anos, divididos em anos iniciais, com duração de cinco anos, e anos finais, com duração de quatro anos.

Já o ensino médio, a última etapa da educação básica, tem duração de três anos, sendo previsto para ser realizado por jovens com idade entre os 15 e 17 anos.

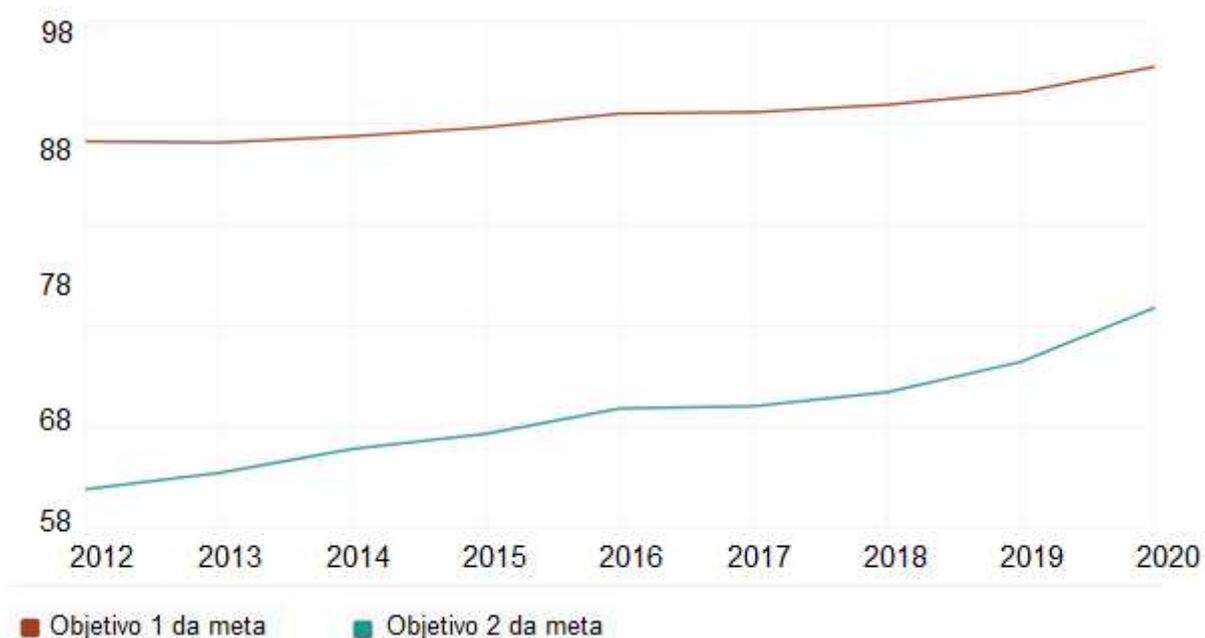
O Ensino Médio tem sido campo de preocupações e de disputas quanto às suas finalidades ao longo do tempo. Em sua história, ora foi identificado como curso intermediário entre o ensino fundamental e o ensino superior, ora como tendo uma finalidade estritamente profissionalizante. Atualmente, encontra-se diante de dois grandes desafios. Um deles, estabelecido já desde 1996 pela atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) lhe confere a identidade de ser “educação básica”, o que significa que seja reconhecido também como um “direito”; o outro, impulsionado pela Emenda Constitucional 59/2009, que alterou a Constituição Federal e prolongou o tempo de escolaridade obrigatória no Brasil para a faixa etária dos quatro aos 17 anos, reforça o sentido da ampliação do direito à educação e, além disso, indica que se assegure o acesso, permanência e conclusão para todos os que se encontram na idade entre 15 e 17 anos (SILVA & OLIVEIRA, 2016, p.6).

A partir da inclusão do ensino médio na educação básica e de sua progressiva obrigatoriedade, estabelecidas na LDB, houve um expressivo crescimento no número de matrículas, aumentando os debates sobre essa etapa de ensino e a conseqüente necessidade de políticas educacionais.

A meta 03 do Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência 2014-2024, trata do ensino médio e prevê “Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no Ensino Médio para 85%”. Assim sendo, essa meta é dividida em dois objetivos: 1) Matricular todos os jovens de 15 a 17 na escola até 2016 e 2) Garantir, até 2024, que 85% dos jovens de 15 a 17 anos estejam no Ensino Médio (OPNE, 2020).

De acordo com dados do Observatório do PNE (OPNE), o primeiro objetivo dessa meta alcançou o resultado parcial de 94,5% dos jovens de 15 a 17 anos na escola em 2020. Já o segundo objetivo teve como resultado parcial 75,4% dos jovens de 15 a 17 anos cursando essa etapa em 2020. O gráfico abaixo, extraído do site do OPNE, sintetiza os dados apresentados.

Gráfico 1. Indicadores Principais da Meta 03



Fonte: IBGE/PNADC. Adaptado.

Como consequência da ampliação desses números, houve a mudança no perfil do público matriculado no ensino médio.

Estes jovens estudantes que frequentam a escola de Ensino Médio atualmente são, em sua maioria, oriundos das classes trabalhadoras que conseguiram ter acesso ao Ensino Fundamental por conta das políticas que garantiram a universalização de tal etapa (Stoski & Gelbcke, 2016, p.33).

2.1 A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO BRASILEIRO

Apesar de a educação em todos os seus níveis ser um direito garantido pela Constituição Federal, são baixos os índices de acesso da nossa população ao ensino superior. O número de vagas preenchidas nessa modalidade representa 3,9% da população brasileira. Vários fatores concorrem para produzir esse cenário, tais como baixos índices de conclusão do ensino médio, problemas socioeconômicos, necessidade de trabalhar antes de ingressar no ensino superior, número reduzido de vagas, principalmente no ensino superior público, concentração da oferta em grandes centros urbanos (FILHO, 2007; INEP, 2016).

O Plano Nacional de Educação (PNE), que vigorou entre 2001 e 2010, propunha como meta a oferta de educação superior para, pelo menos, 30% da faixa etária de 18 a 24 anos até o final da década (BRASIL, 2014). Essa meta não foi atingida, ainda que esforços tenham sido empreendidos.

Em um balanço realizado pela Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC), referente ao período de 2003 a 2013, constatou-se que 9.306.877 pessoas concluíram algum curso em nível superior no período. Este número equivalia a cerca de 5% da população brasileira no período considerado na publicação – um dado significativo para um país onde, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 11% possuíam este nível acadêmico.

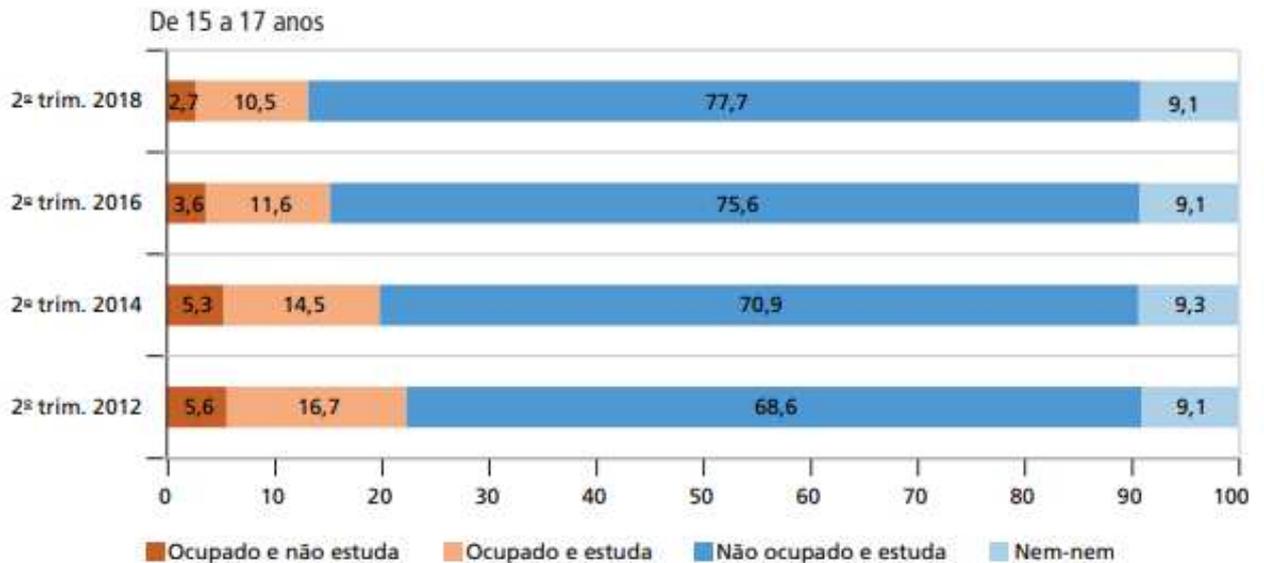
Cabe destacar ainda o forte incremento das matrículas na graduação à distância. Em 2003, eram menos de 50 mil matrículas; em 2013, mais de 1,1 milhão. Esse extraordinário crescimento (da ordem de 2.200%) comprova, de um lado, a existência de uma forte demanda reprimida por modelos alternativos de oferta de educação superior, e, de outro, a superação do preconceito histórico com a modalidade, fruto das políticas do MEC nesse sentido.

Estudar é um processo que demanda tempo e dinheiro, dois bens preciosos e limitados para a maioria dos brasileiros. A educação superior é vista tradicionalmente como um reduto da elite economicamente favorecida. Boa parte da juventude brasileira ingressa no mercado de trabalho precocemente, particularmente quando se trata de jovens desfavorecidos. Em verdade, para significativa parcela dessa juventude, o trabalho aparece como elemento constitutivo da própria condição de jovem (ABRAMO, 2005).

A alocação dos jovens entre estudo e trabalho é muito influenciada pela faixa etária. Os adolescentes, de 15 a 17 anos, ainda se encontram em idade escolar; portanto, nesse grupo etário, é esperado que os jovens estejam estudando, ou combinando estudo com alguma atividade de trabalho. A problemática dos nem-nem entre os adolescentes está diretamente relacionada à evasão escolar. A partir dos 18 anos, o envolvimento com o mercado de trabalho é crescente, e as dificuldades de inserção no trabalho, como as altas taxas de desemprego e o desalento, tendem a ter um peso maior na determinação do nem-nem (IPEA, 2020, p 32-33).

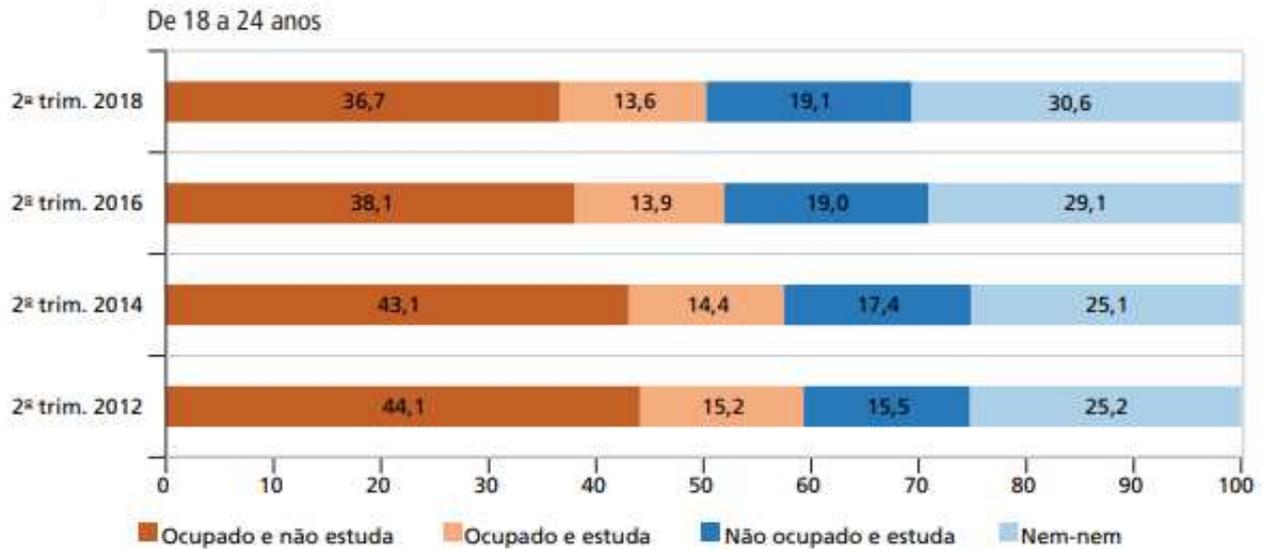
Os gráficos abaixo, elaborados a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua), apresentam o percentual de jovens que apenas trabalham, trabalham e estudam, apenas estudam, e nem trabalham e nem estudam. Os períodos considerados nesse compilado de informações foram os segundos trimestres dos anos de 2012, 2014, 2016 e 2018. Os gráficos, ainda, são divididos em faixas etárias de 15 a 17 anos (Gráfico 2) e de 18 a 24 anos (Gráfico 3).

Gráfico 2. Alocação dos jovens nas categorias de estudo e trabalho – 15 a 17 anos (em%)



Fonte: IPEA, 2020. Adaptado.

Gráfico 3. Alocação dos jovens nas categorias de estudo e trabalho – 18 a 24 anos (em%)



Fonte: IPEA, 2020. Adaptado.

É dever do Estado intervir, nesse caso, através da proposição de políticas públicas de acesso ao ensino superior. Programas de políticas públicas que visam o acesso e a permanência da classe de baixa renda no ensino superior buscam democratizar a educação nesse nível. Mas, apesar dos avanços, ainda se fazem necessárias ações mais efetivas para atenuar os problemas históricos da educação superior no Brasil (SEMESP, 2015; MOURA, 2016).

O processo de democratização compreende reverter o quadro no qual ir à universidade é opção reservada às elites. A definição de um projeto para a educação superior deve entender esta como bem público, destinada a todos indistintamente, inserida no campo dos direitos sociais básicos, tratada como prioridade da sociedade brasileira, sendo que a universidade deve ser a expressão de uma sociedade democrática e multicultural, em que se cultiva a liberdade, a solidariedade e o respeito às diferenças (SESU, 201-).

O desafio do acesso equitativo não pode ser resolvido exclusivamente por meio da elevação da matrícula no nível superior, pois as causas fundamentais da desigualdade residem, na verdade, nos níveis precedentes da educação (BERNHEIM & CHAÚÍ, 2008). Há de se considerar também que, mesmo que haja vagas para todos no ensino superior presencial, a realidade de muitos alunos, de ter que trabalhar, os deixa distantes dessa possibilidade.

Para obter o direito à educação, consagrado em lei, de forma que os alunos consigam não apenas a aprovação e matrícula, mas a permanência e conclusão, há a necessidade de

políticas públicas educacionais efetivamente inclusivas, reconhecedoras das diferenças sociais.

2.2 A EXPANSÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Durante os anos 2000, houve significativa expansão do número de instituições, cursos, vagas e matrículas nas instituições federais de ensino superior. Entre 2005 e 2017, foram criadas 18 novas IFES e 260 novos campi, a maioria nas regiões Norte e Nordeste, com as universidades chegando a locais e a uma população até então excluídos dessa possibilidade por questões sociais e de abandono por parte do Estado quanto à oferta de ensino superior público. As IFES, hoje, são compostas por 63 universidades e dois Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETS). O REUNI, lançado em 2007, foi responsável por boa parte das ampliações nas universidades (ANDIFES & FONAPRACE, 2019).

O sistema Universidade Aberta do Brasil foi instituído em junho de 2006 pelo Decreto 5.800, “com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País” (BRASIL, 2006). “Pretende-se atender os cidadãos que não tiveram acesso à educação, especialmente aqueles que se encontram em regiões distintas da oferta, isto é, a UAB também terá papel importante na expansão geográfica da oferta de educação no país” (FILHO, 2007, p. 87).

O enlace entre educação e ordenação territorial é essencial na medida em que é no território que as clivagens culturais e sociais, dadas pela geografia e pela história, se estabelecem e se reproduzem. Toda discrepância de oportunidades educacionais pode ser territorialmente demarcada: centro e periferia, cidade e campo, capital e interior. Clivagens essas reproduzidas entre bairros de um mesmo município, entre municípios, entre estados e entre regiões do País (HADDAD, 2008, p. 6).

O Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005 regulamenta que a educação à distância (EAD) pode ser ofertada em diferentes níveis e modalidades educacionais, como a educação básica, educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e educação superior, essa última, desde a graduação até o doutorado; sempre respeitando a legislação e as regulamentações em vigor para cada um desses níveis e modalidades (BRASIL, 2005).

A educação à distância surge como uma alternativa, para que aqueles alunos que acabaram de sair do ensino médio e têm a necessidade de trabalhar não precisem interromper seus estudos, mantenham sua trajetória linear e tenham acesso à universidade pública. Além de superar limitações geográficas, a EAD tem o potencial de promover a inclusão educacional de um segmento social alijado do ensino presencial em função das dificuldades de compatibilização do tempo, financeiras, entre outras.

Apesar de todo esse processo de expansão e interiorização das universidades, aumento do número de vagas, cursos, campi, Zago (2006) defende que:

[...] uma efetiva democratização da educação requer certamente políticas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas requer também políticas voltadas para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino. A desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior é construída de forma contínua e durante toda a história escolar dos candidatos (ZAGO, 2006, p. 228).

2.2.1 As políticas de cotas e de assistência estudantil no Brasil

Em 2004, foi apresentado, na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei nº 3.627 para instituição do sistema especial de reserva de vagas para estudantes egressos de escolas públicas, em especial, negros e indígenas, nas instituições públicas federais de educação superior. Em 2012, foi sancionada a Lei Federal nº 12.711/2012, conhecida como lei de cotas, que teve vigência a partir de 2013. O decreto nº 9.034, de 2017, inclui as pessoas com deficiência na lei de cotas.

Bittar & Almeida (2006) destacam a luta civilizatória contra a discriminação racial no mundo e no Brasil. As autoras afirmam que a “política de cotas para negros na educação superior é decorrência de todos esses movimentos e é vista como um ‘projeto de reparações’, para inserir os negros no meio social” (BITTAR & ALMEIDA, 2006, p. 2).

Conforme nos recorda Ribeiro:

[...] até o final do século 19, mais precisamente 1872, o país registrava a existência de leis que proibiam o acesso de negros e negras, livres ou libertos, a escola de qualquer nível, lembrando que a criação dos primeiros cursos de nível superior data do início do século 19. Daí por que não é a mesma coisa ser branco pobre e negro pobre no Brasil (RIBEIRO, 2003, A3).

Para Munanga (*apud* Bittar & Almeida, 2006, p. 4), caso o ensino básico melhorasse seus níveis de forma que os alunos de todas as redes, pública e particular, pudessem competir igualmente, ainda assim, “os alunos negros levariam cerca de 32 anos para atingir o atual nível dos alunos brancos”. Esse autor ainda pontua que, essas políticas são necessárias:

[...] onde os preconceitos e a discriminação racial não foram zerados, ou seja, onde os alunos brancos pobres e negros pobres ainda não são iguais, pois uns são discriminados uma vez pela condição socioeconômica e outros são discriminados duas vezes pela condição racial e socioeconômica (MUNANGA *apud* BITTAR & ALMEIDA, 2006, p. 4).

Bittar & Almeida (2006, p. 5) afirmam que “podem-se associar a discriminação e marginalização dos negros no contexto social, principalmente na escola”, e que “a discriminação opera como fator aditivo na operação de exclusão desses alunos do processo educativo”. Essa constatação está de acordo com a minha hipótese de pesquisa, pois acredito que vou encontrar alunos que afirmem que, na universidade, não há lugar para eles, por questões raciais, sociais, pelo medo e consciência da exclusão.

É um “estrato específico da população que necessita ser tratado de forma diferenciada dada às desigualdades históricas a que foram acometidos” (BARBOSA & LIMA, 2013, p. 2-3). Hermida (2004), em seu trabalho, mostra como a adoção de cotas para negros nas universidades americanas influenciou o crescimento da classe média afro-americana. Para Munanga (*apud* Hermida, 2004, p. 9), “apesar das críticas contra ação afirmativa, experiência das últimas quatro décadas nos países que implementaram não deixam dúvidas sobre as mudanças alcançadas”.

Além da política de cotas, que busca reparar problemas históricos através do acesso à universidade, é necessário garantir a permanência e conclusão da população em condições sociais vulneráveis. Para isso, foram estabelecidas as políticas de assistência estudantil.

O Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) já existia sob outras formas de assistência anteriormente ao decreto. Segundo a ANDIFES & FONAPRACE:

[...] o decreto 7.234 de julho de 2010 instituiu o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES com o objetivo de democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; reduzir as taxas de retenção e evasão; e contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. Definiu 10 áreas em que as ações de assistência deveriam ser desenvolvidas. Definiu no artigo 5º. o perfil prioritário estudantil beneficiário dos recursos: “estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar per

capita de até um salário mínimo e meio, sem prejuízo de demais requisitos fixados pelas instituições federais de ensino superior (ANDIFES & FONAPRACE, 2019).

As políticas de assistência estudantil, adotadas pelas universidades federais, têm como objetivo minimizar essas desigualdades por meio do acesso à educação superior pública por parte de uma população que historicamente teve renegado seu direito de competir nas mesmas condições com os estudantes oriundos das camadas médias, médias altas e altas por uma vaga no ensino superior público federal. Sales afirma que as políticas de ações afirmativas surgiram como forma de resposta “a uma situação social em que a contradição entre a enunciação dos direitos legais e o cumprimento desses direitos estava longe de satisfazer as reivindicações de grupos sociais que há muito se organizavam e se mobilizavam para que fossem cumpridos” (SALES, 2007, p. 8).

Em seu trabalho, Franco et. al. (2015) falam que há uma dívida educacional social pública. Os autores calculam o valor e o tempo que o Estado levaria para saldar essa dívida com a população brasileira. Para calcular a dívida social com relação à educação superior, foram consideradas as pessoas que possuem ensino “médio completo e superior incompleto, considerando que esse é o montante de pessoas que teriam condições para acessar esse nível de ensino”. Sendo assim, “esse cálculo soma uma dívida educacional social de educação superior para com 33.931.318 pessoas, uma cifra gigantesca”.

Assim, teríamos que multiplicar esse número de pessoas pelo número de anos de estudo superior que elas deixaram de ter. Pensando no tempo de duração da maioria dos cursos de graduação, no país, pensamos ser razoável utilizarmos o tempo médio de 4 anos de estudo por pessoa. Nesse caso, quatro anos de estudo multiplicado por 33.931.318 de pessoas nos dá o total de 135.725.272 anos. Ou seja, em um cálculo aproximado, o Brasil deve a sua população 135.725.272 anos de estudo. Se quisermos enxergar esse valor em uma perspectiva monetária, podemos multiplicar esse número de anos de estudo devido à população, pelo valor do custo/aluno-ano de educação superior, estimado pelo Ministério da Educação no ano de 2010. Para cursos presenciais de ensino superior o custo/aluno-ano foi estimado em R\$15.500,00. Assim, se o Estado Brasileiro resolvesse saldar sua dívida através do ensino presencial, unicamente, a dívida estaria em R\$ 2.103.741.716.000,00 em educação superior. Já o custo/aluno-ano de educação superior a distância é mais baixo e tem sido estimado em R\$ 3.090,00. Podemos conjecturar, então, que o Estado resolva saldar sua dívida dividindo meio a meio os anos devidos, entre as modalidades presencial e a distância. Nesse caso, a dívida diminui para R\$ 1.261.566.403.240,00 (FRANCO, et.al., 2015, p.13).

Os autores concluem o artigo refletindo que é possível saldar essa dívida, que as políticas de ações afirmativas têm vindo nesta direção e que é necessário acompanhar os resultados até o final da década do PNE. Porém, cabe ressaltar que essa reflexão foi feita antes do Golpe de 2016, quando ocorreu o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, a partir de onde a educação sofre com cortes orçamentários, principalmente o ensino superior público que, para muito além de orçamento, vem sofrendo ataques à autonomia constitucional universitária. Segundo a ANDIFES e FONAPRACE, até 2016, o volume de investimentos do PNAES foi crescente a cada ano, “saindo de R\$ 125 milhões em 2008, para pouco mais de R\$ 1 bilhão em 2016”. A partir daí, os valores de recursos vêm diminuindo.

Todas essas políticas de acesso e permanência na universidade talvez tenham mudado a visão dos estudantes de escolas públicas sobre a possibilidade de cursar o ensino superior. Aqueles que não se viam nesse espaço, por questões sociais, econômicas, raciais, podem ter passado a se sentir incluídos nessa realidade. Ao mesmo tempo, esses estudantes, talvez, sequer saibam de todas essas oportunidades. Apesar de ser em uma pequena amostra de estudantes do universo das escolas públicas, essa pesquisa ajudará a fazer uma associação se tais políticas alcançaram esses alunos.

2.2.2 O caso da Universidade Federal de Juiz de Fora

Conforme informações disponibilizadas no site da UFJF, são oferecidas anualmente aproximadamente 4.600 vagas em 93 cursos presenciais e a distância nos campi de Juiz de Fora e de Governador Valadares, nas modalidades bacharelado e licenciatura, em período diurno, integral ou noturno (Quadros A1 e A2 - ANEXO). Atualmente, no ano de 2019, são 17.838 alunos matriculados.

São duas as possibilidades de ingresso na UFJF para cursos de graduação presencial. Metade das vagas ofertadas pela universidade é pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), condicionado à participação nas provas anuais do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A outra metade das vagas é para estudantes que realizaram as provas do Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM), ao final de cada um dos três anos do ensino médio e obtiveram as notas necessárias para aprovação em cada curso.

Os grupos de vagas para as seleções pelo PISM e pelo SISU e as condições para que os estudantes se enquadrem em cada uma estão representadas no quadro A3 no ANEXO.

As vagas são divididas na proporção de 50% para o grupo C, de ampla concorrência, e os outros 50% para o sistema de cotas para quem estudou em escola pública. Dentro desse percentual reservado às cotas, os demais grupos dividem as vagas, sendo metade dessas para quem possui renda per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (grupos A, A1, B e B1) e a outra metade para quem fez todo o ensino médio em escola pública, independente da renda (grupos D, D1, E e E1).

Vale ressaltar que, para se enquadrar no critério de ter estudado em escola pública, serão consideradas apenas as escolas “pertences à administração pública direta ou indireta da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios”. Os estudantes que cursaram o ensino médio “em escolas filantrópicas, telecurso ou com bolsa em escolas privadas”, não se encontram incluídos na definição de escola pública para efeito de disputa de uma vaga para ingresso por meio do sistema de cotas da UFJF (UFJF, 2018).

Em todos os grupos de cotas, há a necessidade de comprovação dos requisitos e análise por parte da universidade. Para validação das cotas do ensino médio em escola pública, além do histórico escolar, o estudante deve obrigatoriamente apresentar “uma declaração emitida pela secretaria escolar dizendo que o aluno cumpriu integralmente o ensino médio em escola pública”. A comprovação de renda per capita inferior a 1,5 salário mínimo deve ser feita no ato da matrícula, através da apresentação da documentação solicitada em edital (UFJF, 2018).

Os concorrentes às cotas raciais devem passar “por uma banca de verificação da veracidade da autodeclaração” de que são pretos pardos ou indígenas para a confirmação da matrícula. Sobre essa banca, a UFJF afirma que:

[...] o procedimento é obrigatório e tem como critérios para verificação a análise de fenótipo (características físicas); ascendência direta (pai ou mãe negros); e narrativas sobre vivências de discriminações e preconceitos por conta da condição parda. A não confirmação da veracidade da autodeclaração implica na perda da vaga (UFJF, 2018).

Para candidatos surdos, já no momento de inscrição no processo seletivo, é necessário apresentar uma cópia autenticada de laudo especializado. Nas demais deficiências, a análise será feita por uma comissão constituída por profissionais da universidade. É importante o candidato se atentar que:

[...] no momento da matrícula presencial, o candidato responderá a um questionário sobre a deficiência declarada e deverá entregar a documentação prevista em edital para a avaliação da Comissão.

Para comprovar a condição e garantir o preenchimento de vaga reservada a pessoas com deficiência, o candidato precisa apresentar um laudo médico original impresso. O conteúdo do laudo precisa atestar sobre a espécie e o grau ou nível da deficiência seguindo os termos do artigo 4º, do Decreto nº 3.298, de dezembro de 1999, ou da Lei 12.764, de dezembro de 2012. Além disso, é necessário que haja referência expressa ao código correspondente da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), assim como a provável causa da deficiência.

O documento deve conter nome legível, carimbo, assinatura, especialização e número do Conselho Regional de Medicina (CRM) ou do Registro do Ministério da Saúde (RMS) do médico especialista que forneceu o laudo. Esse documento precisa ser emitido nos últimos seis meses* que antecedem o Processo Seletivo. Vale ressaltar que esse documento precisa ser um laudo médico e não um atestado médico (UFJF, 2018).

Após conquistar a vaga, muitos estudantes enfrentam dificuldades para cursar e concluir a graduação. Na tentativa de amenizar essas dificuldades, a UFJF possui Programas de Bolsas e Assistência Estudantil. Esses auxílios são ofertados nas modalidades descritas no quadro A4 constante no ANEXO. Na UFJF, 3.400 alunos recebem alguma modalidade de apoio estudantil, o que corresponde a 20% do total de discentes.

Além do apoio estudantil, a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE) oferece atendimento psicológico e apoio pedagógico, para ajudar os estudantes em suas necessidades didáticas e acadêmicas.

A estudante de Ciências Sociais, Letícia Smanio, que recebe os auxílios transporte e alimentação, conta que não possuía renda e que a família não tinha condições de mantê-la estudando. A aluna afirma que esses auxílios foram essenciais para sua permanência na universidade até hoje (UFJF, 2019).

Outro estudante, contemplado com o auxílio moradia, relata que esse apoio também tem sido essencial para sua permanência no ensino superior. Para Isaac Nobre Garcia, estudante de Artes e Design:

Se não fosse a moradia eu não estaria onde estou hoje. E reconheço também a importância de outros auxílios. Se você tem a certeza de um teto para dormir todos os dias, três refeições diárias gratuitas e transporte para o campus garantido, isso faz muita diferença no final (UFJF, 2019).

Esses relatos dos alunos, em entrevistas publicadas no site da UFJF, demonstram a importância da assistência estudantil para a permanência na universidade e a impossibilidade da continuidade dos estudos no caso de sua ausência.

2.2.3 O perfil dos alunos das Instituições Federais de Ensino Superior

A democratização do acesso e da permanência no ensino superior modificou o perfil discente. Isto se deu por meio da ampliação no número de universidades, cursos, vagas, com a interiorização dessas instituições, com as políticas de cotas e assistência estudantil.

De fevereiro a junho de 2018, a ANDIFES e o FONAPRACE coletaram dados para a elaboração da V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais, que foi publicada em maio de 2019. Essa pesquisa já havia sido realizada anteriormente nos anos de 1996, 2003, 2010 e 2014. Nessa edição, foram 424.128 questionários validados, o que corresponde à participação de 35,34% dos 1.200.300 estudantes. “Na UFJF, foram validadas 3.344 respostas, representando 18,746% do total de 17.838 estudantes no período”. Esse documento constitui a principal e mais ampla fonte de dados sobre os estudantes de graduação das universidades federais brasileiras. É um importante instrumento que auxilia na formulação de novas políticas públicas, na avaliação daquelas já vigentes e na reformulação das que se fizerem necessárias (UFJF, 2019).

De acordo com a pesquisa, o número de mulheres nas IFES aumentou de 51,4%, em 1996, para 54,6%, em 2018, enquanto o número de homens caiu de 48,6% para 45,1% no mesmo período. Segundo dados do PNAD/IBGE, o número de homens e mulheres no total da população brasileira manteve-se praticamente estável nesse mesmo período. Em 1996, o percentual de mulheres no Brasil era de 51,2% e em 2018 passou a 51,1%. Já o percentual de homens, em 1996, era de 48,8% passando para 48,9% em 2018. Na UFJF, as mulheres são maioria, representando 60% do total de alunos. “O índice de estudantes do sexo masculino é de 39,7%; outros 0,3% dos participantes não declararam o sexo” (UFJF, 2019).

Da população pesquisada nas IFES, 51,2% é negra, sendo que o total de negros na população brasileira é de 60,6%. “Em 15 anos (2003-18), as ações afirmativas elevaram o percentual de estudantes pretos (as) e pardos (as) de 34,2 para 51,2” (ANDIFES & FONAPRACE, 2019).

Conforme notícia publicada no site da universidade:

[...] a população negra na UFJF representa 40,3% do total de estudantes. Desse percentual, 29,4% consideram-se pardos e 10,9% pretos. Amarelos são 1,2% do total e indígenas 0,3%. Não declararam cor 2,6% dos entrevistados. A realidade da UFJF é um pouco diferente da observada em todo o país. Nacionalmente, o percentual de estudantes negros equivale a 51,2%, chegando a 65,8% nas universidades do Nordeste (UFJF, 2019).

No Brasil, o percentual de graduandos que possuem renda familiar per capita entre 0,5 a 1,5 salários mínimos é de 70,2%. Esse valor define, para fins legais, a população em vulnerabilidade social que é o público-alvo das políticas de assistência estudantil. Na UFJF, o número de graduandos com renda familiar nessa faixa é de quase 70%. No entanto, a realidade dos alunos da UFJF pode ser ainda mais preocupante. Segundo o levantamento, 14,5% dos alunos e alunas da UFJF têm renda mensal per capita de até meio salário mínimo (R\$ 477,00 em 2018) e 34,9% tem renda entre meio e um salário mínimo (R\$ 954,00 em 2018) (UFJF, 2019).

Aproximadamente 2/3 de estudantes das IFES vieram do ensino médio público. Desses, 64,7% estudaram integralmente ou na maior parte do tempo em escolas públicas de ensino médio. “Mais de 60% dos estudantes das IFES têm sua trajetória exclusivamente em escolas públicas de ensino médio desde 2014”. Na UFJF, os números acompanham a média nacional, com 60,4% dos alunos sendo oriundos da escola pública (ANDIFES & FONAPRACE, 2019).

Em nível nacional, o percentual de cotistas saiu de 3,1%, em 2005, para 48,3%, em 2018. Do total de graduandos da UFJF, “50,4% ingressaram por meio de cotas e 49,6% pela ampla concorrência, o que reflete a reserva de metade das vagas para alunos da escola pública” (UFJF, 2019). Resta saber de que escolas estão vindo esses alunos que chegam à universidade. Alunos de escolas estaduais de bairros com alta vulnerabilidade social estão chegando à universidade ou essas vagas continuam servindo a um público com melhores condições econômicas, de escolas públicas federais, que já passaram por um processo excludente para que fizessem parte dessas escolas? A literatura carece de trabalhos sobre essa questão.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E *HABITUS* DOS ESTUDANTES

Os anos em que o estudante cursa o ensino médio, período de ligação entre a educação básica e o ensino superior, correspondem a uma fase de muitas mudanças, naturais, biológicas, e de escolhas, decisões importantes, responsabilidades, que caracterizam um momento de pressão sobre os jovens. Para alguns, essa continuidade dos estudos é tida como algo natural, para o qual sempre foram preparados. Mas, para outros ela pode sequer ter sido cogitada em algum momento da vida.

A área educacional é um campo privilegiado para se observar a construção, a evolução e a transformação das representações sociais. O sistema escolar sempre foi configurado pelos grupos que nele ocupam diferentes posições. Essas configurações não são proporcionais entre si em razão das desigualdades sociais existentes, uma vez que o referido sistema reproduz as relações estabelecidas na sociedade em geral (MARCELINO, CATÃO e LIMA, 2009, p.547).

As representações sociais dos agentes são relacionais. Para o tema aqui abordado, variam de acordo com os estímulos das famílias, com o tipo de escola em que estudam (pública ou privada), com a classe social a qual pertencem, com as amizades, a vizinhança, com todo um círculo de convivência.

Ainda nesse sentido, a representação dos alunos sobre a continuação dos estudos e, conseqüentemente, sobre a universidade, depende do quanto a família e o adolescente estão dispostos a investir na educação, em tempo, envolvimento emocional, privação de diversões e de convivência social, mobilização familiar e dinheiro. Esse investimento visa os lucros que esperam obter a médio ou em longo prazo desse mercado e varia de acordo com o “grau em que dependem do sistema de ensino para a reprodução de seu patrimônio e de sua posição social”, além disso, também devem ser consideradas as “oportunidades de sucesso prometidas a tais investimentos em função do volume de capital cultural que possuem” (BOURDIEU, 2001, p.264).

De um modo geral, as famílias investem na educação escolar dos filhos proporcionalmente ao seu capital cultural e em relação ao seu capital econômico, como forma de “perpetuar seu ser social, com todos seus poderes e privilégios que é a base das estratégias de reprodução” (BOURDIEU, 1996, p.35-36). O “jogo das leis da transmissão cultural faz com que o capital cultural retorne às mãos do capital cultural e, com isso, encontra-se

reproduzida a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes sociais” (BOURDIEU, 2007, p.297).

Porém, as aspirações dos alunos e das famílias são limitadas pelas oportunidades objetivas e o *habitus* tende a se ajustar às condições objetivas. Muitos estudantes, principalmente e em sua grande maioria, os de escolas públicas, mantém o pensamento das condições objetivas de antigamente, quando não existiam cotas, quando a competição era direta com alunos que tiveram um ensino básico mais qualificado e quando as ações de permanência na universidade cabiam apenas aos alunos e suas famílias. Nesse caso, a interiorização das oportunidades objetivas se encontra transformada em “esperanças ou desesperanças subjetivas” (BOURDIEU, 1998, p.49).

O estudante nunca “é por inteiro o sujeito de suas práticas: por meio das disposições e da crença que estão na raiz do envolvimento no jogo”, as regras do campo aqui abordado “se introduzem até nas intenções aparentemente mais lúcidas” (BOURDIEU, 2001, p.169).

Independentemente das representações coletivas, [...] cada sujeito recorre inconscientemente a disposições gerais [...]. Como observa Kurt Lewin, “as experiências referentes à memória e às pressões do grupo sobre o indivíduo mostram que o que existe como “realidade” para o indivíduo encontra-se determinado, em grande medida, pelo que é socialmente aceito como real... Logo, a “realidade” não é absoluta. Ela difere de acordo com o grupo a que o indivíduo pertence” (BOURDIEU, 2007, p.212).

Entre os estudantes das classes mais desfavorecidas, “a influência do meio familiar e do contexto social”, na maioria das vezes, acabam por “desencorajar ambições percebidas como desmedidas e sempre mais ou menos suspeitas de renegar as origens” (BOURDIEU, 1998, p.50). Assim, as desvantagens sociais são convertidas em desvantagens escolares.

Às classes mais baixas sempre foi renegado o acesso aos capitais (cultural, social, econômico). É preciso permitir que essas classes tenham acesso a esses capitais, para que se possa analisar o papel transformador da educação na sociedade brasileira ao longo dos anos. Não são políticas de mudanças sociais imediatistas, mas há de se considerar suas potencialidades em longo prazo.

No Brasil, apesar de a universidade, assim como a escola, contribuir para a reprodução da cultura dominante, esse ainda é um dos poucos espaços onde a cultura da classe baixa, as políticas públicas educacionais, sociais e de saúde para os mais pobres são pensadas e discutidas. Daí a importância de existir representantes dessas classes nessas discussões no âmbito das universidades, como representação legítima de quem vive essas realidades. Outro

aspecto diz respeito aos modelos consagrados de sucesso. Para as classes média, média alta e alta, os modelos de sucesso empresarial, social e profissional são reafirmados pelo fato de alguns de seus membros recorrentemente se destacarem em carreiras, premiações e reconhecimento social e midiático no que diz respeito à identificação do sucesso com escolarização em nível superior. Em outras palavras, boa parte das pessoas bem sucedidas é escolarizada, ao passo que costumam também serem brancas, elegantes, com um modo de falar típico e hábitos culturais também muito identificados com o que “se espera de alguém que chegou aonde chegou”. A democratização do acesso ao ensino superior pode, com o tempo, questionar as pré-noções de que o sucesso intelectual e profissionalmente qualificado é apanágio de certas classes sociais, porque o crescimento numérico de pessoas de outras extrações sociais e raciais no interior das universidades aumenta as chances de se diversificar os traços típicos das pessoas bem sucedidas social e profissionalmente. Isto pode ser um veículo de ruptura com o olhar naturalizado que espera sempre encontrar certo tipo de pessoa no topo das carreiras e das posições de poder na sociedade.

É necessário que essa classe se faça presente nesses espaços, para que não aceitem com naturalidade as representações e as ideias dominantes, para que haja um rompimento com a perpetuação da estrutura social.

Ao possibilitar às classes subalternas a apropriação do saber sistemático, revelando-lhes, por essa mediação, as relações de poder em que se estrutura a sociedade, a educação lhes permite também a compreensão do processo social global, uma vez que este saber está genética e contraditoriamente vinculado à situação social por mais que, ideologicamente, se tente camuflar esta vinculação. O saber acaba levando ao questionamento das relações sociais, mediante um processo de conscientização do real significado dessas relações enquanto relações de poder, revelando inclusive a condição de contraditoriedade que as permeia (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 52).

A oportunidade de incorporação do capital cultural pelas classes desfavorecidas e a possibilidade de que seja transmitido para o círculo de relações e para as futuras gerações, por si só, já justifica a importância das ações afirmativas. As famílias transmitem aos seus filhos “um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (BOURDIEU, 1998, p. 42).

Pelo acúmulo de experiências exitosas de membros dos grupos sociais desfavorecidos, os agentes sociais aí inseridos, a partir de observações, podem criar disposições, compreender

as regras do jogo e transmiti-las para o grupo, incorporando esse *habitus*. Assim como afirma Bourdieu:

[...] o *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação - O que chamamos, no esporte, o senso do jogo, arte de antecipar o futuro do jogo inscrito, em esboço, no estado atual do jogo. Para dar um exemplo no âmbito da educação, o senso do jogo torna-se cada vez mais necessário à medida que, como é o caso na França e também no Japão, as escolas se diversificam e se misturam (como escolher entre um estabelecimento de renome em declínio e uma escola inferior em ascensão?). Os movimentos da bolsa de valores escolar são difíceis de antecipar e aqueles que podem se beneficiar, através da família, dos pais, irmãos ou irmãs etc., ou de suas relações, de uma informação sobre os circuitos de formação e seu rendimento diferenciado, atual e virtual, podem alocar melhor seus investimentos escolares e obter o melhor lucro de seu capital cultural. Essa é uma das mediações através das quais o sucesso escolar - e social - se vincula a origem social (BOURDIEU, 1996, p. 42).

Franco & Novaes (2001, p. 178), ao realizarem pesquisa com alunos do ensino médio, perceberam que esses declaravam acreditar que a educação facilitaria o acesso a oportunidades de ingresso no mercado de trabalho, mostravam expectativa de ingressar no ensino superior e desenvolveram “a representação de que a escola está diretamente relacionada à possibilidade de ascensão social, ser alguém na vida, ter um futuro melhor”. São alunos que depositam na escola e na educação a única esperança de conseguir um status social mais reconhecido e empregos mais qualificados. “O tipo de escola e o nível de escolaridade parental estão associados às escolhas dos jovens. No entanto, o interesse por educação superior parece estar consolidado entre os jovens” (SPARTA & GOMES, 2005, p. 48).

Apesar dessas expectativas em relação à educação e ao ensino superior, de acordo com Zago (2006, p. 231), “uma matéria publicada na Folha de São Paulo de 18 de agosto de 2002, apoiada em dados do vestibular de universidades públicas do Rio de Janeiro e São Paulo, argumenta que a baixa autoestima faz estudantes de escolas públicas desistirem de entrar na universidade antes mesmo de tentar o vestibular”. Ainda há aqueles alunos que vão diretamente para o mercado de trabalho, sem se qualificar ou dar prosseguimento aos estudos. Segundo Castro (2008), esse é o caminho seguido pela metade dos alunos que se formam no ensino médio no Brasil. “O Brasil é atualmente o país da América Latina com os menores índices de acesso à educação superior, contando com cerca de 12% da população com idade entre 18 e 24 anos matriculada nesse nível de ensino” (SPARTA & GOMES, 2005, p.47).

Os alunos “são seres históricos, inseridos em uma determinada realidade familiar, com expectativas diferenciadas, dificuldades variadas e distintos níveis de apreensão crítica da

realidade” (FRANCO & NOVAES, 2001, p. 173). Esses alunos têm o direito e devem ter a possibilidade de cursar uma universidade. “Reduzir desigualdades sociais e regionais se traduz na equalização das oportunidades de acesso à educação de qualidade” (HADDAD, 2008, p. 6).

A partir daí, esses alunos futuramente poderão mudar todo um panorama da realidade em que estão inseridos. Conforme Neto e Santana (2012, p. 393) perceberam, ex-alunos que obtiveram êxito no acesso ao ensino superior serviam como estímulo aos alunos que almejavam essa posição, pois “as identificações que surgem no outro são as motivações necessárias para um crescimento interior”. Os autores acreditam que esses exemplos funcionem como fatores positivos em diversas comunidades ao demonstrarem os bons resultados de “alunos que alcançaram êxito social e pessoal por estarem concluindo ou já terem concluído uma universidade pública”. Situações como essas podem ajudar a mudar todo um panorama de comunidades entregues ao abandono e a violência.

Além de todas as questões apontadas anteriormente, surge um fato preocupante: o quanto a escola pública está auxiliando os alunos a romperem com essa realidade de exclusão. Estaria ela informando-os, orientando-os ou apenas exercendo a função de transmissão de conteúdos?

Em pesquisa realizada por Heringer (2014), estudantes do ensino médio demonstraram desconhecimento sobre as possibilidades de acesso e permanência no ensino superior. Estes estudantes vêm de famílias em que os pais têm pouca escolaridade, predominando o ensino fundamental. Estes jovens serão a primeira geração de sua família a ingressar neste nível de ensino. Em relação ao ENEM, a maioria dos estudantes informou conhecer a prova, mas nem todos tinham a informação de que o resultado desta prova determinava as possibilidades de ingresso na maioria das instituições de ensino superior.

Teixeira (2011) relata que são recorrentes as narrativas de que a passagem pelo ensino médio não potencializa a inserção no ensino superior. Os jovens e suas famílias que convivem com limitados níveis de escolarização valorizam muito a educação. Em sua maioria, eles provêm de famílias de baixo padrão de renda, vinculadas a ocupações que exigem baixos níveis de qualificação, residentes em bairros periféricos e/ou em cidades afastadas da capital, enfim, longe de deterem a herança do capital econômico e cultural dominante. Outra questão observada pela autora, diz respeito à ausência de informações importantes relativas ao vestibular, como o período de inscrição, o que, em princípio, se espera que seja objeto de divulgação e mesmo tema de orientação e estímulo aos alunos por parte de professores e

gestores, sobretudo, em unidades escolares de ensino médio. “A suposta incapacidade e/ou desinteresse dos estudantes pelo exame e, por conseguinte, pelo ingresso no ensino superior, perpassa o ambiente escolar” (TEIXEIRA, 2011, p. 40).

Leão, Dayrell & Reis (2011, p. 1078) identificaram a mesma narrativa entre os alunos pesquisados, “a falta de informação sobre o que o ensino superior oferece na região, as características dos cursos, as exigências e as possibilidades de cada um deles, indicando uma demanda para a escola”.

É fato preocupante que a escola não esteja sendo fonte de informações e estímulo para os alunos sobre suas possibilidades, sobre os programas existentes. A exceção ocorre através de alguns poucos professores que, individualmente, se preocupam em divulgar informações. Nessa situação, como em tantas outras, vemos a escola atuando como reprodutora das desigualdades estruturais da sociedade. A informação sobre a estrutura e o funcionamento sistemático da universidade é componente dos capitais cultural e social que, muitas vezes, esses alunos não possuem.

Cabe à universidade como instituição difusora de conhecimento ir até a escola fazer essa divulgação das oportunidades e cabe à escola, enquanto instituição que prepara os alunos e não apenas transmite conteúdos, orientá-los quanto às possibilidades para a continuação dos estudos.

3.1 DIALOGANDO COM OS ALUNOS, SUAS TRAJETÓRIAS E PLANOS

3.1.1 Douglas

Cheguei até Douglas por meio de um amigo dele que havia sido meu aluno e eu fiz contato para convidá-lo a participar da pesquisa. Ele se recusou, mas disse que tinha um amigo que poderia aceitar e me passou o telefone de Douglas. Entrei, então, em contato com Douglas pelo WhatsApp, expliquei as razões do meu projeto de pesquisa e ele aceitou participar da entrevista. A entrevista com Douglas foi realizada por chamada de vídeo pelo aplicativo WhatsApp, no dia 13 de julho de 2020, com início às 08:43 e término às 09:12.

No dia da entrevista, a nossa chamada foi interrompida algumas vezes por queda na internet da casa de Douglas. Ele contou que os postes na esquina de sua rua estavam passando por manutenção e não havia previsão para a finalização desse trabalho. Com efeito, isso

estava atrapalhando o desenvolvimento da nossa conversa, até que, em certo momento, ele optou por usar os dados móveis do plano de internet de seu celular para que pudéssemos prosseguir.

Douglas tem 16 anos e é estudante do segundo ano do ensino médio em uma escola estadual localizada em um bairro na periferia de Juiz de Fora, com histórico de ser um bairro tranquilo para os moradores e bem servido em relação ao comércio em geral. Essa foi a única escola em que ele estudou, sendo aluno dessa instituição desde o primeiro ano do ensino fundamental. Ele reside bem próximo à escola onde estuda.

À época da entrevista, Douglas ainda não trabalhava, mas ele relata que esse foi um plano frustrado pela pandemia, pois ele iria começar a trabalhar no período da tarde, já que estuda pela manhã. Ele queria algum trabalho de meio período, para não atrapalhar os estudos, na área de tecnologia ou administração, destacando os pontos positivos de conseguir o emprego que deseja, como colocar em prática o que aprendeu nos cursos de informática que realizou e trabalhar com o que gosta, na área de administração. O fato de acreditar que um trabalho de meio período não atrapalhará seus estudos mostra que Douglas desconhece as interferências causadas por uma rotina de trabalho no aprendizado, sendo, quase sempre, mais negativa do que positiva.

O estudante está participando do PISM e afirma que irá fazer o ENEM, pois tem muita vontade de cursar a universidade. Ele pretende que esse acesso seja logo após concluir o ensino médio, não deseja que a sequência de estudos seja interrompida, apresentando, aqui, o anseio de manter uma trajetória linear nos estudos. Então, Douglas não apenas vê a universidade como uma possibilidade, como indica que ela está em seus planos.

O menino, que é pardo e estuda em escola pública, dois critérios considerados pelas ações afirmativas, relata não ter conhecimento sobre as cotas ou sobre a assistência estudantil que a universidade possui. Ele afirma que a escola fala sobre a importância de fazer o PISM e o ENEM, que já falaram de forma superficial sobre cotas e bolsas, mas que não aprofundam o assunto. Essa informação dada por Douglas corrobora os achados de Heringer (2014), Teixeira (2011) e Leão, Dayrell & Reis (2011), já mencionados nessa pesquisa, sobre os estudantes do ensino médio demonstrarem desconhecimento acerca das possibilidades de acesso e permanência no ensino superior, além da ausência de informações e estímulo por parte da escola.

Inicialmente, a ideia de Douglas é cursar o ensino superior na UFJF, mas não descarta a possibilidade de tentar uma universidade particular. Sobre isso, ele conta que seu pai tem

um colega que cursa Direito em uma universidade particular e que afirma que é muito boa. Mas ele vai tentar estudar na universidade federal e, apenas caso não consiga, pensará sobre a universidade particular.

Então, em mente agora eu tenho a UFJF mesmo. Mas, futuramente, dependendo, eu quero fazer outras faculdades e tentar ver a diferença assim, né, fazer uma particular. Sei lá. Meu pai tem um colega dele que faz Direito na faculdade particular, ele fala que é boa. Mas, vou tentar primeiramente na UFJF.

Quanto ao curso que pretende tentar, Douglas tem muita dúvida entre Direito e Música. São as duas áreas que ele tem vontade de seguir, mas ainda não tem certeza por qual delas optará para cursar o ensino superior. Ele conta que, sua relação com a música, se deve ao fato de estudar há oito anos no Conservatório Estadual de Música. Douglas toca violão e piano, e possui esses instrumentos em casa, indicando possuir certo capital cultural no estado objetivado.

Além do Direito e da Música, Douglas afirma gostar muito da área de tecnologia. Nesse momento, ele aparenta empolgação e se solta um pouco mais ao contar que já fez um curso de software e que agora faz um curso de hardware, e me explicar, mesmo sem que eu perguntasse, que software é a parte voltada para a programação de computador, enquanto hardware é a parte física do computador.

Douglas segue contando sobre as principais atividades que realizada no seu dia a dia. Ele estuda, faz cursos além da escola e participa ativamente na igreja de seu bairro. Ele, que é católico, toca instrumentos nas missas, é catequista e vai à igreja todos os dias.

Apesar de todas essas atividades, ele afirma que sempre teve o hábito de estudar em casa e que agora, com a necessidade do distanciamento social, tem estudado ainda mais. Seu tempo de estudo em casa gira em torno de quatro a cinco horas por dia, às vezes estendendo por mais tempo quando há necessidade. Quando suas aulas eram presenciais, o tempo de estudo em casa era de uma a duas horas, para rever o conteúdo trabalhado na escola.

Já tinha o hábito de estudar em casa, né. Agora com o distanciamento, mais ainda. Eu estudo, geralmente, agora eu tô estudando quatro a cinco horinhas por dia. Ou mais, quando eu não extrapolo. E quando não tinha o distanciamento, eu estudava de uma a duas horinhas por dia pra rever o conteúdo.

O estudante conta que lia muitos livros, mas perdeu esse hábito, porque o que ele mais pratica no tempo livre é a leitura de partituras, devido as suas aulas de música.

No meio em que Douglas vive, entre a família e amigos, a única pessoa que Douglas conhece que frequenta a universidade é a sua cunhada, que cursa, justamente, Música. Essa proximidade com alguém que, além de estudar na universidade, faz um dos cursos que ele pensa em tentar, pode ajudar o jovem a definir qual caminho seguirá e contribuir com informações sobre “as regras do jogo” do campo universitário.

Douglas finaliza a entrevista descrevendo o seu meio familiar e as relações estabelecidas entre eles. Ele mora com sua mãe e com sua irmã. O estudante narra que tem muito apoio de sua família, que eles afirmam que é importante manter o estudo em dia. Ele relata que sempre foi um bom aluno e que nunca deu trabalho para a família com relação à escola e aos estudos e que, quando teve a ideia de estudar e trabalhar, sua mãe falou que o estudo deveria ser prioridade, para depois ele pensar em trabalhar.

Todos da minha família apoiam que, a questão disso, que é importante ter o estudo em dia e eu sempre fui um bom aluno, assim, nunca dei trabalho para minha família na escola. E quando eu tive a ideia de trabalhar e estudar esse ano, ela falava. Minha mãe falou que o estudo primeiro, para depois pensar em trabalhar.

O posicionamento da mãe de Douglas sobre o filho começar a trabalhar indica que, no caso desse estudante, o trabalho não é uma necessidade de manutenção da família e ainda vai de encontro ao que foi colocado por Nogueira (2000), quando afirmou que os pais que apresentam capital cultural elevado, geralmente, se opõem ao fato de os filhos conciliarem estudos e trabalho.

3.1.2 Lucas

O contato inicial com Lucas foi feito pelo Facebook. Há alguns anos dei aula em uma escola e, como sempre acontece, muitos alunos adicionam os professores nas redes sociais, mesmo que não tenham aulas com eles, o que foi a situação do Lucas comigo. Após o contato inicial com o estudante, as explicações sobre o trabalho, o convite a participar da entrevista e o aceite dele, nossa conversa passou a ser feita pelo WhatsApp. Lucas pediu que a entrevista fosse realizada por áudio, pois se sentiria melhor assim. Então, um áudio com uma pergunta

era gravado por mim, enviado a ele e na sequência ele me devolvia um áudio com suas respostas. E assim transcorreu durante toda a entrevista, que foi realizada no dia 07 de janeiro de 2021, com início às 15:28 e término às 16:26.

Lucas tem 17 anos e é estudante do terceiro ano do ensino médio na mesma escola estadual em que estuda Douglas, outro participante dessa pesquisa. Lucas também mora próximo à escola e estuda nessa instituição desde o primeiro ano do ensino fundamental, tendo cursado toda a educação básica no mesmo lugar.

O estudante fez as provas do módulo I do PISM da UFJF e, à época da entrevista, estava aguardando para fazer as provas do módulo II. Apesar disso, ele conta que seu foco não é entrar na faculdade. Ele pretende seguir carreira militar, mas faz o PISM, pois, caso não consiga a aprovação em algum processo seletivo da área militar, terá na faculdade uma segunda opção. Sendo assim, para esse jovem, a universidade é uma possibilidade apenas no caso de seus planos principais não darem certo, colocando o ensino superior abaixo da carreira militar na sua ordem de prioridades.

Com relação a qual universidade tem em mente estudar, caso não siga a carreira militar, ainda que esteja fazendo as provas do PISM, Lucas afirma que não sabe se ficaria em Juiz de Fora, que talvez tente entrar em uma universidade federal de uma cidade maior, como Rio de Janeiro ou São Paulo. Ele condiciona a participação nas provas do ENEM apenas ao caso de resolver cursar uma faculdade.

Sim, eu faço PISM . Fiz o I, vou fazer o II agora, mas meu foco não é entrar na faculdade, não é. Eu pretendo seguir carreira militar, mas eu faço porque se alguma coisa não der certo e tal, tem faculdade, aí tá tudo certo. E, se eu fosse fazer faculdade, eu não sei, eu faço PISM, né, que é pra UFJF, mas eu não sei se eu ficaria aqui em Juiz de Fora. Talvez eu tente para outro lugar do país, sabe, talvez numa capital maior, não sei, no Rio, uma universidade em São Paulo. E, se eu precisar entrar na faculdade, eu pretendo sim fazer o ENEM também.

A pretensão de se mudar para uma cidade maior pode ter relação com o curso que Lucas tem em mente. Para o caso de cursar o ensino superior, ele conta não ter certeza do que faria, mas diz ter em mente o curso de Astrofísica, apesar de não saber onde esse curso é disponibilizado ou até mesmo se existe alguma universidade no Brasil que o oferte. Apesar de Lucas deixar claro não possuir tantos conhecimentos sobre o curso de Astrofísica, cabe pontuar que o curso pretendido pelo estudante é de reconhecida dificuldade de conclusão e que, no universo de estudantes de escolas públicas, ainda mais em uma cidade em que tal

especialização não é oferecida, dificilmente encontraremos alunos que sequer saibam da existência desse curso.

Lucas relata que as informações sobre cursos e universidades não são abundantes no seu meio, que o máximo que escutou na escola foi sobre o PISM ser a principal forma de acesso à UFJF, confirmando a fala de Douglas que estuda na mesma escola. Quando perguntado sobre cotas e assistência estudantil na universidade, o estudante disse desconhecer totalmente, que não saberia nem por onde começar a responder, pois realmente nunca ouviu falar. Esse é o caso de mais um estudante que poderia utilizar, caso desejasse, a cota racial, pois é pardo, e a cota para estudantes de escolas públicas, mas que sequer tem o conhecimento da existência dessas ações afirmativas. Ele conclui a resposta refletindo que talvez isso seja dito apenas nas turmas do terceiro ano e, como ele cursa essa etapa no ano corrente, ainda possa ser mais bem orientado a respeito do assunto, tanto pelos professores, quanto pela escola.

Se eu fosse entrar na faculdade, eu não tenho certeza do curso que eu faria e o curso que eu tenho em mente eu nem tenho certeza se, do lugar ou de onde ele é disponibilizado, se ele é disponibilizado, que é Astrofísica. Mas eu realmente não sei, assim, as informações não são abundantes no meio, a escola pelo menos no tempo que eu tô lá, o máximo que eu escutei foi assim do PISM, e tal, que é o foco, né, de como entrar na Universidade Federal da cidade, mas isso de cota e o resto de opções que você falou eu não conheço, eu realmente desconheço totalmente, eu não sei nem por onde começar, eu realmente desconheço. Porque as informações, por mais que elas até sejam faladas lá na escola e tudo mais, elas não são abundantes, tipo assim, não é uma coisa clara, não é vasta e o que eu sei realmente um pouco é sobre o PISM, é que é uma das formas de entrar na Universidade Federal da cidade. Talvez isso seja dito no terceiro ano, mas até agora sempre estudei lá na escola, [...] desde o primeiro ano, não do ensino médio, mas do fundamental e raras as vezes que a gente escutou sobre faculdade, as formas de entrada, talvez, como eu disse, isso seja dito no terceiro ano, mas até agora assim é bem confuso, sabe, acho que a principal que eles falam é o ENEM e o PISM mesmo como eu disse.

Lucas tem o hábito de estudar em casa as matérias dadas na escola e relata a dificuldade enfrentada nesse período de pandemia e ensino remoto, pela falta de obrigação de estar na escola. Apesar disso, ele conta que procura manter uma rotina para ajudá-lo nessa tarefa. Ele busca acordar no mesmo horário que acordava para ir à escola e estudar durante todo o período em que estaria na escola, mantém as matérias em dia e as atividades feitas.

Sim, estudo para escola, as matérias e tudo. Mas agora com o ensino a distância, né, é um pouco mais confuso, porque você não tem a obrigação de estar na escola e tudo mais. Mas sim, eu estudo para escola, tento manter sempre tudo em dia, tudo em ordem e eu tento manter os horários da escola, acordar às 7 horas ou, sabe, a hora que a gente entrava na escola, ficar até o período da escola, fazer as atividades nesse período, como se tivesse realmente uma rotina normal, sabe.

Antes da pandemia, Lucas fazia um curso preparatório para concursos militares em um renomado cursinho da área na cidade, indicando a estratégia da família e do estudante no investimento nos estudos como forma de obtenção de êxitos futuros. Ele conta que, sobre os concursos militares, tenta para todos os ramos, Exército, Marinha e Aeronáutica. Lucas chegou a ser aprovado nas provas de um concorrido processo seletivo para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), mas foi reprovado no exame médico por ter 0,75 grau de miopia em um olho. Ele entrou com um recurso e, até o momento da entrevista, estava aguardando o resultado.

A aprovação de Lucas na EPCAR configura um caso de “sucesso escolar improvável”, conforme destaca Lacerda (2021, p.45), por ser aluno de escola pública aprovado em um processo seletivo muito concorrido em âmbito nacional, apesar de não ser em instituição de ensino superior e mesmo que tenha frequentado curso preparatório, pois a base do estudante é de escola pública.

O ingresso em instituições de ensino superior de alta qualidade é mais provável àqueles estudantes favorecidos material e culturalmente, os quais frequentam, de modo geral, a educação básica em instituições privadas, consideradas como aquelas que oferecem o ensino fundamental e médio de melhor qualidade (LACERDA, 2021, p.47).

Apesar da dedicação ao curso preparatório para concursos militares, o estudante afirmou que não deixava a escola de lado, que primeiro focava no ensino médio e depois no curso, buscando manter o equilíbrio. Essa fala do estudante mostra grande disposição para o estudo, pois, caso fosse aprovado na EPCAR, retornaria ao primeiro ano do ensino médio e deveria cursar toda essa etapa novamente, mas, mesmo assim, o estudante não deixou de ser dedicar ao ensino dado pela escola que frequenta.

Em questão dos concursos militares, eu fazia um curso particular [...], eu fazia um curso lá na instituição particular e, assim, eu tento todos os ramos, Marinha, Aeronáutica e o Exército. Eu fiz a EPCAR e eu consegui aprovação, só que nesse momento, né, ainda não saiu o recurso, eu fiquei por

causa da miopia, eu tenho 0,75 em um olho, mas eu consegui a aprovação, só que eu não deixo, é primeiro a escola, né. É o ensino médio e depois o curso, mas eu tento equilibrar bastante as coisas para não esquecer da escola, mas pretendo tentar todos os ramos, todas as áreas, Marinha, Aeronáutica e o Exército.

Antes de fazer esse cursinho, Lucas praticava futebol, mas precisou parar para conseguir conciliar os horários, mostrando novamente disposição para os estudos ao abdicar de outras atividades. Além dessas atividades, antes da pandemia, ele ia à missa na igreja católica todos os domingos. Sobre isso ele conta que, “às vezes faltava um dia ali, outro aqui, mas era uma ação rotineira de toda semana. Eu não participava de nenhuma atividade na igreja só realmente frequentava como adepto da religião”.

O estudante não trabalha e não pensa em trabalhar após concluir o ensino médio, pretendendo se dedicar a se tornar um militar de carreira ou cursar uma universidade, em último caso. Seus pais são divorciados e, na separação, ele ficou morando com o pai e sua irmã mora com sua mãe. Porém a residência dos pais é próxima e ele mantém contato com os dois, a qualquer momento. Lucas conta que, nos estudos, foi muito orientado pela mãe até o período de alfabetização. Ele afirma que seus pais são muito participativos, o ajudam, influenciam e incentivam. Ele diz que os pais dão os meios, mas depois ele segue sozinho, por sua conta. O que ele acha não ser algo ruim, conforme relata abaixo.

Eu moro com meu pai, é meu pai, meus pais são divorciados. E aí eu moro com ele e minha irmã mora com a minha mãe. Eles não moram longe, eu tenho contato com os dois assim a qualquer momento e eu fui muito orientado pela minha mãe até, até a alfabetização. Eles são participativos, eles me ajudam, me influenciam de certa parte, de certa forma, né, me incentivam, incentivam muito, me apoiam nas minhas decisões assim no que eu quero seguir e tudo mais, mas aconteceram alguns problemas e normalmente, normalmente, na questão escolar, na questão do estudo, o incentivo é sempre presente, eles me apoiam, eles me dão os meios, mas depois disso eu sigo sozinho, sabe, assim sem muita movimentação deles depois, depois que eles incentivam, dão os meios e tudo mais, eu sigo sozinho aí é por minha conta, sabe, não tem a participação tão efetiva depois disso. O que eu não acho uma coisa ruim, eu acho até uma coisa boa, isso fez com que eu seja responsável e não precise de outra pessoa, entendeu, seja autônomo, tipo, eu não dependo de alguém para outra coisa, eu acho que isso foi positivo e devido alguns problemas foi desse jeito. A relação entre eles comigo também é boa, é tudo certo, então é isso.

Este sentimento positivo em relação a sua autonomia pode ser visto como um tipo de capital cultural familiar. Seria uma versão do capital cultural incorporado, mais presente em indivíduos das camadas médias.

O pai de Lucas não cursou o ensino superior. Sua mãe chegou a cursar, mas não concluiu. Sobre isso ele conta que faltava apenas uma prova para sua mãe terminar o curso, mas ela trancou e, como faz muito tempo, ele não faz ideia se ela tem a pretensão de retomar. Entre seus familiares, ninguém frequentou uma universidade. Ele pontua que a única pessoa que ele conhece que cursou uma universidade federal é o coordenador do curso pré-militar que ele frequentava antes da pandemia, esquecendo-se dos seus professores da escola.

A única pessoa que eu conheço que fez a universidade federal, assim do ciclo que eu tenho, da família ninguém, na universidade federal ninguém da família, acho que a única pessoa que eu conheço é o coordenador do meu curso do pré-militar, entendeu, eu acho que pelo menos da universidade federal e do círculo que eu tenho.

Para finalizar a entrevista ele conta que, no seu círculo de amigos, conversam sobre o PISM apenas quando a data das provas se aproxima. Ele conta que a maioria dos seus colegas não fez o PISM, mas, entre os que fizeram, conversam sobre as projeções, sobre o que querem para o futuro. Mas alega ser uma coisa muito rara essas conversas, um assunto bem isolado.

A gente fala muito disso perto do PISM, perto do PISM o pessoal se empolga, né, aí a gente conversa e tal, aí todo mundo fala o que vai seguir. A maioria da galera que eu, assim, tenho contato, muitos não fizeram o primeiro PISM, eles não fizeram o primeiro PISM, mas os que fizeram falam sim sobre as coisas, sobre as projeções, né, que eles têm para o futuro e tudo mais, mas é uma coisa, num é raro, mas é um assunto assim bem isolado.

3.1.3 João

João é primo de Fernando, outro participante dessa pesquisa. Sua tia, mãe de Fernando, fez contato com ele para saber se aceitaria participar da pesquisa e, diante da resposta afirmativa, me passou o telefone do sobrinho. Após uma apresentação inicial do trabalho pelo WhatsApp, João pediu para que a sua entrevista fosse realizada por meio de texto, pois assim poderia responder com mais calma. As perguntas foram enviadas a ele no dia 07 de janeiro de 2021, às 20:18, que retornou as respostas no dia seguinte, às 13:25.

Ainda que as entrevistas realizadas por texto apresentem muitas limitações quanto à possibilidade de análise pretendida nesse trabalho, conseguimos perceber nas falas de João alguns aspectos importantes para a discussão aqui desejada.

João tem 19 anos e cursa o terceiro ano do ensino médio integrado a um curso técnico, em uma instituição federal de ensino. O ensino fundamental foi cursado por ele em uma escola estadual, localizada no centro da cidade.

O estudante chegou a fazer as provas dos três módulos do Processo Seletivo Misto da UFJF, porém, por ter sido reprovado no terceiro ano do ensino médio, perdeu a oportunidade de utilizar sua nota para tentar acessar algum curso superior nessa universidade. Ele também fez o ENEM, mas pelo mesmo motivo, o da reprovação no terceiro ano, precisará fazer novamente as provas do exame.

João ainda não trabalha, se dedicando apenas ao estudo. Mas seu plano para após a conclusão do ensino médio é cursar uma faculdade à noite para poder trabalhar durante o dia. Em suas palavras: “Pretendo no melhor dos mundos cursar a faculdade à noite e trabalhar”. Ele afirma conhecer muitos cursos que são ofertados na UFJF e pretende estudar nessa universidade, porém ainda não conseguiu se decidir sobre qual formação optar. Suas dúvidas estão entre os cursos de Serviço Social, Sociologia e Jornalismo.

Sobre as formas de acesso à universidade e as ações afirmativas, João diz conhecer todas essas medidas, mas, segundo ele, “não me recordo de nenhum professor ou figura acadêmica falando sobre elas especificamente, eu procurei saber por familiares e pela internet”. O estudante é aluno em uma instituição federal de ensino, que também possui as ações afirmativas como possibilidade de acesso, e sua resposta é exatamente a mesma dos estudantes de escolas estaduais, os professores e a escola não falam sobre a universidade e suas oportunidades.

Algumas pessoas do seu convívio são ou foram estudantes da UFJF. Apesar de seus pais não terem cursado a universidade, a sua irmã se formou lá. Além dela, suas primas e seu cunhado também se formaram na UFJF, e ele possui muitos amigos que estudam lá. Como João repetiu o terceiro ano, muitos de seus amigos que cursaram o ensino médio com ele foram aprovados e hoje estudam na UFJF. Essa rede de convivência que João possui, na família e com amigos, confere a ele certa vantagem com relação a outros estudantes, pois transmitem a ele informações que o fazem compreender melhor as regras do campo universitário.

João é um aluno que não tem o hábito de estudar em casa, gosta apenas de ler livros de seu interesse nas horas vagas. Ele também não realiza nenhuma outra atividade além da escola, como curso de idiomas, esportes ou frequenta alguma religião.

O núcleo familiar de João é composto pelo pai, pela mãe, pelo irmão e pela irmã. Sobre o apoio e orientação da família com relação aos estudos e trabalho, nas palavras de João: “meu pai e minha mãe proveram todos os recursos para que eu estudasse em uma instituição tão boa e respeitada, sempre me incentivam a continuar estudando e a buscar um bom emprego”. Isso deixa claro uma mobilização da família na constituição do seu percurso escolar.

Além do incentivo e das conversas com as pessoas da família, João é categórico ao afirmar que ele, seus amigos e pessoas do seu círculo de convivência conversam sobre os estudos e a importância que isso tem para eles. Ele finaliza a entrevista dizendo que:

Eu e meus amigos, e pessoas do meu círculo de amizade conversamos muito sobre a importância de se cursar a faculdade, de se seguir nos estudos, para que, dessa forma, a gente obtenha ascensão social, mas acima de tudo falamos sobre priorizar a nossa realização e obter felicidade.

Esta última fala de João é uma representação típica de quem estabelece uma relação não utilitária com os estudos. Setores das baixas classes médias, em virtude da aparente inacessibilidade em relação aos cursos de ingresso mais competitivo, costumam manifestar essa representação em relação ao ensino superior.

3.1.4 Fernando

Para conseguir a participação de Fernando na pesquisa, o contato inicial foi feito com sua mãe. Ela recebeu todas as informações sobre o trabalho, a entrevista e ficou de conversar com o filho. Ao retornar o contato, ela informou que o menino aceitou participar, desde que suas respostas fossem dadas por texto, pois ele é muito tímido. Ele não queria que fosse feita chamada de vídeo e não gostaria de enviar as respostas por áudio. Então, a entrevista foi feita de acordo com a condição do participante. As perguntas foram enviadas de forma escrita pelo aplicativo de mensagens WhatsApp no dia 08 de janeiro de 2021, às 13:46 e foram respondidas por ele às 14:58.

Fernando é um adolescente de 16 anos que está cursando o segundo ano do ensino médio em uma escola estadual que possui administração militar. Ele estuda nessa escola desde o primeiro ano do ensino fundamental. Na educação infantil, ele foi aluno de uma escola municipal.

O estudante está inscrito para realizar a prova do módulo I do PISM da UFJF e, na época da entrevista, estava aguardando para saber se a prova seria realizada em março de 2021 ou novamente adiada devido à pandemia.

Quanto aos seus hábitos de estudo, ele relata que, quando as aulas eram presenciais, ele estudava pouco em casa, pois conseguia assimilar bem a matéria dada em sala de aula, porém não podia relaxar, pois estuda em uma “escola puxada, por isso tem sempre atividades para fazer”.

A pandemia interferiu, além dos estudos, em outras atividades e planos do menino. Ele praticava esportes, mas teve que parar. No último ano, em 2020, ia começar um curso de inglês, sobre o qual ele afirma que, vai “fazer assim que normalizar, junto com cursinho preparatório”. Aprender línguas estrangeiras é um fator de distinção social indicado por Fernando.

Ele não trabalha e, por isso, consegue se dedicar apenas aos estudos. Após a conclusão do ensino médio, pretende seguir sem trabalhar para poder cursar o ensino superior. Esta pretensão o posiciona em uma localização diferenciada na hierarquia estudantil da escola pública. A sua ideia inicial é estudar em uma universidade pública, a princípio na UFJF, e, apesar da indecisão quanto ao curso que quer fazer, se diz inclinado à Medicina Veterinária, um curso altamente seletivo. Ele disse conhecer os cursos que são ofertados na UFJF, por possuir duas irmãs que se formaram nessa instituição. Uma das irmãs de Fernando se mudou para São Paulo, e ele pensa na possibilidade de, futuramente, ir morar com ela para cursar alguma universidade pública da região, demonstrando disposição para tentar realizar o seu plano de fazer um curso superior em uma instituição pública.

Ao ser questionado se tem conhecimento sobre as formas de acesso à universidade federal da sua cidade, sobre as ações afirmativas antes e após o acesso, se isso é conversado e explicado pela sua escola, Fernando disse que “no colégio os professores explicam como funciona”, e ele também tem informações pelas irmãs que já utilizaram “esse sistema”. Há uma clara vantagem em se ter parentes tão próximos com alguma intimidade em relação à vida universitária. Ainda é importante frisar que esse é o primeiro estudante que afirma que os professores explicam como funciona a universidade, fato que, talvez, possa ser associado ao

tipo de administração diferenciado que ocorre na escola de Fernando, apesar de também ser uma escola estadual.

Fernando mora com sua família, que, segundo ele, é “enorme”, pois possui seis irmãos. O meio em que ele vive é cercado de pessoas próximas que possuem ensino superior, todas na UFJF. Suas irmãs se formaram em Farmácia e História. Sua prima formou-se em Nutrição, e seu primo cursa Letras. Além disso, disse conhecer outras pessoas. O meio em que o jovem vive é muito propício ao êxito escolar e a uma trajetória de sucesso, com a realização dos planos estabelecidos desde já por ele.

Sua mãe começou a cursar a universidade, mas não concluiu. Por isso, ele disse que ela pretende voltar a estudar, dessa vez, na modalidade de educação à distância. Apesar de não ter cursado o ensino superior, a mãe de Fernando foi professora e trabalhou durante 20 anos com educação infantil. Por esse motivo, nas palavras do estudante, estudar não é uma opção e sim uma obrigação. Além disso, ele menciona a ajuda de suas irmãs em relação aos estudos. Todas essas colocações do estudante indicam que o estudo faz parte de seu *habitus* primário.

Minha mãe é professora de educação básica, trabalhou 20 anos com educação infantil, agora não está trabalhando. Por isso, estudar aqui em casa não é uma opção e sim obrigação, ela cobra bastante, acompanha direto nossos estudos. Tenho ajuda das minhas irmãs, principalmente a que fez História e ainda mora comigo, ela ajuda muito nos estudos, principalmente esse ano de estudo on-line.

Fernando concluiu sua participação afirmando que, no seu círculo de convivência, com a família, amigos e colegas de estudo, é recorrente nas conversas as considerações sobre a importância dos estudos e de cursar a universidade. Para ele, principalmente em sua casa, há “a consciência que estudar é fundamental para uma melhora de vida e adquirir conhecimentos”.

3.1.5 Renata

A entrevista com Renata foi conseguida por intermédio de um primo dela que verificou com a estudante se ela aceitaria participar da pesquisa. Após a afirmativa da menina, o contato dela me foi passado e iniciamos nossa interação. Foi feita uma explicação do

trabalho para ela, que solicitou que a entrevista fosse realizada por envio de áudios através do WhatsApp. Então, no dia e horário agendados com ela, uma pergunta era enviada por áudio e ela retornava a resposta logo em seguida também por gravação de áudio. Assim foram realizadas todas as perguntas. A entrevista ocorreu no dia 21 de janeiro de 2021, com início às 16:07 e duração de 42 minutos.

Renata tem 17 anos e é estudante do terceiro ano do ensino médio em uma instituição federal de ensino. Antes, era estudante de uma escola estadual localizada em um bairro mais próximo da sua residência. A sua escola atual é distante de sua casa e ela necessita de quatro ônibus, dois para ir e dois para voltar, nesse deslocamento diário, recebendo, para isso, o investimento da sua família.

Renata fez a prova do módulo I do Programa Seletivo Misto da UFJF, está inscrita e aguardando a confirmação da data para a realização das provas do módulo II e afirmou que fará as provas do módulo III. A estudante disse que pretende fazer o ENEM apenas para ter uma segunda opção de forma de acesso à universidade, pois seu foco principal é o PISM, indicando sua determinação e predisposição para realizar o seu plano.

Antes da pandemia, além dos estudos, Renata fazia natação e frequentava a igreja católica de seu bairro, o que precisou ser interrompido. Com a pandemia, ela relata estudar em casa durante, mais ou menos, três horas por dia, a depender da quantidade de aulas que ela tem no dia. A leitura já foi um hábito de Renata, que declarou que lia bastante, mas de um ano para cá ela parou e não lê mais nada além dos materiais de estudo.

A dedicação exclusiva aos estudos, sem precisar trabalhar, é um aspecto da vida de Renata e ela pretende seguir assim após a conclusão do ensino médio. Essa pretensão coloca Renata em uma posição privilegiada com relação a outros estudantes de escolas públicas, que precisam trabalhar para ajudar a família ou para investir nos estudos. Ela pretende cursar o ensino superior na UFJF, pois declara que em uma universidade particular é mais difícil de permanecer, devido ao valor das mensalidades. Ela afirma conhecer apenas os cursos “mais famosos, os mais concorridos”, oferecidos na UFJF e ainda está em dúvidas sobre qual curso tentar, oscilando entre Enfermagem e Direito.

A estudante afirma conhecer as formas de acesso à universidade federal, saber da existência das cotas, porém com relação a essas informações serem amplamente divulgadas pela sua escola e professores, menciona que “a escola só tocou no assunto, mostrou uma tabela, explicou qual cota que é, mas só isso, não aprofundou mais no assunto”.

Na rede de relacionamentos de Renata existem muitas pessoas que estudam ou formaram na UFJF, como seu irmão, seus primos e amigos que passaram pelo mesmo colégio que ela estuda, já concluíram o ensino médio e hoje cursam o ensino superior nessa universidade.

Renata mora com seu pai, sua mãe e seu irmão e diz receber bastante apoio, cobrança e ajuda com relação aos estudos. Eles são participativos na vida estudantil da menina, conhecem os prazos e atividades que ela deve fazer e entregar e, além de ajudar, a lembram e questionam sobre a execução. A atitude da família de Renata com relação à escola é determinante para o êxito escolar.

Esse mesmo apoio, Renata encontra no seu círculo de amizades, onde as conversas sobre os estudos e a universidade são constantes.

A gente conversa bastante, principalmente eu e minhas amigas. A gente, a gente tem uma vontade muito grande de entrar e a gente fica conversando, sabe, sobre quanto a gente precisa para passar, o sistema de cota, né, o ponto de corte, a gente conversa bastante sobre isso. A gente fica conversando quanto a gente tem que tirar mais ou menos nesse PISM agora que vale 360 para ficar numa média boa pro terceiro, a gente conversa mais sobre isso. Ou quando, sobre os cursos também, né, que cada uma quer fazer. Aí a gente a gente conversa bastante, a gente tem esse hábito de conversar.

Ao finalizar a entrevista, Renata diz que, quando ela passar na faculdade, pede ao primo para me avisar, dando como certo seu plano de cursar o ensino superior, mencionado anteriormente.

3.1.6 Juliana

A oportunidade de entrevistar Juliana surgiu por meio do contato com a tia dela. O contato com a tia foi feito na tentativa de entrevistar seu filho, que cursava o ensino médio. Porém, ela informou que o menino havia abandonado a escola, não gostava de estudar e não queria prosseguir de jeito nenhum, queria apenas trabalhar, mas que ela tinha uma sobrinha e que falaria com ela sobre a pesquisa. Após o aceite da menina em participar, a tia passou seu telefone, para que eu falasse diretamente com ela. Entrei em contato, expliquei sobre a pesquisa e ela condicionou sua participação à realização da entrevista por mensagem de texto.

Então, no dia 16 de fevereiro de 2021, às 14:30 enviei as perguntas a ela e tive a resposta às 17:03.

Ao contrário dos outros dois participantes que enviaram suas respostas por texto e mesmo assim foi possível identificar pontos importantes para a discussão dessa pesquisa, as respostas de Juliana foram muito diretas, dificultando a percepção das suas representações. Apesar disso, optou-se por mantê-la descrita nesse trabalho.

Juliana tem 17 anos e está cursando a terceira série do ensino médio em uma escola estadual no mesmo bairro em que reside. Antes disso, cursou o ensino fundamental em uma escola municipal também nesse bairro. Além do terceiro ano do ensino médio, ela faz curso para jovens aprendizes no Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), na área de Administração.

Juliana não trabalha e não realiza outras atividades, como cursos de idiomas ou esportes. Os estudos na escola e no SENAI são as únicas atividades da jovem, ocupando integralmente suas manhãs e tardes.

A estudante está participando do Processo Seletivo Misto da UFJF, tendo feito as provas dos módulos I e II e pretende, ao final desse ano, fazer as provas do módulo III. Além disso, ela afirma que fará as provas do ENEM e que deseja estudar na UFJF. Isso mostra que a estudante percebe a universidade como uma possibilidade.

Juliana conta que deseja cursar Medicina e que pretende estudar e trabalhar após concluir o ensino médio. O curso de Medicina é, tradicionalmente, um curso de grande dificuldade e exige dedicação integral dos estudantes que o frequentam. A pretensão da jovem em cursar Medicina e trabalhar ao mesmo tempo demonstra certo desconhecimento sobre essa questão.

O conhecimento da estudante não é limitado apenas no que se refere ao curso de Medicina. Essa limitação passa pela universidade de forma geral. Ela declara conhecer apenas alguns cursos que são ofertados. Não tem informações sobre as formas de acesso, as ações afirmativas e a assistência estudantil existentes na universidade, confirma que isso não é conversado na sua escola ou explicado pelos professores. Ela tem contato com algumas pessoas que se formaram na universidade, mas ninguém do seu círculo de convívio ou da sua família frequentou um curso superior. Tudo isso torna a universidade algo distante dessa estudante. Apesar de sua pretensão de cursar o ensino superior, o campo universitário está distante de sua vivência, o que dificulta a mobilização de seus investimentos para alcançar o que objetiva.

Juliana disse que só estuda em casa em caso de prova na escola ou no curso, mas que tem o hábito de ler, pois gosta muito. A estudante parece não ter hábitos consolidados de estudo, se distanciando, mais uma vez, do público típico do curso de Medicina.

Ela mora com sua mãe, sua irmã e seu irmão e confirmou que tem apoio e orientações da família a respeito dos estudos e trabalho por meio de conversas. Com relação ao seu círculo de convivência, ela mencionou que essas conversas ocorrem apenas esporadicamente, mas sem dar maiores detalhes.

3.1.7 Paulo

A entrevista com Paulo foi conseguida após contato com colegas professores que indicaram alguns alunos para participar dessa pesquisa. Realizei o contato inicial com Paulo por mensagem de texto via WhatsApp e marcamos um dia e horário para fazer a entrevista por chamada de vídeo. A entrevista ocorreu no dia 31 de julho de 2021, tendo iniciado às 14 horas e durado 55 minutos.

Paulo é um adolescente de 15 anos, que está no primeiro ano do ensino médio em uma escola da rede estadual de educação. Essa escola se localiza no mesmo bairro de residência do estudante, próximo ao Centro de Juiz de Fora.

Ele estuda nessa escola desde o nono ano, no início de 2020, quando veio morar em Juiz de Fora. Antes disso, ele morava com os avós paternos, que o criaram em sua terra natal, no interior de Goiás. Como sua mãe já morava em Juiz de Fora, ele se mudou para cá em busca de melhores oportunidades nos estudos.

A mudança de Paulo deixa clara a sua estratégia em relação aos estudos. Sua intenção ao mudar para Juiz de Fora era estudar no IFET, plano que foi frustrado ao não ser aprovado no processo seletivo. Paulo relata um incômodo com a forma como o processo seletivo foi conduzido, o qual ele chama de “aquela bagunça de histórico escolar” e fala que foi bem prejudicial a quem queria passar e estava estudando para a prova. Ele conta que, devido à pandemia, a seleção foi feita com base na média das notas das disciplinas de Português, Matemática, História e Geografia que os alunos tiveram no oitavo ano, último ano de ensino presencial para aqueles concorrentes. Ele queria fazer Desenvolvimento de Sistemas, curso que ele define como muito concorrido. Ele conta que, no grupo pelo qual optou se inscrever pensando ter mais chances, o de ampla concorrência, as notas eram muito maiores que as suas

e que o único grupo de cotas em que ele poderia ter se inscrito, ele também não teria sido aprovado, novamente afirmando que as notas eram muito maiores que as suas. Sobre isso, ele diz ter ficado impressionado por ter concorrentes com “notas impossíveis”, com média 100 e que “um ser humano não consegue aquilo”. O estudante demonstra muita tristeza em suas expressões e falas sobre o assunto, constatando que “foi muito, uma coisa muito triste o que aconteceu” e que “a gente em escola pública batalha, até particular fica impressionado, impossível isso”. Ele acabou ficando em uma colocação que o deixou de fora até mesmo da lista de espera para a segunda chamada.

Paulo conta que conseguiu uma vaga no cursinho do vestibular pré-IF (Instituto Federal), mas que só chegou a frequentar as aulas por três dias, pois na ocasião iniciou o isolamento social devido à pandemia do coronavírus. O curso técnico que ele tentou seria integrado ao ensino médio. Por isso, ele acredita que estudar no IFET seria uma ótima chance para ele, pois ficou sabendo por terceiros que, nessa instituição de ensino, “eles não preparam pra vestibular, eles te preparam pra vida, mas eles dão uma base boa pra vestibular. Então isso seria uma coisa boa. Mesmo eu não tendo estudado, eu já tenho uma base boa. Isso seria bom para mim”. Ele conclui o assunto com a seguinte fala:

E agora eu penso em mudar de curso, porque não sei se realmente aquele curso era para mim, sabe. Eu fiquei pensando durante esses tempos, eu fiquei bem mal sobre essa reprovação. E agora eu to pensando em fazer outros cursos. Porque não sei, sei lá, não sei se era realmente o que eu queria. Eu tenho que pensar mais sobre. [...] O engraçado é que minha nota, eu entraria em todos os cursos, em todas as cotas que eu pensasse, em todos os outros cursos, menos no meu, menos na minha cota que eu tinha direito. Parece que não era realmente pra ser.

Na cidade em que Paulo morava antes de vir para Juiz de Fora, ele sempre estudou em escola pública municipal e diz sequer saber se na cidade existia escola particular. Nessa escola que ele estudava, não faziam visitas a museus, não existiam projetos, nada era feito além da sala de aula. Já na escola atual do aluno, ele relata que:

No começo do ano, já chegou a pandemia logo em cima. A gente acabou que não conseguiu fazer quase nada, mas eles tinham parece que planos extracurriculares, tipo intercolegial, campeonato de xadrez, eles tinham esses planos, só que acabou que não conseguiram fazer nada.

Ele ainda não está inscrito no PISM, pois é estudante do primeiro ano e as inscrições ainda não foram abertas, mas pretende fazer as provas pela possibilidade de entrar na UFJF. Apesar disso, diz acreditar que não terá bons resultados nas provas, “pelo fato de não estar estudando e também a escola não tá me dando uma base tão boa assim. Uma das tristes realidades do ensino remoto. A gente não tem base”. O estudante também pretende tentar o ENEM. Ele chegou a fazer a inscrição para as provas desse ano, mas não conseguiu realizar o pagamento.

Atualmente, Paulo se dedica apenas à escola. Ele diz que já pensou em trabalhar, mas, por enquanto, acha que isso iria prejudicá-lo, pois “ia passar muito do meu tempo trabalhando em vez de estudando”. Mas, após terminar o ensino médio, pretende entrar na universidade e trabalhar, pois precisa disso. No momento de falar sobre os seus planos para o ensino superior, ele retorna ao assunto do IFET, com a seguinte colocação: “Assim, o meu plano mesmo era de entrar no IF pra conseguir o curso técnico, porque eu posso ter uma chancezinha melhor de emprego que eu talvez ganhe um pouquinho mais, essas coisas assim”.

Ele fala que vai tentar algumas faculdades, o que pode ser na UFJF ou em outras universidades também. Na UFJF, ele gostaria de fazer Engenharia Robótica, mas não sabe se iria conseguir, pois “aí tem que ter muito esforço”. O estudante relaciona a dificuldade em entrar na UFJF à defasagem no ensino proporcionado por escolas públicas e o quanto isso foi intensificado pelo ensino remoto devido à pandemia. Mais uma vez ele deixa claro em suas expressões e falas o quanto isso o incomoda e entristece.

Não sei, eu posso conseguir alguma escola boa durante o ensino médio pra conseguir fazer minha faculdade. Eu queria que todas as escolas públicas do estado preparassem a gente pra vida, pra uma faculdade, pra universidade e tudo, mas infelizmente essa não é a realidade. A gente fica buscando alguma bolsa de alguma escola boa ou algum cursinho, porque a escola em si não prepara a gente. Nunca prepararam a gente pra vida, essa é a realidade. Muitas das matérias poderiam ter sido dadas antes. Tipo, sociologia e filosofia, a gente vê aquilo dali e pensa porque que eu preciso disso? Sendo que na nossa cultura, a gente poderia ter recebido isso muito antes, no fundamental, por exemplo. Poderíamos ter agora matérias de informática, porque agora a gente realmente usa para tudo. Coisas assim, preparatórias pro vestibular ou para a vida. Porque eles não fazem isso. Eu não sei como eu vou conseguir viver depois. Como é que eu vou conseguir comprar uma casa, arranjar emprego, pagar imposto, essas coisas assim. Sei de nada.

Na escola em que Paulo estuda, ele diz que nada é falado sobre as oportunidades da UFJF, as formas de acesso, o sistema de cotas ou a assistência estudantil. O estudante é enfático ao afirmar:

Nada, nunca me falaram nada. Não citaram PISM, nunca me disseram nada. Não, não falam sobre universidade, sobre vestibular. O único vestibular que eu acho que eles chegam a falar é o ENEM. Eu acho que é mais do governo, eles entendem mais. Agora o PISM, nunca falaram.

Já sobre a questão das cotas, ele diz ter aprendido bastante por ter participado do processo seletivo do IFET, pois precisou aprender para decidir em qual grupo ele iria se inscrever, mas que também nunca ouviu sobre isso na escola.

Seguindo na conversa sobre as adversidades existentes em sua escola, Paulo menciona a falta de segurança nesse espaço e conta que lá existe muito problema com drogas, o que para ele “é um problema muito grave, porque acaba influenciando jovens que tem futuro pro caminho errado. Isso é difícil, sabe, e é um problema que parece que não tem solução. Eu não sei como que eu iria resolver esse problema. Uma coisa muito triste, sabe”. O estudante é aluno do turno da manhã e, no pouco tempo em que teve aulas presenciais nessa escola, em torno de um mês, nunca viu policiamento no entorno da escola.

Apesar de todos os problemas apontados pelo aluno, ao ser questionado se há alguma coisa boa em sua escola, se ele vê algum ponto positivo, ele responde com muita convicção que tem professores bons. Mas em seguida volta a apresentar os problemas de sua escola, falando que “tem professores bons, isso eu tenho que admitir, mas infelizmente a turma não ajuda. A escola não ajuda”. Ele relata o caso de uma professora que chegou à sala de aula dele chorando por ter passado raiva com os alunos de outra turma.

Muitos alunos também não colaboram, sabe. Isso também é uma coisa ruim, porque quem quer aprender não consegue por causa que a maioria da turma atrapalha. Atrapalha a professora, atrapalha os alunos. Muita coisa do tipo. Quando tava completa a sala, uns 60% já não querem aprender, muitos querem. Atrapalha o trabalho do professor que tá querendo ganhar o dinheiro dele, atrapalha o aluno que quer mudar de vida, coisas do tipo. E acaba que se um prejudica, todo mundo sai prejudicado.

Sobre a sua rotina de estudos em casa, Paulo lamenta a forma como tem ocorrido o ensino remoto. Ele fala que existe um Plano de Estudo Tutorado, o PET, com a matéria que deve ser estudada e que “agora passou a ter as atividades complementares”, o que ele achou

“horrível o jeito que eles colocaram, porque eu garanto que nem os professores querem dar aquilo, mas eles são obrigados”. O material é postado em uma plataforma e não ocorrem aulas on-line ou postagens de vídeos com explicação do conteúdo pelos professores. Sobre isso ele complementa: “colocam a atividade na plataforma e se fez, fez, se não fez, não tem problema entregar atrasado, só entregando tá bom”. Para resolver as atividades e entregar a resolução aos professores, ele afirma que os alunos pegam as respostas na internet, porque “é o jeito mais fácil de todos”. Como é dado um material com conteúdo e não há explicação da teoria, para ele “o aluno tem que se virar do seu jeito e esse é o jeito que conseguem se virar. Por isso que a gente não aprende nada, porque essa foi a opção que eles nos deram”.

Porém, Paulo conta que tinha uma rotina de estudos para se preparar para a prova do IFET, que acabou não sendo realizada, e que ele segue estudando alguns conteúdos que julga importante e que não são trabalhados na escola da forma que deveriam.

Bom, eu em si, agora eu tava estudando desde abril pra prova do IF. Só que eu tava estudando algumas coisas básicas que eu acho que seriam muito boas, tipo matemática básica. Eu não sabia matemática básica direito. Eu tô estudando agora, eu tava estudando um pouco sobre ela, tava aprendendo um pouco mais os cálculos e tudo. Mas pra você ter noção, matemática básica uma coisa que a gente precisa, eu não sabia. Eu já estou no ensino médio. Imagina as matemáticas mais avançadas, tipo que usam equações mais avançadas, mais complexas. Ciências que usam cálculos mais avançados e complexos. E eu não sabia fazer, porque eu não sabia a matemática básica, o básico da matemática. E então eu fui estudando duas horas, três, por aí. Teve tempos que eu sacrificava até meu final de semana para estudar, mas eu vi o efeito colateral disso. Eu agora, eu tô mentalmente muito desgastado. Então eu tô tentando dar uma equilibrada, sabe. Às vezes eu tiro um dia só para mim, as vezes eu estudo um pouco, mas não to fazendo em excesso de novo.

O discurso de Paulo é marcado por uma contrariedade que indica o valor atribuído por ele às instituições escolares. Em alguns momentos ele demonstra disposição à dedicação aos estudos, quando fala que passava horas estudando e abdicando de momentos de descontração, aprendendo matemática sozinho, tudo isso vislumbrando o acesso ao IFET. Em outros, ele declara que “cola” as respostas das atividades passadas pela escola da internet, pois esse é o caminho mais fácil, mostrando não se importar com o processo de aprendizagem planejado pelos professores da escola em que estuda.

Do tempo de estudos para a prova do IFET, Paulo conta que também permaneceu o gosto pela leitura, que ele adquiriu esse hábito quando começou a estudar por sua conta. Ao

ser questionado sobre o que gosta de ler, ele responde: “não aqueles clássicos, que meu vocabulário não é tão bom assim pra ler aquilo, mas eu gosto de ler sim”.

Antes da pandemia, Paulo gostava muito de jogar futebol, pois é um exercício físico bom e ele gosta de competir. Essa era a única atividade além de ir à escola. Hoje, com a necessidade do isolamento social, ele joga jogos no computador, no vídeo game e no celular. Ele conta que o tipo de jogo que escolhe “varia muito do dia, mas atualmente eu tô jogando um jogo que chama Bad By the Light. Meio que uma pegada de terror, sabe. Eu gosto do jogo por causa da adrenalina que dá”. E completa sobre sua rotina durante a pandemia: “eu gosto de jogar bastante, mas quando eu não jogo, eu vou fazer alguma outra coisa, sabe. Eu vou pesquisar, vou ver vídeo, vou ouvir música, vou ver uma série, ficar mais deitado”.

Paulo mora com sua mãe, sua irmã e seu irmão. O seu pai mora em outro estado, onde trabalha como pedreiro. A sua mãe vende produtos de revistas. Seu pai completou o ensino médio e sua mãe tem o ensino fundamental incompleto. A irmã de Paulo tem 18 anos e cursa Biomedicina em uma universidade particular. O seu irmão tem 13 anos e é aluno do sétimo ano na mesma escola em que ele estuda. Sobre a cobrança da mãe com relação aos estudos, ele afirma que ela confia nele, pois ele faz as coisas da escola que são suas obrigações, não sendo necessário que ela fiscalize o seu material ou dê ordens, até porque “ela não sabe muito bem olhar essas coisas”, diz ele. Ele finaliza falando: “agora a questão do meu irmão, ela cobra muito ele, ela me faz olhar as atividades dele e tudo”.

Ao ser questionado se a família o incentiva nos estudos, o apoia em suas escolhas e como isso acontece, ele faz uma expressão triste para contar o seguinte:

Bom, só a minha irmã que me incentiva a fazer o que eu quero, sabe, o que eu tenho vontade. Agora, a minha mãe ela tem uma questão, tipo, mais financeira do que realmente o que eu quero, sabe. Isso me incomoda um pouco, sabe. Tipo, quando eu falei sobre Engenharia Robótica, a primeira coisa que ela perguntou é se daria dinheiro, sabe, então deu meio que uma desanimada, mas eu falei, ah dá, só para fingir que tenho o apoio dela. Mas se eu quisesse fazer outra coisa que não desse tanto dinheiro assim, ela não me apoiaria. Infelizmente, é isso.

A vontade de cursar Engenharia Robótica surgiu a partir do incentivo de um amigo. Paulo conta que sempre teve “vontade de inventar coisas, realmente fazer coisas que podem mudar o mundo. Uma tecnologia nova, alguma coisa do tipo que possa ajudar as pessoas, que possa sei lá, ajudar a educação em si, coisas assim, sabe. E eu penso em fazer isso pra ajudar”. Aí o seu amigo falou para ele fazer um cursinho de robótica. Então ele foi pesquisar sobre e

descobriu o curso de Engenharia Robótica que é oferecido na UFJF, o qual ele acredita “que pode ser meio que um momento, um conhecimento que eu possa ter para fazer isso”, se referindo a sua fala anterior sobre inventar coisas que podem mudar o mundo. Além do incentivo de seu amigo e de sua irmã, que é a pessoa que mais o apoia, ele comenta que a amiga da mãe também o incentivou, pois ela tem conhecimento sobre a universidade e falou com ele que é legal, que ele deve fazer sim.

Caso a Engenharia Robótica não dê certo, ele pensa em fazer outros cursos, pois sempre tem um plano B, conforme suas palavras. Esses outros cursos seriam Engenharia Mecatrônica ou Ciências da Computação, nos quais ele ainda conseguiria colocar em prática a sua vontade de criar.

Ninguém da família de Paulo cursou uma universidade pública, sendo a sua irmã a primeira pessoa a frequentar o ensino superior, em uma universidade particular. Para Paulo, entrar na universidade tem um significado muito grande e sobre isso ele responde que sua motivação é:

Mudar o rumo que parece que minha família tem, sabe, um ciclo vicioso. Sempre todo mundo vai naquilo, eu não quero aquilo mais pra minha família. Eu nunca fui criado com a família da minha mãe, eu sinceramente nem sou próximo deles, mas a família por parte de pai, que eu fui criado, é um ciclo de você vai estudar, terminar o ensino médio e começar a trabalhar e tentar fazer o ENEM. Só que na minha cidade, o ensino é muito fraco, muito fraco mesmo. Eu tirava notas boas porque eu era esforçado e o ensino de lá não dá pra um vestibular tipo o ENEM, que tem um peso muito maior e, além do mais, a única escola de ensino médio é do estado. Então eu não teria chance nenhuma. Ou seja, ou eu teria que trabalhar lá, viver lá e trabalhar lá, formar uma família e ganhar pouco pelo trabalho que ia ter que fazer ou eu sairia da cidade e tentava uma vida nova ou eu ficava lá e me envolvia no caminho errado. Esse era o ciclo vicioso daquela cidade, e da minha família era o trabalho braçal. Eu não aguento isso. Eu já trabalhei um pouco, sabe. Eu vi que não era pra mim, então eu decidi mudar isso, o rumo dessa história. E ficando lá eu não ia mudar isso. Foi uma decisão na época muito difícil pra mim, mas era o que eu tinha fazer, eu senti isso, sabe.

Em sua fala, Paulo parece reconhecer a sua condição de classe, a que nasceu, e demonstra uma predisposição a modificar a sua posição de classe, a que se adquire nos diversos campos de socialização. As ações de Paulo mostram, ainda, que, conforme observou Lacerda (2021, p.61) em seu estudo com alunos “iteanos”, ele busca “encontrar uma saída para um iminente desastre, nesse caso a reprodução da história familiar”.

Paulo já trabalhou como ajudante do tio que é pedreiro, mas, segundo ele, apenas quando o serviço era pintura ou cerâmica, pois é a parte mais leve. Sobre esse trabalho e a relação com seu tio ele conta que “ele nunca gostou de me colocar no pesado, porque sabia que eu não ia dar conta”. O fato de Paulo ser levado para trabalhar com o tio mostra um estímulo no âmbito familiar à iniciação do trabalho, mesmo com pouca idade e ainda sem concluir, ao menos, a educação básica.

Caso consiga entrar na universidade, ele acredita que sua rotina será pesada, que não terá tempo para nada, mas diz que isso não importa, pois poderá finalmente quebrar aquele ciclo da sua família, que poderá ter alguma chance de mudar esse mundo e que para ele não tem coisa melhor que isso. Ao falar sobre isso ele demonstra empolgação e segue completando que financeiramente também será bom para ele, que quer ter sua família, mas sua principal motivação é ver que talvez possa mudar o mundo. Ele afirma que: “sei lá, talvez investir naquela minha cidadezinha pequena, fazer ela ficar uma cidade média. Investir na educação, em alguma coisa, ajudar esse país a andar. É isso que a gente precisa”.

Sobre os problemas da cidade em que morava, ele menciona a falta de oportunidades nos estudos e de investimentos.

A gente tem que sair pra fazer alguma faculdade. Uma coisa que poderia, tipo, aquela cidade dá pra investir nela, sabe, dá pra colocar algumas coisas boas nela. Por exemplo, se colocasse um Instituto Federal lá, muitos do pessoal das cidades vizinhas iriam mudar pra lá pra tentar um curso técnico, essas coisas do tipo. Uma universidade depois, poderiam investir mais. Infelizmente não é assim que o prefeito de lá pensa. Então, o que eu posso fazer sobre? Nada!

Durante vários momentos da nossa conversa, Paulo discorreu sobre questões políticas, apontando os problemas que ele percebe e que tanto o incomodam. O estudante demonstra ter grande consciência política, conhecimento dos problemas pelos quais passam o país e maturidade para falar sobre isso, apesar de sua pouca idade. Seguem, a seguir, essas falas do estudante.

Tem que fazer uma mudança agora porque senão ninguém vai fazer essa mudança. O que me preocupa é que pessoas na minha idade, que agora vão poder votar, continuam vendo o, o, infelizmente eu não sou a favor, eu não sou a favor do nosso presidente, porque o jeito que ele faz, ele tá acabando com o nosso país, ele tá matando as pessoas e meio que tão idealizando ele. E isso me preocupa, que jovens da minha idade continuem idealizando ele e deixem ele ainda no poder. Sendo que a gente tem que tirar ele o quanto

antes. E não sei nenhum político que tenha essa ideologia de fazer o país evoluir, só que não com agronomia, essas coisas assim. O nosso país não pode continuar assim. A gente tem que investir em tecnologia, educação, é assim que a gente vai evoluir. Mas ninguém pensa assim, todo mundo parece aquela cabeça conservadora de a gente vende comida e ganha dinheiro. É assim que nosso país vive, sabe, só que não é assim. A gente tem que investir, sabe. [...] Estão tirando o nosso direito de aprender, estão tirando o nosso direito de evoluir esse país. Eles não querem que a gente evolua esse país. O pessoal que já tava lá, que depois que aconteceu aquilo tudo, não quer mais isso. Eles querem que a gente regrida. Eles querem parece que fazer uma ditadura, estão preparando o terreno pra isso, fazendo pessoas com cabeças mais fechadas, pessoas que vão ser prejudicadas no futuro, pessoas que não são a favor do governo vão morrer de novo que nem, por exemplo, ditadura. Gente, eles parecem que não deram a ditadura ano passado e é a situação perfeita, que eles não vão ensinar a ditadura. E se não ensinarem a ditadura, como esses jovens vão ver o que a gente passou já? Que a gente já passou isso. Meu avô viveu nessa época, ele fala que foi um inferno na Terra. Porque a pessoa não pode citar o que ela pensa. Tipo, eu penso de um jeito, de uma maneira errada do governo atual. Eu iria sumir. Simplesmente, ah ele sumiu. E pronto. É isso que eles fazem. Pessoas assim vão desaparecer e só vão ficar as cabeças fechadas. Como é que esse país vai evoluir? A gente não pode ficar dependendo dos Estados Unidos, da China. A gente tem que andar com nossas próprias pernas. A gente já andou uma vez, porque a gente não pode andar de novo? O nosso país não influencia jovens a fazerem revoluções. A gente já fez tanta coisa, tipo invenções nossas que mudaram o mundo e eles agora não influenciam isso, eles agora só prejudicam isso. Eles só influenciam os alunos a verem que exatas é chata, que não querem estudar. Parece que cada vez mais influenciam jovens a ir para o caminho das drogas, coisas do tipo. [...] E também eu ouço muito amigos meus que apoiam esse governo falarem que o nosso presidente quer que o povo não passe fome, que o povo trabalhe, só que ele tá fazendo da maneira errada deixando a gente trabalhar em risco. Porque o certo era todo mundo tá vacinado muito antes, muito antes mesmo. E ele foi ignorante com isso. Ele, eu vi num vídeo da BBC News que ele tava escondendo, sabe, não queria citar a opinião dele. Mas depois que o Trump falou, tava falando aquelas coisas do Covid, ele foi também. Então como que a gente vai ter um presidente que não é líder, ele é só um cachorrinho dos Estados Unidos? Isso não é um presidente, sabe. A gente já tava ruim, agora piorou. E eu penso que desse jeito, cortando a verba dos jovens que tinham um futuro no esporte, que poxa poderiam ser um orgulho para nossa nação, agora tão indo aí pro mundo das drogas, não estão conseguindo estudar. E isso é tão triste, sabe. Triste por não investirem em esportes que são muito desvalorizados, tipo futebol feminino, que eu acho que deveria ser muito mais valorizado no nosso país. O skate, por exemplo, a Raíssa, olha o exemplo. Ela poderia muito bem ter ido para o caminho errado, ela não foi, ela foi para o esporte, ela decidiu seguir o caminho certo. E eles não pensam nisso. Mesmo a gente lutando contra isso, eles ainda querem prejudicar a gente. E a gente tem que mostrar que a gente nunca desiste, né. Senão eles não vão parar. E a revolução tem que começar antes, muito antes. Porque se começar uma ditadura antes, acabou, a gente não tem mais essa chance. A gente já escapou de uma ditadura uma vez, mas não sei se a gente consegue de novo. A gente tá em risco ainda. A gente tá em um campo minado. Se a gente sair, a gente pega Covid e contamina mais pessoas vulneráveis e mais pessoas vão

morrer. Isso que ele quer. Agora, se a gente esperar mais um pouco, esperar pelo menos tomar as doses das vacinas, talvez a gente tenha uma chance maior. Mas a nossa maior chance que a gente tem é em 2022, nas eleições. Pensar muito bem no nosso voto e analisar muito bem se realmente vale a pena colocar aquele cara de novo no poder.

Caminhando para o final da entrevista, falamos sobre o retorno das aulas presenciais e Paulo foi categórico ao afirmar que prefere “perder esses dois anos, reprovar e ter essas séries de novo”. Para ele, a defasagem durante o ensino remoto foi tão grande, que o retorno das aulas nesse momento acabaria prejudicando os estudantes.

Eu não vou frequentar. Não é por covid em si. Se eu tomasse a primeira dose, eu até iria. Mas tem uma coisa, a gente não sabe nada dos anos, nada dos bimestres. A maior burrice é desejar que as aulas voltem, porque a gente vai reprovar. Eles vão voltar de onde a gente parou e nisso eles vão passar matéria que já passaram, entre aspas, e ninguém sabe, eu garanto que ninguém sabe. E se o aluno, o aluno vai ver que agora não tem jeito, vai reprovar. Porque a gente não sabe nada. E eles querem voltar e não faz sentido. E também a gente tá muito vulnerável. Uma dose só não é duas. Então não dá pra continuar, tipo, ah vamos voltar as aulas, tomou a primeira dose já pode voltar. Eu fiquei sabendo que aqui em JF não vai voltar presencial. Isso já me alivia um pouco, porque vai me prejudicar no cursinho, vai prejudicar em muita coisa mesmo. Eu não vou ser aprovado, porque eu não sei nada do primeiro ano. Nada! E eles vão voltar de onde eu parei. Então se for pra voltar, volta, só que deixa todo mundo tomar a segunda dose. Pode ser em 2022, em março de 2022 já pode voltar, eu acho que já pode. Que aí já vai ter todo mundo tomado a segunda dose e tudo. Mas por enquanto, não volta. Na minha opinião não deve voltar. A minha mãe tá querendo que as aulas voltem por causa do meu irmão, mas eu em si seria a maior burrice desejar que elas voltem porque a gente vai reprovar. Eu tenho certeza. Questão de estratégia, né? Tem que pensar assim por causa da estratégia. Infelizmente eles estão aprovando analfabetos funcionais, eles estão aprovando isso, porque ensino médio já é uma coisa que muitos não ligam pra matéria que, tipo, o pessoal, o meu pai, a minha mãe não chegou até o ensino médio. Mas o meu pai, por exemplo, não sabe muito. Ele estudou, mas ele não lembra das matérias. Tem matéria que tipo assim, ah pra que que eu vou usar. Isso é uma coisa meio triste, sabe. A polêmica da fórmula de Baskhara, ah pra que que eu vou usar isso na minha vida? Mas muitos cientistas usam ela, sabe, muitos engenheiros usam ela e tudo. É uma coisa que tangenciam, mas tinham que dar um pouco mais de, vamos supor, incentivar os alunos a gostarem da matéria de exatas, coisa que eles não fazem. Eles só passam a matéria e é isso.

A participação de Paulo foi muito enriquecedora, não só para os pontos que se pretendia discutir na pesquisa, mas ele foi além. O jovem aparentava grande necessidade de falar, de se expressar, como se os seus pensamentos estivessem presos, apenas aguardando

uma oportunidade para serem libertados. Tal como observou Bourdieu (1997), ao longo da sua experiência de prática em pesquisa sociológica.

Oferecendo-lhe uma situação de comunicação completamente excepcional, livre dos constrangimentos, principalmente temporais, que pesam sobre a maior parte das trocas cotidianas e abrindo-lhe alternativas que o incitam ou o autorizam a exprimir mal-estares; faltas ou necessidades que ele descobre-exprimindo-os, o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização. Embora eles sem dúvida não percebam conscientemente todos os sinais desta disponibilidade (que requer sem dúvida um pouco mais que uma simples conversão intelectual), certos pesquisados, sobretudo entre os mais carentes, parecem aproveitar essa situação como uma ocasião excepcional que lhes é oferecida para testemunhar, se fazer ouvir, levar sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião também de *se explicar*, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles vêm a si mesmos e o mundo, e se tomam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar. [...] Pode-se sem dúvida falar então de *auto-análise provocada e acompanhada*: em mais de um caso nós sentimos que a pessoa interrogada aproveitava a ocasião que lhe tinha sido dada de ser interrogada sobre ela mesma e da licitação ou da solicitação que lhe asseguravam nossas perguntas ou nossas sugestões (sempre abertas e múltiplas e freqüentemente reduzidas a uma atenção silenciosa) para realizar um trabalho de explicitação, gratificante e doloroso ao mesmo tempo, e para enunciar, às vezes com uma extraordinária *intensidade expressiva*, experiências e reflexões há muito reservadas ou reprimidas (BOURDIEU, 1997, p.704-705).

Quando eu falei que a entrevista havia acabado, ele me perguntou se poderia divulgar. Expliquei a ele os próximos passos da minha dissertação e falei que quando concluísse o meu trabalho, enviaria a ele para que fizesse a divulgação, conforme a sua vontade. Ele explicou que gostaria de divulgar, porque: “Coisas assim que precisam chegar no ouvido dos jovens, eles precisam ler também. Ver o que é a mudança, o que a gente precisa mudar. Pra ajudar a mudar o caminho que eles estão seguindo, sabe. A pensar muito bem no que eles vão fazer”.

Ele finalizou agradecendo a oportunidade em ter participado, deixando visível, a meu ver, que a sua participação foi tão importante para ele quanto para mim.

Foi bom, sabe. Foi bom pelo menos tentar representar o pessoal que ainda vai entrar na universidade, que tá no ensino médio, que pode entrar na faculdade, amigos meus que ainda estão no ensino médio. Eu acho que vai ser bom isso, sabe. Eu queria participar, falar realmente o que a gente tá passando. Porque se eu não falar, quem vai falar? Muito obrigado por essa consideração. Isso ajuda muito, sabe.

3.1.8 Tatiana

A entrevista com Tatiana foi conseguida por intermédio de uma colega professora que indicou alunos para participarem dessa pesquisa. O contato inicial com Tatiana foi feito por mensagem de texto via WhatsApp, no qual ela demonstrou grande interesse em participar. Então, marcamos a entrevista para o dia seguinte, 31 de julho de 2021, às 15 horas. No dia e horário combinados, entrei em contato com a estudante, tendo a entrevista iniciado às 15:05, durado 16 minutos e ocorrido por chamada de vídeo.

Tatiana tem 17 anos e está no terceiro ano do ensino médio. Ela estuda em uma escola estadual, situada em um bairro próximo ao de sua residência, desde o primeiro ano do ensino médio, no turno da noite. Antes disso, ela estudava em uma escola municipal no mesmo bairro em que mora. Ela conta que teve que mudar de escola, pois aquela em que ela estudava só oferecia o ensino até o nono ano. A jovem saiu da mesma escola que Roberta e Tiago, dois outros participantes da pesquisa, moram no mesmo bairro, mas, ao contrário dos colegas, que optaram por escolas bem recomendadas com relação ao ensino, mesmo que distantes de suas residências, ela seguiu para uma escola próxima a sua casa e no turno da noite.

A estudante está fazendo o PISM da UFJF, já tendo realizado as provas ao final do primeiro e segundo ano. Ela também afirma que vai fazer o ENEM. Após terminar o ensino médio, ela pretende tentar conciliar o estudo na faculdade com algum trabalho, mas afirma que seu foco mesmo é entrar na faculdade, deixando claro que percebe a universidade como uma possibilidade.

Tatiana conta que às vezes faz “um bico ou outra coisa porque tem que ajudar em casa também, mas carteira assinada mesmo, não”. Sobre esse “bico”, ela diz que vende produtos de revistas.

Tatiana é enfática ao afirmar que quer cursar Educação Física na UFJF, descartando a possibilidade de estudar em uma universidade particular. Ao ser questionada sobre a escolha do curso, ela relata o seguinte: “eu sempre me identifiquei com a área de Educação Física e eu fiz futebol lá também. Em 2018 eu fiz a seletiva e eu entrei no projeto de lá e aí eu acabei me identificando um pouco mais e tive essa ideia mais certa que eu queria Educação Física”. Ela conta que conhece os outros cursos oferecidos na UFJF e que tem em mente como segunda opção os cursos de Psicologia e Fisioterapia. Essa fala da estudante demonstra a importância

de projetos da universidade nas escolas para a inserção dos estudantes nesse espaço e definição das possíveis trajetórias futuras.

Sobre o sistema de cotas e a assistência estudantil após a aprovação na universidade, Tatiana relata não ter o menor conhecimento. A jovem, que é negra e estudante de escola pública, talvez, sequer utilize esses critérios das ações afirmativas na tentativa de acesso à universidade pública, por desconhecer a sua existência. Ela diz que nunca chegou a pesquisar sobre o assunto e que na escola também nunca ouviu sobre isso. Apesar disso, ela conta que os professores falam sobre a universidade e da importância de estudar e “correr atrás” para conseguir o acesso.

Na família de Tatiana apenas alguns primos fizeram faculdade, porém não foi na UFJF. Ela não sabe dizer quais foram os cursos, pois não tem muita proximidade com eles.

Tatiana mora com o seu pai, a sua mãe e o seu irmão. O seu irmão é mais velho, já terminou o ensino médio e não prosseguiu com os estudos, pois não tem vontade. Os seus pais, hoje em dia, são aposentados. Antes, o pai trabalhava como caminhoneiro e a mãe era faxineira. Ela conta que a família a apoia bastante e que são bem tranquilos em relação às suas escolhas, incentivando-a a ir atrás do que ela quer. Sobre isso ela complementa que: “eles me apoiam bem, mas eles não ficam interferindo tanto. Eles falam que tem que estudar, tem que correr atrás, mas não são de ficar muito em cima”. As cobranças sobre o estudo não ocorrem, ficando por conta apenas da menina administrar essas questões.

Ao ser questionada sobre seus hábitos de estudo, a estudante responde envergonhada que: “num vou te mentir não, não tenho, mas com a chegada da pandemia eu fui obrigada, né, a estudar mais”. Apesar disso, ela conta que esse estudo não é regular, não ocorre todos os dias e com uma quantidade de horas definidas. Segundo ela, “é de acordo com o que precisa”. A jovem possui um plano futuro traçado, quer estar na universidade, já definiu o curso, mas não apresenta hábitos de estudo consolidados, faltando mobilização individual. Isso pode ser devido às poucas informações que tem sobre a universidade e sobre o que é preciso para chegar até lá. Ainda que já tenha frequentado o espaço da universidade durante o projeto em que participava e isso tenha sido importante para a definição do que deseja, a falta de capital informacional por parte da escola e da sua rede de convivência sobre a universidade é fator marcante para que a jovem não se prepare adequadamente para o que almeja.

Tatiana também relata que até gosta de ler, mas não tem esse hábito. Antes da pandemia, sua rotina “era bem corrida”. Ela estudava no turno da manhã e a tarde ia para a UFJF para treinar futebol no projeto em que participava.

Além da família, Tatiana diz encontrar bastante apoio para os estudos e planos futuros nos amigos. Ela relata que esse assunto é recorrente entre eles, que falam “sobre o que cada um quer fazer, porque quer fazer, a gente fala bastante sobre”.

Para ela, entrar na universidade tem um grande significado. Sobre isso ela afirma: “como eu sempre me identifiquei com o esporte, eu acho que é uma porta que abre pra mim tá seguindo um outro caminho, né. Até mesmo uma mulher entrando, cursando uma universidade, eu acho que é uma grande novidade”.

Sobre a escola em que estuda atualmente, Tatiana fez algumas reclamações durante a nossa conversa sobre a diferença de tratamento entre os turnos de ensino. Ela conta que na sua escola anterior, existiam projetos, passeios, visitas a museus, experiências além da sala de aula. Na escola atual, ela diz que no turno da noite é “só o estudo mesmo”.

O que mais me incomoda é esse negócio de não ter tanta importância como noturno. Porque eu tenho amigos que estudam lá na parte da manhã, eles falam que eles são mais pressionados, a querer mais. De uma certa forma tem bem mais oportunidade. E eu gosto bastante dos professores em si, os professores eles ajudam bastante. Com a chegada do ensino médio eu comecei a ver coisas diferentes, eu tinha que correr atrás pra fazer outras coisas e eu tinha que correr atrás pra mim mesmo, né, porque como não tinha muita ajuda da escola com o noturno, eu tinha que me preocupar mais.

Ao finalizar a entrevista, Tatiana pediu para me fazer uma pergunta e questionou como tem sido “praticar o EAD”, pois ela acredita que na faculdade é um pouco mais difícil. Relatei a ela sobre a minha experiência com o ensino remoto durante a pandemia, como aluna do mestrado, e aproveitei para perguntar o que ela achava do retorno das aulas naquele momento, pois era algo que estava sendo bastante discutido.

Eu acho que não é a hora, mas em questão eu acho que é necessário, principalmente para as pessoas que estão concluindo o ensino médio. Eu principalmente que tenho uma dificuldade muito grande de concentração, eu acho que é necessário, mas não é momento também. É, isso aí é um impasse, né, de achar que é necessário, mas achar também que não é o momento.

Ela ainda contou que alguns de seus professores apenas postam as atividades que devem ser feitas na plataforma de ensino, enquanto outros dão aulas on-line, mas que pouquíssimos alunos participam, sendo ela uma dessas pessoas que raramente assistem às aulas. Tatiana finaliza justificando que: “Eu prefiro o ensino mesmo, o professor tando ali em

cima, me ajudando de alguma forma, porque a gente não aprende tanto. Na verdade a gente nem aprende, né. Tem que ter um pouco mais dos professores em cima, ajudando”.

3.1.9 Tiago

O contato com Tiago também foi intermediado por uma colega professora, que já havia dado aula para ele, falou sobre a entrevista, ele aceitou e, então, ela me passou o telefone dele. Realizei o primeiro contato para me apresentar e marcar a data da entrevista, que aconteceu por chamada de vídeo no dia 31 de julho de 2021, com início às 16:08 e término às 16:33.

Tiago acabou de completar 18 anos e está no terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual localizada distante de sua casa. Ele utiliza o transporte público, sendo necessários dois ônibus por dia, para ir e voltar. Sobre ainda estar no terceiro ano do ensino médio com 18 anos de idade, ele se antecipa ao que eu pretendia perguntar e conta que: “Já era pra eu ter terminado, né, mas eu não terminei porque como meu aniversário é em julho, aí tinha aquela regrinha, né, que não podia, tinha que esperar metade do ano pra entrar”. Ele estuda nessa escola desde o primeiro ano do ensino médio e, antes disso, cursou todo o ensino fundamental em uma escola municipal localizada no mesmo bairro em que ele reside.

A respeito dessa mudança de escola, ele relata que:

Antes eu estudava no [nome da escola], uma escola no meu bairro e aí eu pedi transferência, né, quando acabou. Era só até o nono ano e aí quando eu fui pro ensino médio eu tive que procurar outras escolas. Aí tinha umas escolas bem próximas aqui da minha casa, mas não eram umas escolas, assim, muito boas, né. Daí eu fui lá pro centro procurar uma escola que eu sentisse realmente que fosse boa pra mim.

Essa colocação deixa evidente a estratégia do jovem de escolha do estabelecimento escolar visando melhor capacitação.

Aproveitei essa fala do estudante para perguntar se a qualidade da escola correspondeu às expectativas que tinha à época da escolha. Ele respondeu que antes da pandemia não tinha do que reclamar, mas agora tem. E seguiu contando como tem sido as atividades durante esse período de ensino remoto e a diferença de tratamento que percebe entre os turnos da manhã e da noite.

Então, eu era do turno da manhã, porém eu tive que pedir transferência por algumas coisas que aconteceram no turno da manhã e aí eu fui pra noite. No turno da manhã, o pessoal, alguns professores dão aula on-line, mas outros não, só postam as atividades. E a noite só as atividades. [...] É bem assim, dá pra ver, é nítido, é nítido realmente. Eu acho que é até uma, não sei como que eu poderia falar, mas acho que é uma falta mesmo de interesse, sabe, do professor com o aluno.

Tiago não está fazendo o PISM, porém garante que fará o ENEM. Ele chegou a fazer o PISM I, ao final do primeiro ano do ensino médio, mas não fez o PISM II, tendo, por isso, sido eliminado do processo seletivo.

Após terminar o ensino médio, Tiago que cursar a universidade, o que ele conta ser seu grande sonho. Ele também demonstra ter muita certeza do curso que pretende fazer e suas motivações.

É, assim, todo mundo que me conhece sempre sabe, né, o meu sonho sempre foi a UFJF, sempre falei que eu quis entrar lá, gosto muito da universidade, sei assim que tem seus problemas, mas é um lugar que eu sempre quis tá e pretendo sim, quando terminar, fazer uma faculdade, formar e atuar na área que eu, né, pretendo. Eu quero fazer Direito! [...] Eu sempre fui uma pessoa muito questionadora, tenho uma facilidade muito grande em absorver conhecimento. O pessoal sempre, por exemplo, na escola Álvaro Lins, sempre que tinha algum problema eu tava no meio lá tentando, às vezes o problema era até comigo mesmo, sabe, num era resolver, mas eu sempre tava lá. Quando eu tinha um direito pra lutar eu sempre tava lá lutando. Antigamente, na escola, o pessoal me apelidava de, me apelidava de, como que fala? É defensoria pública, porque sempre que tinha um problema tava eu no meio. Então é por isso, eu acho que é uma coisa que tá muito em mim, sabe.

O estudante afirma ter um pouco de conhecimento sobre as formas de acesso à universidade, mencionando o PISM, o ENEM e o Programa Universidade para Todos (PROUNI). Sobre os grupos de cotas, ele alega não saber nem o que é. Ele desconhece a existência de cotas para estudantes de escolas públicas e diz que a escola não fala sobre isso, apesar de alguns professores incentivarem os alunos a cursar uma faculdade.

Lá no [nome da escola], igual eu te falei, é uma escola muito, é uma escola que eu considero muito boa antes da pandemia, porque sempre tinha os projetos da UF, sempre tava em parceria com a UF, a gente sempre ia na UF, mas aí assim, sempre teve esse contato, né, mas tem professores e professores, alguns falam e outros não tão nem aí.

Entre os familiares de Tiago não há ninguém que tenha se formado na UFJF, mas ele conta que alguns primos de outra cidade possuem curso superior em universidades privadas.

Tiago relata que a sua família era composta apenas por ele, sua mãe e seu irmão. Com o falecimento de sua mãe em setembro do ano passado, passou a ser somente ele e o irmão. Seu irmão é mais novo, tem 15 anos, os dois moram juntos, e é Tiago quem cuida do menino, apesar de, oficialmente, a guarda ser de uma tia. Ele conta que o irmão já foi reprovado na escola algumas vezes, estando no sexto ano do ensino fundamental. Ao ser perguntado se ele orienta o irmão com relação aos estudos, se faz cobranças, ele responde que isso é com a tia dele, que ela é quem cuida disso.

Com relação aos estudos e planos, o estudante é enfático ao comunicar que sua mãe o apoiava muito e as razões dela para isso.

Nossa, muito! Muito! A minha mãe ela não teve muita oportunidade, então mesmo não tendo muita oportunidade, minha mãe conseguiu se realizar na vida dela, tanto financeiramente, como na carreira dela. Minha mãe ela concluiu o ensino médio, fez um curso técnico de Enfermagem, trabalhava, passou num concurso e aí trabalhava na Prefeitura, como concursada. Era o que ela gostava de fazer, então pra ela, ela tava realizada sabe. Mas ela sempre teve a vontade de fazer uma faculdade, ela só não fez mesmo por conta de, né, por ter dois filhos, ter que trabalhar e é isso.

Atualmente, ele diz que encontra muito apoio em si próprio, que ele mesmo se apoia. Além disso, menciona ter o apoio de seu namorado, que cursa Medicina na UFJF, e de seus primos que moram em outra cidade, no estado do Rio de Janeiro, mas mantém o contato e as conversas que servem como incentivo.

Tiago conta que nunca teve o hábito de estudar em casa e explica suas motivações para isso.

É assim, nunca, nunca fui de estudar em casa, sempre tive um rendimento muito bom, né, igual eu já falei, né, eu tenho uma habilidade de absorver conhecimento muito forte, muito assim nata, né, muito forte. Então eu nunca senti essa necessidade de estudar em casa. É, ultimamente, eu não tenho estudado, as atividades que a escola manda é algo assim, uma coisa tão fácil e que não tem porque você estudar. Eu sinto que eu não tô aprendendo nada. Então, tipo, não tem porque eu estudar, porque é uma coisa muito fácil.

Apesar disso, ele diz que faz as atividades enviadas pela escola e as devolve pela plataforma de ensino. Esse é mais um estudante dessa pesquisa que condiciona o fato de não estudar em casa ao bom desempenho escolar. O que se torna perceptível nessas falas é que,

para esses estudantes, tirar boas notas na escola é indicativo de que aprenderam tudo o que era necessário e que apenas isso basta. Esses estudantes não apresentam o hábito de estudo e desconhecem a sua importância.

O jovem conta que gosta muito de ler e tem esse hábito. Nesse momento da entrevista, ele vira a câmera para que eu possa ver sua prateleira cheia de livros.

A maior parte do dia, Tiago passa na internet, atribuindo cerca de 70 a 80% de seu tempo a essa atividade. O restante do tempo é gasto com os “afazeres de casa”. Ele complementa que: “Antigamente era um pouco mais diversificado, porque eu trabalhava. Só que com a pandemia também acabei perdendo o emprego e aí, enfim”.

No começo desse ano, já em pandemia e ensino remoto, Tiago arrumou um emprego, que perdeu pouco tempo depois. Ele trabalhava como vendedor em um carrinho de pipoca no Centro de Juiz de Fora. Para ele, apesar de estar em ensino remoto, o fato de trabalhar e estudar prejudica os estudos.

Não vou te falar que não interfere, porque interfere sim. Eu acho uma coisa muito difícil porque você tá cansado, você chega em casa, você quer descansar. Aí acaba que você, né, por exemplo, no meu caso, eu precisava do dinheiro, então às vezes eu era forçado a me dedicar mais no trabalho e menos na escola, por mais que eu saiba que a escola ao longo prazo é o que pode me proporcionar uma vida melhor.

Apesar de demonstrar ser consciente sobre a atual situação da pandemia, Tiago deseja o retorno presencial das aulas, pois tem sentido bastante a deficiência do ensino remoto e alega que “a escola deixa os alunos a deriva”.

Então, esse é um assunto bem polêmico, né, porque eu acho que deveria voltar, né, eu queria muito que voltasse pelo fato de eu tá sentindo sim uma deficiência em relação ao ensino, assim tá horrível, tá uma catástrofe, porém, aí vem o lado da saúde, da segurança, né. Não é todo mundo que vacinou ainda, a gente tá caminhando até que bem rápido, né, mas acaba que não é todo mundo que vai vacinar, não tem vacina pra todo mundo. O risco de transmissão é grande, ainda mais porque vão ser professores, né, alunos, mas assim eu queria muito que voltasse, de coração mesmo.

O estudante segue falando de sua escola, diz que a hierarquia é algo que o incomoda um pouco e descreve uma situação delicada ocorrida com ele e com outros alunos, em que ele acredita que essa hierarquia impediu que a história tivesse outro desfecho. Isso mostra que o

estudante percebe as relações de força que existem na sociedade, nesse caso inseridas no ambiente escolar.

Eu acho que talvez uma coisa que me incomode lá na escola seja um pouco a hierarquia da escola. Eu acho que me incomoda um pouco. Porque é eu tive, igual eu falei, eu tive um problema, no turno da manhã, assédio sexual de um professor e por mais que eu tenha falado, outros alunos também tenha falado, como o professor era efetivo, efetivo não, concursado, como ele era concursado, a escola resolveu não fazer nada e colocar assim como se fosse o aluno perseguindo o professor. Sendo que assim, a gente tem provas, né. Coisas bem assim, explicitamente que tava acontecendo assédio sexual na escola e mesmo assim escolheram tampar os olhos.

Apesar da situação relatada, ele diz que, “tirando essa parte”, ele gosta de tudo na escola. “Eu gosto de ir, nossa, todo mundo que me conhece sabe, uma coisa que eu sempre prezei muito na minha vida foi a escola, sempre me dediquei muito a escola”. Ele menciona a professora que intermediou nosso contato e diz que ela pode confirmar que ele sempre foi “uma pessoa muito ligada e muito dedicada à escola”. E finaliza a sua colocação lamentando: “Mas aí veio a pandemia, acabou que, acabou com tudo, né”.

Tiago conta que sentiu muita diferença entre o ensino fundamental e o ensino médio e também entre as redes municipal e estadual de educação.

É impactante, né, porque a escola que eu estudava é uma rede municipal e aí depois eu fui pra uma estadual, então a gente sente assim que é um, né, parece que você sobre um *level* na sua vida. É matéria mais difícil, mais professores, uma rotina mais apertada, uma cobrança maior, né, do que tava acostumado. Assim acho que cada um trabalha assim, é como que eu posso falar, do jeito que é permitido, sabe. É, escola municipal tem os seus recursos e estadual também tem os seus recursos, né. Acaba que a estadual, se eu não me engano, tem um pouco mais, então por isso, eu acho que, que é um pouco melhor o ensino da estadual.

Ele acredita que também vai sentir bastante as diferenças entre o ensino médio e o ensino superior, já prevendo as relações que ocorrerão naquele campo. Na universidade, ele espera encontrar bons professores que o façam “um dia ser um profissional bom, que nem eles”.

Acho que, né, igual eu falei, são *levels* na vida, você vai subindo e aí vai ficando mais difícil. É isso que vai selecionando quem são os melhores. [...] Ah, eu creio que eu, né, provavelmente, eu vá ter alguma dificuldade, ainda mais pelo fato de eu precisar de estudar e trabalhar. Eu acho que, bom, assim

qualquer lugar pode rolar algum conflito, então provavelmente como, ainda mais faculdade que é muita gente, né, acaba que você não vai conseguir agradar todo mundo. Então provavelmente vai ter conflitos e é isso.

O estudante finaliza a sua participação descrevendo o significado que chegar à universidade tem para ele.

Ah, eu acho que eu entrar e me formar é uma qualidade de vida melhor, né. É o que eu almejo muito. Não, eu acho que é realização mesmo. Porque, né, toda trajetória da minha vida, tudo que eu já passei. E não só por mim, né, até mesmo pela minha mãe, pra eu conseguir honrar tudo que ela fez por mim.

Tiago apresenta uma representação comum aos estudantes de escolas públicas, no sentido de associar a educação a uma melhor qualidade de vida, e ao mesmo tempo com uma motivação bastante pessoal, por fazer uma ligação com a sua trajetória de vida e com a recente e precoce perda de sua principal referência e apoio, a sua mãe.

3.1.10 Roberta

A participação de Roberta na entrevista foi combinada entre a estudante e eu, após uma colega professora conversar com a menina e ela aceitar participar. A entrevista foi realizada por chamada de vídeo no WhatsApp no dia 02 de agosto de 2021, com início às 20:06 e duração de 30 minutos.

Roberta tem 17 anos e cursa o terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual. Ela entrou nessa escola no primeiro ano do ensino médio e, até então, havia estudado em uma escola municipal no mesmo bairro onde mora. A escola em que ela estuda atualmente é distante de sua casa e ela conta que a opção por essa escola teve uma motivação. Na sua escola anterior, na rede municipal de educação, só era oferecido até o nono ano do ensino fundamental e, das escolas estaduais mais próximas da sua residência que oferecem o ensino médio, ela não se “familiarizava” com nenhuma. Já a escola em que ela escolheu cursar o ensino médio, “é uma escola que todo mundo falava muito bem”. Logo, ela fez a opção pelas boas referências. A estratégia de Roberta na escolha do estabelecimento escolar visando melhor capacitação indica uma mobilização individual da estudante na constituição do seu

percurso escolar e da família na realização de um investimento por perceber a real possibilidade de retorno futuro.

É importante destacar que, dentre as escolas públicas estaduais de Juiz de Fora, a escola escolhida por Roberta ocupa posição de destaque. Apresenta elevados números de aprovações no IFET, para os estudantes do ensino fundamental, e na UFJF, para os estudantes do ensino médio. É bem falada entre os professores e bastante priorizada por esses na hora de escolhas de cargos. Além disso, possui boa localização, em um bairro próximo ao centro, servido por muitas linhas de transporte, com grande atividade comercial e segurança.

Atualmente, Roberta estuda na escola de manhã e na parte da tarde participa do Programa de Aprendizagem Profissional Comercial, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Durante uma semana ela tem aulas no SENAC e na outra semana ela trabalha em um Call Center na área administrativa. Esse revezamento semanal entre aulas e trabalho segue durante todo o curso.

Após terminar o ensino médio, Roberta pretende continuar conciliando os estudos com o trabalho. A estudante está fazendo o PISM, já se inscreveu para o ENEM e afirma que está estudando para os dois, pois quer cursar Psicologia na UFJF. Sobre isso ela conta que:

Eu quero cursar Psicologia, né. E aí eu vou tentar entrar na federal e manter meu emprego. Aí caso eu não conseguir, assim, graças a deus eu não dependo tanto disso assim né, de trabalhar, e aí eu vou deixar a empresa e focar só nos meus estudos, caso eu não consiga manter os dois.

Roberta disse ter um conhecimento básico sobre as cotas para acesso à universidade e menciona “a questão da cor de pele” e “a questão da classe social”. Esse conhecimento ela obteve sozinha ao pesquisar no momento da sua inscrição para o PISM I. Sobre a assistência estudantil ela disse não ter tanto conhecimento assim. Ela relata que, na escola, alguns professores já falaram sobre isso, mas não para a sala inteira, apenas para alguns alunos quando vão tirar dúvidas ou conversar com esses professores.

A estudante conta que sempre teve o sonho de cursar Psicologia, mas que mesmo assim pesquisou bastante sobre essa área e sobre outros cursos oferecidos na UFJF, pois considera uma escolha muito difícil e importante. Em seguida, ela relatou qual é o significado, para ela, de entrar na universidade.

Desde pequena eu sempre falei que eu queria fazer Psicologia, porque eu gosto muito de conversar né, eu gosto muito de ouvir também. Então, assim,

eu acho que é uma das profissões que eu mais me encaixo assim. Eu gosto muito de ouvir, de conversar e de ajudar também. [...] Assim, eu pesquisei bastante, né. Porque é uma coisa que é assim pra vida toda da gente, né. Assim, cinco anos estudando, fora mestrado e doutorado. Então assim, eu queria ter bastante certeza do que eu queria, se eu queria realmente né. Então assim, eu pesquisei muito, né. Pesquisei Medicina também. Pesquisei Direito, porque eu também tinha muito interesse na carreira militar, né, e a maioria dos cursos militares pedem um superior em, pedem bacharelado em Direito e tal e eu pesquisei bastante, mas aí é Psicologia mesmo que eu quero. [...] Meu sonho é me formar, é ter uma condição estável, né. E as coisas hoje estão muito complicadas, então ter uma faculdade é muito importante para vida da gente, pro futuro da gente, né. Até porque a gente não sabe como vão ser as coisas no futuro. Já tão agora, né. Então a gente não sabe como vai ser depois. Então assim, você ter uma faculdade, uma formação, você poder fazer um concurso da prefeitura mais tarde e você ter uma estabilidade, uma garantia assim, é muito importante. Então assim, pra mim é o meu maior foco agora terminar o meu terceiro ano, é o meu maior foco.

Roberta é filha única e mora com os pais, que a apoiam bastante em relação aos estudos. Seu pai estudou até a quinta série e é ajudante de pedreiro. Sua mãe estudou até o terceiro ano do ensino médio e é dona de casa. Ela complementa que, apesar de não terem “tanta experiência pra poder falar”, e a questão dos estudos não ser “um assunto que eles sabem tanto”, sempre a incentivaram e apoiaram. Devido a pouca instrução dos pais, ela sempre procurou pesquisar e conversar com pessoas que saberiam a aconselhar sobre suas dúvidas em relação aos estudos.

Além do apoio dos pais, a menina diz que eles acompanham seus estudos, apesar de não precisarem cobrar muito, pois ela sempre se dedicou e mantém uma rotina. O acompanhamento e o apoio dos pais, apesar de seu pouco estudo, apontam para um reconhecimento da importância da educação e busca por uma mudança na trajetória escolar da família.

Então, eu já sempre tive isso de estudar por mim mesma. Então assim, nunca foi uma coisa que eles precisassem cobrar e tal né, de ficar falando ah você tem que estudar, ah tem esse horário. Eu sempre já tirava meu horário mesmo pra estudar e pra me dedicar assim. Então nunca foi uma coisa que eles precisassem pegar tanto no meu pé, mas sempre falando, mesmo não precisando pegar tanto no meu pé, porque eles sabem que eu realmente me esforço e faço o que eu posso. Mas eles sempre falavam, olha estuda, ah tá vindo a prova aí, você já estudou. Assim, sempre falavam. Sempre falam né, até hoje. [...] Então, geralmente eu vou de acordo com, assim se eu não tiver muito cansada eu consigo ir mais, entendeu. Aí quando eu, se eu tô mais cansada assim, seu eu já tô mais esgotada, aí eu pego mais leve e aí eu vou assim. Porque às vezes eu, quando eu começo a ficar muito cansada, eu não consigo mais gravar na minha cabeça, eu não consigo mais prestar atenção e

aí eu dou uma segurada, e aí eu vou, aí eu pego as que eu tenho mais facilidade também, que aí eu fico mais, mais né, eu consigo me concentrar mais.

Roberta demonstra estar envolvida no jogo, levar o jogo a sério. Há todo um investimento por parte da jovem. Conciliar estudos e trabalho exige esforço físico e intelectual dos estudantes. No caso de Roberta, ela ainda consegue manter uma rotina de encontros com os colegas para realizar atividades e estudar juntos, mostrando uma disposição à perseverança e mobilização em relação aos estudos e planos.

Dos familiares de Roberta, entre as pessoas que ela mantém convivência próxima, ninguém cursou a universidade, todos pararam “mais ou menos na quinta, sexta, sétima série”. Mas em outros estados, ela tem parentes que se formaram em universidades públicas e particulares, apesar de não saber dizer em quais cursos.

Antes da pandemia, além dos estudos e trabalho, Roberta jogava futsal e frequentava a igreja, mas precisou interromper essas atividades pela necessidade do isolamento social. Ela também conta que gosta muito de ler e diz: “Eu leio bastante. Até que agora eu dei uma parada por conta desse negócio do curso e tendo que estudar, então assim, às vezes não sobra muito tempo, né. Mas assim, eu leio bastante mesmo”. Ela diz que é bem raro assistir televisão, até porque não tem muito tempo para isso, pois acorda na hora da aula, em seguida vai para o trabalho e a noite retorna cansada. Porém, na internet ela passa a maior parte do dia, pois estuda, faz curso, trabalha e usa nas horas vagas.

No círculo de amizades de Roberta, as conversas sobre os estudos e sua importância são constantes. Ela encontra nos amigos uma rede de apoio para essas questões. Mesmo durante a pandemia e a necessidade de afastamento presencial, esses amigos buscaram uma forma de se encontrarem, manterem uma rotina de estudos e conversas, conforme ela relata.

Então, a gente fala bastante, né. Até porque, a maioria dos meus amigos, a gente geralmente faz uma reunião pelo Google Meet, né, e a gente estuda junto. Então, por exemplo, quando tem aquelas apostilas da escola a gente faz a reunião e aí, tipo, a gente vai, cada um pega a sua, porque geralmente são diferentes e aí cada um lê a questão e todo mundo ajuda a resolver e aí a gente vai fazendo isso. Então assim, a gente conversa bastante sobre isso. A gente até tinha uma amiga nossa, é mais velha, que já tinha tentado, que tá fazendo faculdade né, pela federal, e aí ela conversou com a gente um pouco sobre Sisu, sobre o ENEM e tal. Então assim, a gente conversa bastante sobre isso. Porque todo mundo mais ou menos na minha faixa etária, a maioria dos meus amigos também são do [nome da escola], então assim, fazem a prova no mesmo dia que eu faço e tal, fazem as mesmas apostilas, então a gente conversa bastante sobre isso.

Um dos amigos que fazem parte desse grupo já pensou em desistir dos estudos para poder apenas trabalhar, ao que foi aconselhado pelos colegas e por Roberta.

Mas assim, é porque na verdade a pessoa tava passando por situações complicadas em casa, assim a pessoa, é uma pessoa... É muito raro eu escutar isso, geralmente os meus amigos são também, são bem mais, são bem focados. Mas assim, quando eu escutei, foi de uma pessoa específica que tava passando, que tá passando por umas situações complicadas em casa e aí acabou pensando em não fazer o ENEM, em abandonar o PISM, pra poder só trabalhar e ter uma condição melhor pra família, né. Mas aí a gente conversou, e a gente incentivou, a gente falou dá pra conciliar os dois, né, ou então pelo menos faz e aí depois quando sair a sua nota você vê se realmente se você vai querer ou não, mas até lá ainda tem tempo, né, e aí a pessoa realmente fez o PISM e tal, e tá estudando pro ENEM.

Além da família e dos amigos, Roberta menciona uma antiga professora que deu aula para ela no nono ano e que é uma grande incentivadora e sua referência, entre outros professores e amigos nos quais ela encontra muito apoio.

Foi no nono ano que ela foi minha professora e assim, até hoje a gente tem uma amizade incrível, né. E aí toda vez que a gente precisa pedir conselho, conversar sobre qualquer coisa, a gente fala com ela. Então assim, toda vez que eu tenho dúvida sobre alguma coisa muito importante, a primeira pessoa que vem na cabeça, assim pra perguntar, geralmente, é ela, né. Tem outros professores meus também que eu tenho amizade até hoje, que já deram aula pra mim há, sei lá, cinco, seis anos e eu tenho amizade até hoje, tenho o WhatsApp, sempre tô em contato, que sempre me incentivam também, sempre me mandam mensagem quando é dia de PISM, me mandam boa sorte, sabe. Passam mensagens positivas, que vai dar tudo certo, me lembram de fazer a inscrição e essas coisas assim, né. E as minhas amizades também, que assim sempre tão me incentivando. As vezes eu falo, nossa, eu tô tão cansada, eu acho que eu não vou aguentar estudar hoje, e as meninas falam, não vão sim, a gente faz reunião e a gente estuda junto.

Sobre a sua escola, Roberta diz que não tem do que reclamar, que gosta bastante de lá e que vê apenas pontos positivos. Ela destaca que os professores são muito bons e que o ponto que ela mais gosta é o fato de existirem professores de Educação Física específicos para cada esporte.

Eu acho isso muito legal, porque até então na escola municipal eu nunca tinha visto isso. Então assim, quando eu cheguei lá aquilo pra mim foi né, foi tudo. Assim, tinha professora específica pro futsal, pro futsal masculino e feminino, professor específico pro basquete e pro vôlei. Então assim, foi, eu

amei isso! Lá tem três professores específicos, né. Tem o do vôlei, o do basquete e a minha que era do futsal, né. Treinadores na verdade.

Roberta fala com bastante entusiasmo de sua escola e segue contando sobre algumas coisas que acontecem lá e ela acha muito interessante. Mesmo não tendo chegado a participar dessas atividades por causa da pandemia, ela conta que a escola oferecia uma viagem aos alunos formandos do terceiro ano, que “tinha várias coisas legais que eles faziam no terceiro ano e no segundo ano”. Ela também relata que havia um trabalho chamado “Circuito do Saber”, que era desenvolvido ao longo de cinco meses e tinha o envolvimento de toda a escola.

Uma parte do mês de julho, se eu não me engano, uma semana antes das férias, na verdade já começa no começo do ano e os alunos tem até o começo, até uma semana antes das férias pra organizar, né, assim um trabalho gigante, coletivo, né, que cada turma faz. Aí cada turma escolhe o seu tema, eu acho isso muito legal! É, cada turma escolhe seu tema e a turma tem que fazer assim, não é um trabalho que você apresenta na frente assim, é um trabalho que fica aberto pra escola inteira ir visitar. Aí cada turma tem um dia lá pra apresentar, aí fica igual exposições mesmo, né. Aí tem turmas que fazem teatro, e aí você tem que dar uma lembrancinha no final do circuito. E aí as turmas fazem teatro, tem turmas que fazem artesanatos e aí distribuem, é muito legal!

Roberta lembra que amava a escola do seu bairro, na qual estudou em todo o ensino fundamental, mas que precisou sair, pois lá não tinha ensino médio. Apesar disso, ela conta que é grande a diferença entre as redes de educação municipal e estadual. “É a questão dos professores, a questão do ensino, que estadual acaba sendo mais rígido, o colégio acaba sendo bem mais rígido, né”.

Aproveito a conversa sobre a transição entre o ensino fundamental e médio e essa percepção dela sobre as diferenças para questionar as diferenças que ela espera encontrar entre a escola e a universidade.

Eu acho que eu vou sentir um pouquinho a diferença sim. Porque assim né, geralmente, quando a gente é assim, até o ensino médio a gente é mais acostumado a fazer amizade com todo mundo e a gente brinca com todo mundo. E assim, é uma coisa séria, mas é mais descontraído do que o ambiente da faculdade. Então assim, eu acho que eu vou sentir a diferença mais nesse quesito.

Alguns professores de Roberta estão dando aulas on-line através do Google Meet, enquanto outros, apenas postam as atividades que devem ser realizadas no Google Sala de Aula. Ela afirma que, apesar de achar que não é o melhor momento para o retorno das aulas, caso ocorra, ela optará por assistir às aulas presencialmente, pois tem “um pouco de dificuldade nessa questão do EAD”.

Tenho um pouco de dificuldade nesse negócio de assim, porque na escola você acorda, você vai, você tem que ficar lá, mas em casa você acaba se distraindo, as vezes você acaba prestando atenção em outra coisa e aí assim, você tem que ter um esforço três vezes dobrado, né, três vezes mais, na verdade. E aí eu tenho um pouco dessa dificuldade, então assim eu acho que se voltar, pra mim, seria um pouco melhor. Ainda mais nesse final de ano, que tá vindo PISM III, né. Então assim, o máximo que eu puder absorver de estudo eu vou tentar absorver, né. Eu vou tomar todos os cuidados que eu puder tomar, né, ao máximo, mas eu vou sim.

Ao final da entrevista, Roberta pediu que eu explicasse sobre a assistência estudantil e as bolsas oferecidas pela universidade após o acesso. Com a minha explicação, ela afirmou que:

Eu não fazia ideia, eu sabia que existiam bolsas, né, mas eu não fazia ideia assim de que tinha essas outras. Da moradia eu até sabia, mas dessas outras eu não fazia ideia que tinha. A questão do vale transporte, por exemplo, eu não fazia ideia que tinha. Aí assim, foi muito importante pra mim, né.

Ela finalizou agradecendo e dizendo que ia aproveitar e repassar essa informação para os amigos, que seria importante para eles também. Ressalto, mais uma vez, que a falta de informações a respeito das oportunidades oferecidas na universidade, com relação à cursos, ao acesso, à permanência, ao funcionamento da instituição, é fator determinante para que estudantes abandonem seus planos pelo caminho. Mesmo em estudantes como Roberta, que possuem hábitos de estudo, uma relativa rede de apoio e algum conhecimento sobre esse campo.

3.1.11 Carolina

Cheguei até Carolina através de uma tia dela, que é minha colega de estudos, falou com a menina sobre a pesquisa e me passou seu telefone. Fiz o contato inicial com a estudante

por meio do WhatsApp e agendamos a entrevista para o dia 03 de agosto de 2021, às 10:00 horas, por chamada de vídeo.

No dia e horário combinados, fiz contato com Carolina e não tive resposta imediata. Após 40 minutos, ela respondeu que a internet em sua casa não estava boa e que a internet do seu celular não suportaria uma vídeo chamada, devido à quantidade de dados disponíveis que ela tem para utilizar. Propus o reagendamento para o dia 05 de agosto de 2021, no mesmo horário, e ela aceitou.

Na nova data combinada, entrei em contato com a menina, que respondeu que sua internet não havia voltado, pois o pai não havia pagado a conta. Carolina pediu desculpas e explicou que não era pretexto para deixar de participar, que até para assistir suas aulas on-line estava tendo dificuldades. Ela, então, perguntou se haveria alguma outra forma de realizar a entrevista sem ser por vídeo chamada. Sugeri a entrevista por áudio, onde eu enviaria a pergunta e em seguida ela me enviaria a resposta. Ela aceitou e assim foi feito. Nossa troca de áudios durou 34 minutos.

Carolina é uma adolescente de 17 anos e está no terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual na região central de Juiz de Fora. Antes de estudar nessa escola, ela estudava em outra escola estadual, que recentemente foi fechada pelo governo do estado de Minas Gerais. Segundo ela, esse fechamento se deu por falta de estrutura e os alunos foram todos mandados para a escola em que ela estuda atualmente. Ela fez todo o ensino fundamental e as duas primeiras séries do ensino médio na escola que foi fechada. A mudança de escola ocorreu no início desse ano de 2021.

Um dia antes de nossa entrevista, o contrato de trabalho de Carolina foi encerrado, por ter chegado ao prazo acordado entre as partes. Ela conta que ficou dois anos trabalhando como menor aprendiz no Banco do Brasil, estudando na parte da manhã e trabalhando na parte da tarde.

Após terminar o ensino médio, ela afirma não querer fazer faculdade, pois gosta mais de trabalhar. Sua pretensão é fazer curso técnico e concurso público. Apesar disso, ela está participando do PISM, vai fazer as provas do PISM III e o ENEM. Dentre os participantes da pesquisa, Carolina é a segunda jovem que não deseja cursar a universidade, apesar de considerá-la como uma possibilidade, caso seus planos principais não deem certo.

Sobre os seus planos ela conta que: “O curso técnico eu quero fazer mais para administrativa, porque quando eu trabalhei no banco, eu me identifiquei muito lá e eu quero continuar, entendeu? Fazer concurso também pro banco, pra área de escriturário”.

A menina diz não ter nenhum conhecimento sobre as formas de acesso à universidade, as cotas e a assistência estudantil, e que isso não era falado na sua escola.

A estudante é filha única e mora com seus pais. Ela conta que sua mãe “terminou agora a pouco o ensino médio” e que não sabe se seu pai chegou a completar a educação básica, mas acha que não. Os dois trabalham na área do comércio. Entre os familiares de Carolina, ninguém frequentou a universidade, “nem por parte de pai nem por parte de mãe”.

Grande parte de seu tempo é empregado nas atividades da igreja. A menina, que é evangélica, participa de alguns movimentos e grupos de jovens. Sobre seus estudos, Carolina relata que não tem o hábito de estudar em casa e nem o hábito de ler. Porém, ela diz que será preciso começar a estudar e menciona o concurso do Branco do Brasil que está com edital aberto para a área que ela deseja e as provas serão no próximo mês de setembro.

Então, o tempo que eu tava estudando no curso lá do meu serviço, né, aí era de 13:30 até 17:30, mas eu sozinha, vou ser sincera pra você, não estudo. Mas agora eu vou começar a estudar, porque em setembro vai ter concurso, então tem que estudar né. E eu não tenho o hábito de ler.

Suas falas indicam claramente que ela não possui hábitos de estudo e não realiza uma mobilização individual para atingir o seu objetivo principal no momento, que é ser aprovada em concurso público. As provas para o cargo que a jovem deseja acontecerão no mês de setembro. A entrevista foi realizada no início de agosto, pouco mais de um mês antes da prova, mas ela ainda não começou a estudar.

Carolina encontra apenas em seus pais o apoio e o incentivo para seus planos futuros, já que entre seus amigos não são comuns as conversas sobre os estudos e as pretensões futuras de cada um.

Os dois me orientam muito a estudar, mas assim, eles não me obrigam a nada, sabe. Me fala o que é melhor para mim e eles me apoiam muito em fazer. Se eu quiser fazer faculdade, eles vão me apoiar. Igual agora eu quero fazer concurso, eles me apoiam, falam para estudar, porque eles sabem como é difícil para eles, né, assim sem estudo, assim, e eles não querem a mesma coisa para mim. Então eles me orientam sim a estudar. No meio dos meus amigos são poucos. Uma ou duas amigas minhas que se interessam mais por conversar sobre isso, sabe. Os que mais me incentivam são meus pais mesmo, são eles.

A fala de Carolina aponta para o fato de os pais desejarem que ela tenha uma trajetória diferente da deles que, por terem tido pouco estudo, reconhecem as dificuldades ocasionadas

por isso. Mas, ao mesmo tempo, não é possível identificar em seu relato nenhuma estratégia de mobilização ou investimento realizado pelos pais e nem pela jovem.

A estudante não consegue falar muito sobre a sua atual escola, pois, quando iniciou os estudos nela, já estávamos em pandemia, então ela só participou do ensino remoto. Mas, ao ser questionada sobre a escola, ela responde sobre a anterior.

Então, eu nunca cheguei a participar de uma aula presencial nesse colégio que eu tô, né, no [nome da escola], porque todas as aulas foram online. Assim, nem foram aula, né, só atividade. Então assim, aí mas do [nome da escola], o que eu mais gostava era da..., que eu via dedicação de alguns professores, mesmo que alguns alunos mostrassem zero interesse. Gostava disso, gostava muito da diretora, que ela fazia de tudo pra gente também. Gostava do lanche que tinha (risos). E o que eu menos gostava era a falta de comprometimento do governo com o colégio, porque, por exemplo, o nosso banheiro não tinha nem porta, era uma falta de responsabilidade enorme.

Ela finaliza a entrevista contando que, ao chegar ao ensino médio, sentiu muita diferença em relação ao ensino fundamental.

Eu senti muita diferença, porque no ensino fundamental era mais brincadeira, né, não tinha aquela coisa de o que eu vou ser na frente, o que eu vou fazer da vida e quando eu cheguei no ensino médio eu senti uma cobrança maior, mas não tanto, né, porque o colégio público não que eu não estudava, né, não cobrava muito assim da gente. [...] No ensino fundamental, a gente saía mais com o colégio, sabe. Mas aí, a partir do ensino médio a gente não fez nada, literalmente nada. Nunca fomos a faculdade, museu, nada mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando esse trabalho foi pensado e colocado no papel, na forma de projeto, o cenário brasileiro era bem diferente do que vivemos nos dias atuais. É certo que já não estava bom, mas nada tão catastrófico como o que estamos vivendo. O governo de esquerda, o que mais investiu nas questões educacionais aqui postas, já havia sido retirado “à força” do poder. Já tínhamos retornado às mãos da inescrupulosa direita que pouco se importa com o povo. Mas, repito, nada que chegasse tão perto do que veio adiante. Algo inimaginável, ao menos para mim, quando mergulhei nesse trabalho.

Início minhas considerações finais com essa colocação, por ver total relação com o meu trabalho e, devido ao fato de, ao longo dessa pesquisa, muitas vezes me pegar pensando se eu conseguiria chegar ao final e o quanto todo esse cenário poderia impactar nos meus resultados. Tivemos Ministros da Educação com declarações que não condizem com a função ocupada em tal cargo, deixando ainda mais claro a importância da escolha desses ser baseada em um histórico de formação, atuação e capacidade técnica.

Abraham Weintraub afirmou que nas universidades públicas existem plantações de maconha e produção de drogas sintéticas nos laboratórios de química, cortou verbas, incentivou estudantes a filmarem e denunciarem professores que protestassem contra o governo em sala de aula, criou uma portaria para extinguir a cota de indígenas nos cursos de pós-graduação nas universidades públicas, se mostrou a favor de cobrança na mensalidade da pós graduação, interferiu na nomeação de reitores de universidades e institutos federais, entre tantas outras ações inacreditáveis que poderiam ser aqui mencionadas. Já Milton Ribeiro, o atual Ministro da Educação, declarou recentemente que "universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade", além de se denominar “patrulhador” da liberdade de expressão nas universidades federais e afirmar que “um reitor de universidade pública não precisa ser bolsonarista, mas não pode ser esquerdista ou lulista”. Sobre a política de cotas, disse considerar justo o percentual de vagas para não cotistas, que esses são os alunos preparados para estar na universidade e que “são os pais dos 'filhinhos de papai' que pagam impostos e sustentam a universidade pública”, não podendo esses ser prejudicados. Aqui foram colocadas somente algumas declarações grotescas e que tangenciam apenas o ensino superior.

Eu poderia retornar a diversos pontos do meu trabalho para rebater cada uma dessas falas, mas a intenção não é essa. Eu gostaria apenas de deixar aqui registrado o cenário político existente durante todo o desenvolvimento dessa dissertação.

A despeito do cenário político vivido e de todas as dificuldades impostas pela pandemia do Covid-19, consegui concluir essa pesquisa.

Destaco, primeiramente, a dificuldade encontrada em conseguir jovens do público-alvo dispostos a participar, foram muitas negativas. Após conseguir a participação, iniciava-se um novo desafio, a de fazê-los falar. Torres (2019) pontuou que esse “pouco interesse dos participantes da pesquisa em falar” é o “primeiro desafio para a compreensão das percepções dos jovens” e ressaltou que esse aspecto surpreende os “profissionais da área de Educação acostumados a falar com o jovem no ambiente escolar”. Realmente fui surpreendida, não esperava sentir tanta dificuldade. Eram muitas respostas monossilábicas, que quando estimulados a aprofundarem a reflexão demonstravam certo desconforto. Além das barreiras impostas pelas diferentes formas com que as entrevistas foram realizadas. As respostas por texto foram um grande entrave para a análise das representações dos alunos. Apesar de que, elas foram mantidas por acreditar que trouxeram dados que condiziam com o que era procurado.

Outro fato por mim percebido foi que devido à necessidade de reformulação da forma de abordar os alunos, ocasionada pela pandemia, a predisposição dos estudantes que aceitaram participar da pesquisa pode estar intrinsecamente relacionada a um percurso educacional diferenciado, impactando diretamente nos dados recolhidos.

A minha hipótese, que foi o ponto de partida desse trabalho, foi construída baseada em conversas que eu tive com alunos durante os anos em que lecionei e era a de que os estudantes do ensino médio de escolas públicas sonham em estar na universidade, mas não a consideram como uma possibilidade, por a verem como um espaço distante de suas realidades. Essa hipótese foi contrariada pelas 11 entrevistas realizadas, nas quais nove estudantes deixaram visível em suas falas que percebem a universidade como uma possibilidade e buscam isso de diferentes formas. Os dois alunos restantes, ainda que não tenham a universidade como o plano principal para após a conclusão do ensino médio, a colocam como uma segunda opção, mostrando que também a veem como uma possibilidade. A forma como cada aluno enxerga a universidade, as suas motivações e estratégias para alcançar esse espaço variam consideravelmente.

A maioria das respostas foi de encontro ao que foi descrito por Franco & Novaes (2001) ao realizarem pesquisa com alunos do ensino médio, onde identificaram que esses estudantes mostravam expectativa de ingressar no ensino superior e associavam tal fato à possibilidade de melhorias de vida. Sparta & Gomes (2005) também concluíram que o interesse por educação superior parece estar consolidado entre os jovens

Assim como encontrado por Heringer (2014), os entrevistados demonstraram desconhecimento sobre as possibilidades de acesso e permanência no ensino superior, e também seriam os primeiros de suas famílias a cursar esse nível de ensino.

Os participantes dessa pesquisa, a maioria pardos e negros, e todos alunos de escolas públicas, desconhecem as cotas que atendem justamente a esses grupos. Isso acentua a desigualdade de acesso, apesar da inclusão pretendida com a implementação das ações afirmativas.

Poucos alunos declararam ter recebido da escola informações sobre a universidade, passando pelas formas de acesso, as opções de cotas e a assistência estudantil, sendo que a maioria declarou que a escola sequer chegou a falar disso com eles alguma vez. Teixeira (2011) encontrou recorrentes relatos de que a passagem pelo ensino médio não potencializa a inserção no ensino superior. A autora ainda observou sobre a ausência de informações importantes relativas ao vestibular por parte da escola, relacionando de forma direta o desinteresse de alguns estudantes pelo ensino superior à responsabilidade da escola. Ainda nesse sentido, Leão, Dayrell & Reis (2011) identificaram a mesma narrativa sobre a falta de informações acerca do ensino superior, indicando uma demanda para a escola.

Alguns entrevistados compreendem melhor as regras do jogo por possuírem familiares e colegas que estudaram ou ainda estudam na UFJF e dão dicas, orientações sobre a universidade. Então, esses entrevistados beneficiam-se de informações que fazem com que organizem da melhor forma os seus investimentos escolares e obtenham “o melhor lucro de seu capital cultural” (BOURDIEU, 1996, p. 42). Mas, ainda assim, acredito que seja responsabilidade da escola passar todas essas informações, ainda mais em nível de ensino médio. O que me parece é que a própria escola pública sentencia que seus estudantes finalizarão os estudos ali, desconsiderando todos os planos e sonhos aqui relatados. Aqui se encontra o papel da pesquisa sociológica, de denunciar, tornar visível. É o primeiro passo para futuras propostas de solução do problema.

Com exceção do estudante que destacou ter uma família enorme, todos os outros possuem famílias pequenas, com poucos irmãos. Apesar da classe social dos participantes não

ter sido considerada na realização da entrevista, cabe aqui pontuar que Bourdieu afirmou que “os filhos das classes populares que chegam até o ensino superior parecem pertencer a famílias que diferem da média de sua categoria, tanto por seu nível cultural global como por seu tamanho” (BOURDIEU, 1998, p.43).

Todos os estudantes, por mais que alguns não tenham falado claramente, estão buscando desvios na trajetória de suas famílias, pois são filhos de pais que não cursaram a universidade, mas têm esse objetivo. Mesmo aqueles que não têm a universidade como primeira opção, desejam a aprovação em concursos, visando garantir a estabilidade que não veem na vida de seus pais. Para isso, são mobilizados pelos estudantes e seus pais diferentes tipos de estratégias, como mudança de cidade, busca por escolas que reconhecidamente possuam um melhor ensino, pagamento de cursinho preparatório, gastos com transporte público, além do investimento em tempo e abdicação de outras atividades. Os investimentos realizados pelos estudantes e suas famílias, sejam eles quais forem, visam os lucros que esperam obter em médio ou em longo prazo do mercado escolar, por perceberem reais possibilidades desse retorno, devido a um histórico de êxito estudantil ao longo da vida escolar desses estudantes.

Sobre êxito escolar, são muito semelhantes os discursos dos entrevistados nessa pesquisa e daqueles apontados por Viana (2021), encontrados nas suas entrevistas com estudantes do ensino superior oriundos das camadas populares. Esses entrevistados, ao justificarem que sempre foram bons alunos, falaram em boas notas, bom comportamento, boa relação com os professores, pais que nunca foram chamados na escola, que nunca precisaram estudar em casa, pois prestavam bastante atenção na aula. Isso, para os entrevistados dos dois trabalhos, caracteriza a excelência escolar. Para Bourdieu (1998), o êxito escolar está “diretamente ligado ao capital cultural legado pelo meio familiar”, embora o “determinante principal do prosseguimento dos estudos seja a atitude da família a respeito da escola”. Ao que parece, entre os participantes dessa pesquisa, a atitude das famílias em relação à escola é sempre positiva, com os estudantes encontrando apoio e incentivo por parte dos pais.

Para finalizar, pontuo que seria interessante realizar um trabalho que retornasse a esses alunos após dois ou três anos dessas entrevistas para verificar se eles realmente tentaram entrar na universidade ou se houve a auto-exclusão, se conseguiram, em quais cursos, e traçar um comparativo entre os planos que tinham e os atuais. Conforme afirmou Zago (2006), “a baixa autoestima faz estudantes de escolas públicas desistirem de entrar na universidade antes mesmo de tentar o vestibular”. Para Castro (2008), ainda há aqueles alunos que vão

diretamente para o mercado de trabalho, sem se qualificar ou dar prosseguimento aos estudos, sendo esse o caminho seguido pela metade dos alunos que se formam no ensino médio no Brasil. Entre os planos desses estudantes e a realização há um abismo de dificuldades. Por isso, esse retorno seria importante para traçar paralelos entre as esperanças subjetivas e as oportunidades objetivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

AFONSO, N. **Investigação Naturalista em Educação: Guia prático e crítico**. Porto: Asa Editores, 2005.

ANDIFES. **V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais**. 27 de maio de 2019. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-perfil-socioeconomico-dos-estudantes-de-graduacao-das-universidades-federais/>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

ANDIFES & FONAPRACE. **Relatório Executivo V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das IFES (2018)**. Uberlândia, Maio de 2019. 158 p. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioeco%CC%82mico-dos-Estudantes-de-Graduac%CC%A7a%CC%83o-das-U.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

ARAÚJO, J. A. de A. Educação, Desigualdade e Diversidade: grupos menos favorecidos frente ao sistema escolar brasileiro. **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, jul./out. 2012, p. 114-125.

BARBOSA, V. A.; LIMA, E. G. S. **Políticas de democratização da educação superior: análise do Programa de Integração e de Inclusão Étnico-racial (PIER) DA UNEMAT**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd, Goiânia, set./out. 2013, 15 p.

BERNHEIM, C. T.; CHAUI, M. de S. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior**. Brasília: UNESCO, 2008. 44 p.

BITTAR, M.; ALMEIDA, C. E. M. de. **Mitos e controvérsias sobre a política de cotas para negros na educação superior**. 29ª Reunião Nacional da ANPEd, Caxambu, out. 2006, 16 p.

BOGDAN, B.; BIKLEN, S.; **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora. 1994.

BORGES, E. M.; JESUS, D. P. de; SILVA, P. A. da. A educação a distância como política cidadã: potências e desafios. **Pesquisa e Debate em Educação**, 2013, p.86-99.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 9 ed.

BOURDIEU, P.; et. al. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 4 ed.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 8 ed.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 6 ed.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. **Decreto n. 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o artigo 80 da Lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. **Decreto n. 5.800**, de 8 de junho de 2006. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p.

CASTRO, C. de M. O ensino médio: órfão de idéias, herdeiro de equívocos. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 113-124, jan./mar. 2008.

Centro de Educação a Distância, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Quero ser aluno**. Disponível em: <<http://www.cead.ufjf.br/quero-ser-aluno/>>. Acesso em: 07. Abr. 2019.

Coordenadoria de Registros e Assuntos Acadêmicos. **Grupos de Vagas, PISM/Vest**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/cdara/pism-vestibular/grupos-de-vagas/>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

Coordenadoria de Registros e Assuntos Acadêmicos. **Grupos de Vagas, SISU**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/cdara/sisu-2/grupos-de-vagas/>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Atmed, 2007. 2 ed. 248 p.

FILHO, H. C. A Universidade Aberta do Brasil: estratégia para a formação superior na modalidade de EAD. **Revista Fonte**, ano 4, n. 6, jan./jun. 2007, p. 85-91.

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, mar. 2001, p. 167-183.

FRANCO, S. R. K.; et. al. **Dívida educacional social frente às demandas de ensino superior no Brasil**: é possível calcular? 37ª Reunião Nacional da ANPEd, Florianópolis, out. 2015, 17 p.

HADDAD, F. **O Plano de Desenvolvimento da Educação**: razões, princípios e programas. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 43p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

HERINGER, R. Um balanço de 10 anos de políticas de ação afirmativa no Brasil. **Revista TOMO**, n. 24, jan./jun. 2014, p.17-35.

HERMIDA, J. F. **Políticas de ação afirmativas (PAA), inclusão educacional e o problema da desigualdade social**. 27ª Reunião Nacional da ANPEd, Caxambu, nov. 2004, 16 p.

INEP. **Censo da educação superior 2014**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2016. 55 p. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2014/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2014.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.

IPEA. **Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. 41 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10107/1/Diagnostico_de_insercao_de_jovens.pdf>. Acesso em: 11 set. 2021.

LACERDA, W. M. G. De escolas públicas estaduais ao Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA): “a fabricação das exceções”. In: PIOTTO, D. C. (org.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 274p.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, out.-dez. 2011, p. 1067-1084.

MARCELINO, M. Q. S.; CATÃO, M. F. F. M.; LIMA, C. M. P. Representações Sociais do Projeto de Vida entre Adolescentes no Ensino Médio. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2009, 29 (3), 544-557.

MOURA, T. **Políticas públicas para o ensino superior brasileiro 2003-2014**, uma análise do PROUNI e FIES. Dissertação de mestrado, Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2016. 122 p.

NETO, E. G.; SANTANA, P. M. dos S. Ações afirmativas e cursos pré-vestibulares comunitários da Baixada Fluminense: possibilidades através do espelho de Narciso. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 2, jul./dez. 2012, p. 388-398.

NOGUEIRA, M. A. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 125-154.

OPNE. **Observatório do Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <<https://www.observatoriodopne.org.br/meta/ensino-medio>>. Acesso em: 12 set. 2021.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação: 2017**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. 12 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

RIBEIRO, M. Pela promoção da igualdade racial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de novembro de 2003, A3.

SALES, S. **Acordos e tensões**: o debate sobre políticas de ação afirmativa na universidade brasileira. 30ª Reunião Nacional da ANPEd, Caxambu, out. 2007, 17 p.

SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil, 2015**. Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior, 212 p. Disponível em: <<http://convergiacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SESU, Secretaria de Educação Superior. **Balanco Social SESU 2003-2014**. A expansão e democratização da educação superior no país 2003-2014. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SILVA, M. R.; OLIVEIRA R. G. (orgs.). **Juventudes e ensino médio**: sentidos e significados da experiência escolar. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2016. 316 p.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. ed rev. e ampl. Colaboradores: ARENARI, B., et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 404 p.

SPARTA, M.; GOMES, W. B. Importância Atribuída ao Ingresso na Educação Superior por Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, 2005, p. 45 – 53.

STOSKI, P.; GELBCKE, V. R. Juventudes e escola: os distanciamentos e as aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. In: SILVA, M. R.; OLIVEIRA R. G. (orgs.). **Juventudes e ensino médio**: sentidos e significados da experiência escolar. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2016. 316 p.

TEIXEIRA, A. M. F. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. **Observatório da vida estudantil** : primeiros estudos, Sônia Maria Rocha Sampaio (org.). Salvador: Edufba, 2011. 273 p.

TORRES, H. G. O que os jovens de baixa renda pensam sobre a escola. In: **Série Estudos & Pesquisas Educacionais**. n. 4, novembro 2013. Fundação Victor Civita: São Paulo, SP. p.167-204

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Graduação**. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/ufjf/ensino/graduacao/>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Estude na UFJF**. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/ufjf/estudenaufjf/>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Apoio Estudantil**. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/ufjf/ensino/apoio-estudantil/>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Pism 2019**: entenda o sistema de cotas. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2018/08/22/pism-2019-entenda-o-sistema-de-cotas/>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Quase 70% dos estudantes da UFJF têm renda familiar mensal per capita até 1,5 salário mínimo**. 16 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2019/05/16/quase-70-dos-estudantes-da-ufjf-tem-renda-familiar-mensal-per-capita-ate-15-salario-minimo/>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Mais de 60% dos estudantes da UFJF são oriundos de escolas públicas**. 21 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2019/05/21/mais-de-60-dos-estudantes-da-ufjf-sao-oriundos-de-escolas-publicas/>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Metade dos alunos usa transporte público para chegar à UFJF**. 30 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2019/05/30/metade-dos-estudantes-usa-transporte-publico-para-chegar-a-ufjf/>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Segundo pesquisa, 20% dos estudantes da UFJF trabalham**. 3 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2019/06/03/segundo-pesquisa-20-dos-estudantes-da-ufjf-trabalham/>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

VIANA, M. J. B. Em que consiste a excelência escolar nos meios populares? O caso de universitários da UFMG que passaram pelo Programa Bom Aluno de Belo Horizonte. In: PIOTTO, D. C. (org.). **Camadas populares e universidades públicas**: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 274p.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, mai./ago. 2006, p. 226-237.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA_FASE 1

- 1) Quantos anos você tem? Em qual escola você estuda? Em qual série está?
- 2) Em qual escola você estudava antes?
- 3) Você já trabalha ou se dedica apenas ao estudo?
- 4) Você está fazendo o PISM? Você vai fazer o ENEM?
- 5) Após terminar o ensino médio você pretende entrar na universidade ou trabalhar?
- 6) Caso queira entrar na universidade, a sua ideia é entrar na UFJF ou em alguma particular?
- 7) Qual curso você pretende fazer? Você conhece os cursos que a universidade possui?
- 8) Além das formas de acesso à UFJF, que são pelo PISM e SISU, você sabe como funcionam as cotas e as ações afirmativas, como bolsas, para os alunos que entram lá? Isso é conversado com vocês, explicado, pela escola, pelos professores?
- 9) Os seus pais frequentaram a universidade?
- 10) Você conhece alguém que estuda na UFJF ou que se formou lá? Alguém da família?
- 11) Você tem o hábito de estudar em casa? Por quanto tempo em média? Você tem o hábito de ler?
- 12) Além dos estudos, você realiza outras atividades como curso de idiomas, esporte, religião?
- 13) Você mora com a sua família? Como é a composição da sua família?
- 14) A sua família te orienta sobre estudo e trabalho, te incentiva, te apoia? Como isso acontece?
- 15) Nas suas conversas com sua família, seus amigos, colegas de estudo, com seu círculo de convivência, vocês conversam sobre os estudos, sobre a universidade, sobre a importância disso?

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA_FASE 2

- 1) Quantos anos você tem? Em qual escola você estuda? Em qual série está?
- 2) Em qual escola você estudava antes?
- 3) Você já trabalha ou se dedica apenas ao estudo?
- 4) Você está fazendo o PISM? Você vai fazer o ENEM?
- 5) Após terminar o ensino médio você pretende entrar na universidade ou trabalhar?
- 6) Caso queira entrar na universidade, a sua ideia é entrar na UFJF ou em alguma particular?
- 7) Qual curso você pretende fazer? Porque esse curso? Você conhece os demais cursos que a universidade possui?
- 8) Além das formas de acesso à UFJF, que são pelo PISM e SISU, você sabe como funcionam as cotas e as ações afirmativas, como bolsas, para os alunos que entram lá? Isso é conversado com vocês, explicado, pela escola, pelos professores?
- 9) Para você, qual é o significado de entrar na universidade?
- 10) Você mora com a sua família? Como é a composição da sua família?
- 11) Os seus pais frequentaram a universidade? Qual é o nível de instrução que eles possuem? E dos demais membros da sua família?
- 12) Você conhece alguém que estuda na UFJF ou que se formou lá?
- 13) Você tem o hábito de estudar em casa? Por quanto tempo em média? Quem define esse hábito? É preciso a coordenação dos seus pais nesse aspecto?
- 14) Você tem o hábito de ler, gosta de ler, o que lê?
- 15) Além dos estudos, você realiza outras atividades como curso de idiomas, esporte, religião? Como é a sua rotina diária?
- 16) A sua família te orienta sobre estudo e trabalho, te incentiva, te apoia? Como isso acontece? Quem mais te incentiva além dos seus pais?
- 17) Nas suas conversas com sua família, seus amigos, colegas de estudo, com seu círculo de convivência, vocês conversam sobre os estudos, sobre a universidade, sobre a importância disso?
- 18) Quais os pontos positivos e negativos você vê na sua escola?
- 19) Você sentiu muita diferença entre o ensino fundamental e o médio? Quais diferenças você espera encontrar entre o ensino médio e o ensino superior?

ANEXO

Quadro A1. Cursos e turnos das graduações presenciais

Cursos	Turnos
Bacharelado em Administração	Integral e Noturno
Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo	Integral
Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design	Integral
Bacharelado em Artes Visuais	Noturno
Licenciatura em Artes Visuais	Noturno
Bacharelado em Ciência da Computação	Integral e Noturno
Bacharelado em Ciência da Religião	Noturno
Licenciatura em Ciência da Religião	Noturno
Bacharelado em Ciências Biológicas	Integral
Licenciatura em Ciências Biológicas	Integral
Bacharelado em Ciências Contábeis	Diurno e Noturno
Bacharelado em Ciências Econômicas	Diurno e Noturno
Bacharelado em Ciências Exatas	Diurno
Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas	Diurno e Noturno
Bacharelado em Ciências Sociais	Noturno
Licenciatura em Ciências Sociais	Noturno
Bacharelado em Cinema e Audiovisual	Diurno
Bacharelado em Design	Diurno
Bacharelado em Direito	Diurno e Noturno
Bacharelado em Educação Física	Diurno
Licenciatura em Educação Física	Diurno
Bacharelado em Enfermagem	Diurno
Licenciatura em Enfermagem	Diurno
Bacharelado em Engenharia Ambiental e Sanitária	Diurno
Bacharelado em Engenharia Civil	Diurno
Bacharelado em Engenharia Computacional	Diurno
Bacharelado em Engenharia de Produção	Noturno
Bacharelado em Engenharia Elétrica – Energia	Noturno
Bacharelado em Engenharia Elétrica – Robótica e Automação Industrial	Diurno
Bacharelado em Engenharia Elétrica – Sistemas de Potência	Diurno
Bacharelado em Engenharia Elétrica – Sistemas Eletrônicos	Diurno
Bacharelado em Engenharia Elétrica – Telecomunicações	Diurno
Bacharelado em Engenharia Mecânica	Diurno
Bacharelado em Estatística	Integral
Bacharelado em Farmácia	Diurno
Bacharelado em Filosofia	Diurno e Noturno
Licenciatura em Filosofia	Diurno e Noturno

Bacharelado em Física	Integral
Licenciatura em Física	Noturno
Bacharelado em Fisioterapia	Diurno
Bacharelado em Geografia	Diurno e Noturno
Licenciatura em Geografia	Diurno e Noturno
Bacharelado em História	Diurno e Noturno
Licenciatura em História	Diurno e Noturno
Bacharelado em Jornalismo	Diurno e Noturno
Licenciatura em Letras – Libras	Noturno
Bacharelado em Letras – Tradução	Integral e Noturno
Licenciatura em Português	Integral e Noturno
Licenciatura em Espanhol	Integral e Noturno
Licenciatura em Francês	Integral e Noturno
Licenciatura em Inglês	Integral e Noturno
Licenciatura em Italiano	Integral e Noturno
Licenciatura em Latim	Integral e Noturno
Bacharelado em Matemática	Diurno
Licenciatura em Matemática	Diurno
Bacharelado em Medicina	Diurno
Bacharelado em Medicina Veterinária	Diurno
Bacharelado em Moda	Diurno
Bacharelado em Música – Canto	Diurno
Bacharelado em Música – Flauta Transversal	Diurno
Bacharelado em Música – Piano	Diurno
Bacharelado em Música – Violão	Diurno
Bacharelado em Música – Violino	Diurno
Bacharelado em Música – Violoncelo	Diurno
Bacharelado em Música – Composição	Diurno
Licenciatura em Música	Diurno
Bacharelado em Nutrição	Integral
Bacharelado em Odontologia	Diurno
Licenciatura em Pedagogia	Diurno e Noturno
Bacharelado em Psicologia	Diurno
Bacharelado em Química	Integral
Licenciatura em Química	Noturno
Bacharelado em Rádio, TV e Internet	Integral
Bacharelado em Serviço Social	Integral e Noturno
Bacharelado em Sistemas de Informação	Noturno
Bacharelado em Turismo	Diurno e Noturno

Quadro A2. Cursos e polos das graduações a distância

Cursos	Polos
Bacharelado em Administração Pública	Bicas, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Juiz de Fora , Ubá
Licenciatura em Computação	Araxá, Barroso, Boa Esperança, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Governador Valadares, Ilícinea, Ipatinga, Juiz de Fora , Timóteo, Tiradentes, Ubá
Licenciatura em Educação Física	Boa Esperança, Cataguases, Governador Valadares, Ipanema, Lagoa Santa, Salinas, Santa Rita de Caldas, Santos, Serrana, Sete Lagoas
Licenciatura em Física	Barroso, Cataguases, Durandé, Governador Valadares, Ilícinea, Juiz de Fora , Lavras, Timóteo
Licenciatura em Matemática	Araxá, Buritizeiro, Cataguases, Durandé, Governador Valadares, Ilícinea, Juiz de Fora , Lagoa Santa, Sete Lagoas, Timóteo, Tiradentes, Ubá
Licenciatura em Pedagogia	Barroso, Bicas, Boa Esperança, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Coromandel, Durandé, Ipanema, Sete Lagoas, Timóteo, Tiradentes, Ubá
Licenciatura em Química	Barroso, Boa Esperança, Cataguases, Ilícinea, Juiz de Fora , Sete Lagoas

Quadro A3. Grupos de vagas

Grupo	Condição
A	Candidatos com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita familiar mensal que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública e que se declarem pretos, pardos ou indígenas.
A1	Candidatos com deficiência, com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita familiar mensal que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública e que se declarem pretos, pardos ou indígenas.
B	Candidatos com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita familiar mensal que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública, independentemente de outra declaração.
B1	Candidatos com deficiência, com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita familiar mensal que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública, independentemente de outra declaração.
C	Vagas de ampla concorrência, independentemente de renda ou de escola.
D	Candidatos que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública e que se declarem pretos, pardos ou indígenas, independentemente de renda.
D1	Candidatos com deficiência que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública e que se declarem pretos, pardos ou indígenas, independentemente de renda.
E	Candidatos que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública, independentemente de renda ou autodeclaração.
E1	Candidatos com deficiência que tenham cursado o ensino médio integralmente em escola pública, independentemente de renda ou autodeclaração.
F	Candidatos surdos que concorrem à vaga apenas no curso de Letras modalidade Libras.

Quadro A4. Modalidades de Apoio Estudantil

Apoio	Descrição
Bolsa PNAES	Incentivo financeiro mensal, no valor de R\$ 500, com vistas a ampliar o acesso às condições de permanência na Educação Superior.
Bolsa Permanência	Concedido nos termos do Programa de Bolsa Permanência do Ministério da Educação, com valor mensal de R\$ 400. *A bolsa PNAES e a Bolsa Permanência não poderão ser acumuladas. Porém, é permitido o acúmulo da Bolsa PNAES e da Bolsa Permanência com os diferentes auxílios, de acordo com o perfil socioeconômico do grupo familiar.
Auxílio Moradia	Vaga na Moradia Estudantil da UFJF ou incentivo financeiro mensal no valor de R\$ 370,00, destinado a estudantes que, devido ao ingresso no ensino superior, residam ou venham a residir na cidade sede do campus no qual está matriculado e o grupo familiar seja residente em cidade distinta.
Auxílio Transporte	Incentivo financeiro mensal, destinado aos alunos que utilizam transporte coletivo municipal no deslocamento da residência ao respectivo campus universitário, durante os períodos letivos. O valor do auxílio varia, de acordo com o preço da passagem de transporte urbano municipal. *Nesta modalidade, o incentivo poderá ser concedido aos estudantes residentes em cidade distinta da sede do campus universitário, sendo considerado no cálculo o valor do transporte urbano municipal, no deslocamento do centro da cidade ao respectivo campus, durante os períodos letivos.
Auxílio Creche	Destinado ao custeio parcial das despesas com os (as) dependentes legais do(a) beneficiário(a), até o limite de idade de 5 anos, 11 meses e 29 dias, inclusive, no valor de R\$ 321 mensais. *Caso ambos os pais e/ou responsáveis legais sejam discentes da UFJF, apenas um fará jus ao auxílio o qual também não poderá ser acumulado com benefício da mesma espécie.
Auxílio Alimentação	Acesso gratuito às refeições oferecidas pelo Restaurante Universitário (RU).